MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA

Padre Joaquim José da Rocha Espanca

CADERNOS CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA VIÇOSA

Cadernos Culturais

da

Câmara Municipal

de

VILA VIÇOSA

Procurando recuperar aspectos da cultura tradicional alentejana e promovendo obras actuais, os cadernos culturais fornecerão aos leitores em geral e aos Calipolenses em particular um melhor conhecimento do contexto histórico e social da actual geração.

NA CAPA:

Ermida de S.Tiago

NA CONTRACAPA:

Avenida da Estação

(Slides gentilmente cedidos pelo Sr. Carlos Faria)

NOTA IMPORTANTE

A presente publicação é cópia integral do texto do manuscrito de AS MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA, tendo-se unicamente procedido às actualizações ortográficas que as circunstâncias justificavam.

MEMÓRIAS

DE

VILA VIÇOSA

MEMÓRIAS
DE
VILA VIÇOSA

OU

ENSAIO DA HISTÓRIA DESTA VILA TRANSTAGANA, CORTE DA SERENÍSSIMA CASA E ESTADO DE BRAGANÇA, DESDE OS TEMPOS MAIS REMOTOS ATÉ AO PRESENTE, SEGUNDO O QUE PÔDE COLIGIR O SEU AUTOR

O PADRE

JOAQUIM JOSÉ DA ROCHA ESPANCA

natural da mesma vila e Pároco de Pardais

Memento dierum antiquorum.

(Deut. XXXII, 7)

PRIMEIRA PARTE
E
TOMO PRIMEIRO

1880

CAPITULO VI

I

Resenha de vários vestígios da antiga povoação de Vila Viçosa. - Notícia da Corte do Pretor e do vico ou bairro da Aldeia dos bugios, que hoje se chama simplesmente - Aldeia.

> Esta vila, cuja planta é das mais regulares, está situada num terreno aprazível e delicioso, abundante de águas, tomando o novo nome da amenidade do sítio. A sua antiga povoação era fora dos muros da vila, no lugar, em que está a ermida de S.Tiago.
>
> *(Pestana - V.Viçosa no Alm. de Lembr. de 1863)*

1.

Estabelecido fica já com sólidos fundamentos, que Vila Viçosa teve seu princípio (ao menos) com a fundação do templo de Proserpina; e agora cumpre-me satisfazer a promessa, que atrás fiz, de ajuntar ainda mais alguns testemunhos da prisca origem de minha pátria.

Mas antes que o faça, tornarei a lembrar aos leitores, que, se aceito aquela opinião acerca da primitiva fundação desta vila, é, não só por achá-la baseada em razões ponderosas, mas também porque faço distinção entre a povoação do lugar, como cidade (urbs, oppidum), como aldeia ou póvoa (oppidulum, pagus, vicus), e como simples agregado de exploradores agrícolas (villae), isto é, de quintas, hortas e casais dispersos. E assim, se é meu parecer, que Vila Viçosa só foi povoação Romana de segunda ou terceira ordem (pagus, vicus) depois da fundação do templo de Proserpina, já não concordo, em que o seu vale fosse até ali um perfeito deserto. Tenho por certo, e hei-de convencer os meus leitores neste capítulo, de que, pelo menos, existiam por aqui já estabelecimentos agrícolas, ainda que dispersos, como hoje há pelas margens das levadas, para serem aproveitadas aquelas terras mimosas e de regadio.

2.

Erro grosseiro é sem dúvida o julgar-se, que a província do Alentejo tem sido sempre um deserto, e que só depois da organização da Monarquia Portuguesa se têm multiplicado os seus povoadores. Não é assim. Quem lê as geografias de Strabão, Ptolomeu e Plínio, apesar de imperfeitas, vê que o nosso país, durante o domínio dos Romanos, estava coberto de muitas e florescentes cidades com imensas aldeias, que não continham menos moradores do que na actualidade, como se colige dos vestígios de grandeza de muitas povoações daquela época, ainda subsistentes, e de outras em maior número, que apenas mostram hoje em suas ruínas o quanto eram ricas e populosas.(1) Disto verão os leitores alguns exemplos, quando eu fizer a resenha dos vestígios das povoações romanas de Pardais neste mesmo capítulo, e mormente, quando em capítulo apartado recensear os de Bencatel, que são os mais abundantes de todos os do nosso território.

Julgo fazer justiça aos primeiros povoadores da nossa Transtagânia, crendo que não eram tontos. Sim: não posso convencer-me de que cultivassem com seus suores terrenos ingratos de segunda e terceira classe, enquanto lhes era fácil achar veigas mimosas ou terras de primeira classe com fontes naturais, que as regassem e fecundassem, e aptas para produzirem a maior soma possível de frutos com o menor custeamento de suores e fadigas.

Concedo que os descobridores do Alentejo se enganassem às primeiras emigrações para estas plagas, fazendo escolhas mal acertadas por falta de conhecimento prático do país; e que só por acaso fossem estabelecer-se em sítios sem pureza de águas nem clima salubre: porém, depois de bem explorados os campos, não caíam já, decerto, nos erros que cometeram os primitivos habitadores de Terena e Juromenha. Esta última, cuja remota antiguidade é incontestável, não tem águas nativas que corram espontâneamente, mas apenas alguns poços que, como os outros mais que se encontram para o noroeste até o Alandroal, são de águas grosseiras e mal saborosas. Tem, é verdade, o rio Guadiana, que

---

(1) *Na Geographica orbis notitia de Jorge Fournier, quando exalta a imensa população da Lusitânia, aduz o seu autor o testemunho de Angelo Pacense (na Vida de S. Manços) que refere terem-se achado nela, quando se ultimou o recenseamento de César Augusto, cinco milhões e sessenta e oito mil chefes de família ou fogos: o que já me parece exagerado. Devia ser de almas. Pág. 354.*

- Paulo Orosio atribui a toda a Espanha na 1ª época dos Imperadores 70 milhões de almas e dá a Mérida uma guarnição de 90 000, sustentada por ela, que era provavelmente o exército de toda a Lusitânia. Posto que haja exageração nos antigos, Mr. Viardot opina que a população de Espanha orçava ao menos pelo triplo do que ela é ao presente. Veja-se Romey - Hist. d'Hisp., Tomo 3º - pág. 42.

que lhe rega as campinas e lhe roça até pelos muros para a defender pela parte do sul, mas esse rio, de verão, passa-se a vau; e as suas lezírias e cascalheiras exalam miasmas tão deletérios que tornam a povoação insalubre no estio, sendo ali tão constantes as febres intermitentes que um rifão popular diz que "em Juromenha, de verão, até os gatos têm sezões". - Terena, que parece ter sido povoação cartaginesa ou céltica, está um pouco melhor situada, ao menos desde o tempo de D. Dinis, cuja cerca de muros tem há muitos anos por únicos habitadores os numerosos grupos de cegonhas(1) que ali vão aninhar-se e cuidar da multiplicação da sua espécie. As suas terras são areentas e inferiores às de Juromenha, bebendo os seus moradores igualmente de poços de águas tão pouco puras como as daquela. Ao norte e ao oriente, passa-lhe a ribeira de Luciféce, cuja corrente cessa nos meses do estio, restando apenas longas poças de águas pútridas para tornarem o seu clima quase tão sezonático e doentio como o de Juromenha. - Estas duas vilas são escassas de frutas e hortaliças, abundando apenas em montados de azinho e sobro, e em melancias e melões as várzeas do Guadiana; os seus habitantes, com raríssimas excepções, têm todos uma cor pálida e bacenta; e outro tanto desfrutam os que demoram naquelas paragens até à foz do Luciféce.

Já não acontece assim com a zona que principia na vila do Alandroal e vai subindo para o norte e noroeste, compreendendo os alfozes de Vila Viçosa, Borba, Estremoz e Elvas. Ao passo que nos campos de Juromenha e Terena o ar é pesado, quente e abafadiço, caminhando em busca de Estremoz vai-se encontrando cada vez mais leve e fresco, a ponto de ser já fria a atmosfera nos arredores desta última vila. Nestes sítios hão-de encontrar-se numerosos povoadores, enquanto o mundo for habitado.

Confesso que, nestas quatro comarcas, não são os terrenos todos de primeira classe; mas há muitos que o são; e as fontes e levadas de águas nativas abundam tanto que todos estes povos, e principalmente Borba e Vila Viçosa, prescindem de fábricas a vapor para as suas moagens de cereais e azeitona, excepto nalgum ano de extraordinária estiagem porque os seus baratos engenhos de água lhes produzem farinhas para seu consumo e para fornecer em outra tanta quantidade aos povos circumvizinhos que necessitam delas.

---

(1) *Quando em 3 de Junho de 1880 fui excursar pelos campos de Terena, até nas ameias da célebre Igreja da Senhora da Boa Nova encontrei um ninho delas.*

Ora, os primeiros povoadores desta parte da nossa província não eram loucos ou tão mal avisados que desperdiçassem vantagens tão grandes quando estes alegres e férteis campos jaziam no estado "nullius", podendo pertencer a quem deles primeiro se apossasse. Isto fez-se indubitavelmente, e muitos séculos talvez antes do domínio dos Cartagineses.

Alandroal, Vila Viçosa, Borba e Estremoz são lugares de povoações muito antigas porque os seus pingues terrenos e seus óptimos climas não podiam deixar de atrair exploradores de tão cómoda e aprazível vivenda. Embora não chegassem a ser populosas cidades no tempo dos Cartagineses e dos Romanos, haviam de ser vilares, póvoas ou aldeias de estabelecimentos agrícolas.(1)

3.

Agora cingir-me-ei ao ofício de simples historiador, mencionando alguns vestígios de antiguidade que provam não ser Vila Viçosa tão moderna como irreflectidamente acreditou o Teatino D. Luis Caetano de Lima, por sugestões frívolas do cronista dos Frades Gracianos.

A antiguidade é noite escura, reconheço-o; mas diferente coisa é ter-se dado um facto do que provar-se o mesmo facto. A "não prova" por falta de documentos não destrói a existência desse facto: destrói, sim, a sua demonstração.(2) Assim, pois, a antiguidade fica sendo noite escura em que apenas se vê o lampejar de alguma estrela no meio da cerração das trevas; e, não havendo quem escrevesse nessas épocas ou não se conservando os seus escritos, é hoje impossível descortinar o que então sucedeu. O passado, nestas condições, é tão impenetrável como o futuro!

Parece-me, contudo, poder constatar aqui os movimentos efectuados pela antiga povoação de Vila Viçosa antes de ser agregada aos domínios da Coroa Portuguesa.

Da Ermida de Santiago se vem movendo a aldeia romana de Vila Viçosa para o poente, como quase todas as povoações, ocupando o terreno em que ficam hor

---

(1) *Tenho dúvidas a respeito da etimologia de Alandroal dada pelo corógrafo Padre Costa porque os antigos diziam comumente Landroal e não Alandroal; Estremoz indica o latino Stremotium, revelando uma aldeia romana; e Borba é nome fenício ou céltico talvez.*

(2) *"Qu'une chose ait été faite, et qu'elle ait été écrite, c'est tout différent; il y en a beaucoup qui se font et ne s'écrivent pas." - Catequismo de Perrone.*

tas de um e outro ribeiro, até chegar ao baixo Rossio de S. Paulo e Terreiro de Santo Agostinho, tomando feição de póvoa somente no Baixo Rossio, o qual é verdadeiramente o centro da aldeia romana e mourisca.

Que o cimo do Outeiro do Ficalho era povoado ainda no século XVI prova-se com as moedas portuguesas que ali se encontram e até de El-Rei D. Manuel e D. Sebastião, algumas das quais recebi por mão do meu amigo de infância Inácio da Rosa Rebelo, quando seu pai fabricou duas eiras lajeadas num dos farragiais que ali possui.

Enquanto a moedas e outros pequenos vestígios de antiguidade, é preciso notar que eu, escritor destas Memórias, me ausentei de Vila Viçosa contando apenas dezassete anos de idade (1856), para cursar os estudos em Evora, e que dois anos depois minha família fixava a sua residência nesta aldeia de Bencatel, onde vivo ainda, e conquanto situada só a quatro quilómetros da minha pátria, não posso ter conhecimento das moedas e outros vestígios, fáceis de se moverem, que ali possam ter aparecido neste meio tempo. Enquanto a moedas romanas, sei apenas de um asse do Imperador Adriano, achado nos olivais e que me foi mostrado por Manuel Maria da Silva Prezado. Posto isto, continuemos.

Ao lado oriental dos farragiais do Outeiro do Ficalho (que foram assentos de arrabaldes antigos, como deixei provado), está a azinhaga das Fontaínhas, ou antiga estrada, que da Porta do Sol da Cerca de D. Dinis abria caminho para Olivença. No meio desta azinhaga via-se um poço antigo e concelheiro, que distará uns duzentos metros da Ermida de Santiago, tendo apenas interposta a Horta da Cruz. Este poço, com as escavações operadas pelas correntes do ribeiro do Rossio e outras águas que ali afluem, chegou a pôr-se quase raso do fundo, e assim vasava para o ribeiro uma boa telha de água; porém, no outono de 1849 concedeu a Câmara Municipal ao cirurgião Francisco Zeferino Mendes, dono da Horta da Cruz, que pudesse cobrir o dito poço, dando-lhe a forma de fonte com uma bica de cantaria, e recebendo ele em compensação o aproveitamento exclusivo das sobras da mesma fonte, que continuou a ser do Concelho. Agora pergunto: de que servia um poço público neste sítio, se não tivesse havido ali algum arrabalde antigo? Os hortelões não precisam dele para beberem porque têm fontes nos seus prédios. Logo, esse poço já estava ali quando em 1267-70 os portugueses repartiram as nossas terras...

E houve efectivamente ali um arrabalde que ainda no século XIV se interpunha até ao Castelo, pois dele faz menção o nosso velho cronista Fernão Lopes, como havemos de ver quando chegarmos a tratar da guerra de independência nacional, que sucedeu à morte de El-Rei D. Fernando.

A povoação romana e depois sarracena regularizou-se por fim, ocupando o baixo Rossio de S. Paulo e a Aldeia, como dito fica já. Temos uma prova disso na Fonte do Poço do Alandroal que também primitivamente foi só poço, como o está dizendo ainda uma rua próxima que tem o nome de Rua do Poço. Um pouco mais acima estava outro poço concelheiro no lugar onde se vê a varanda ou eirado das casas de José Elizardo Pombeiro, o qual foi tapado para construir a tal varanda nos fins do século XVIII por Joaquim Falcão da Gama e Sousa ou por seu pai João Falcão da Gama com licença da Câmara, ficando porém obrigado o senhorio daquele prédio (dizem os antigos) a destapá-lo em anos de estiagem e franqueá-lo ao público: o que nunca ainda se pôs em prática. Vem assim a ficar este poço num corredor por baixo da escada, e seria necessário conservar-se patente a porta principal da moradia para o povo poder aproveitar-se das suas águas. Ora, esta provisão de águas, feita em poços, quando podia fazer-se e se faz agora em fontes perenes, revela claramente a existência ali de uma povoação, ainda nascente, ou de uma aldeia.

Mais. Em frente deste último poço, ao sul do Rossio, está um arrabalde com três ruas, conhecido pelo nome próprio de Aldeia entre nós, e pelo de Aldeia dos Bugios no século XVII, como refere Cadornega e se vê nalguns cadastros da Câmara.(1) Ora, não pode achar-se outra explicação da origem deste nome senão supondo que este bairro é ainda um resto da aldeia mourisca do século XIII. Havendo os reis portugueses de fortificar a nova povoação, anexada aos seus domínios, claro está que não deviam levantar o Castelo no vale, mas sim na eminência, onde ainda se vê, e daqui resultou a distinção entre a parte velha e a nova da povoação, chamando os calipolenses Vila à nova e Aldeia à velha; além de que os mouros forros habitavam em bairros separados, e deviam continuar a viver ali por isso mesmo.

Aqui vêem, pois, os leitores o assento por onde, segundo a tradição dos antigos, repousou a povoação de Vila Viçosa até ser conquistada pelos portugueses. Meio quilómetro de afastamento para o ocaso do sol não era distância considerável para negar que a moderna vila seja representante da póvoa de Proserpina...

Mas apesar de ser tradição dos velhos que a mais antiga aldeia de Vila Viçosa campeou no Outeiro do Ficalho, junto do templo de Proserpina ou Igreja

---

(1) *Descrição de Vila Viçosa por A. de O. Cadornega, ms. - Nos cadastros do lançamento do imposto do maneio, ainda no século passado se nomeia por Aldeia dos Bugios o bairro mais austral desta vila.*

de Santiago, tradição de que se fez eco Pestana Leal, como se vê na epígrafe deste capítulo, eu não concordo com isso por falta de vestígios bastantes a assegurar a existência de uma póvoa ali, em torno do templo gentílico. Depois de muitos anos de cismação na matéria, não tenho dúvida em afirmar que no Outeiro do Ficalho nunca houve aldeia romana, isto é, um grupo de casas com ruas em maior ou menor número; houve ali, e desde ali para o poente o que há hoje ainda: hortas ou quintas com suas vivendas, que poderiam ser mais numerosas; não, porém, uma aldeia ou povoação urbana propriamente dita. Essa aldeia, em meu entender, foi logo desde o tempo dos romanos onde hoje é o baixo Rossio e suas circumvizinhanças, tendo por centro o manancial que, profundado em anos de seca, passou a ser poço de godos e árabes, e fonte dos modernos com o título de Fonte do Alandroal.

E as provas disso?... Vou dá-las.

A azinhaga de S. Marcos, tão funda como a velha Évora, não tem igual, apesar de cavada pelo trânsito em terreno argiloso, conduzia dos vilares de Pardais e do Alandroal até ao manancial sobredito pela Aldeia de Baixo e continuava depois para a Terrugem e Elvas por Santiago e Porto d'Elvas. Ao mesmo poço ou manancial convergiam as estradas vicinais de Bencatel, Cortes e Borba, não restando a menor dúvida de que ali era o centro da antiga povoação de Vila Viçosa em tempo de romanos, godos e mouros. Se as azinhagas de Bencatel ou Portela e da Porta da Esperança para o Outeiro do Ficalho não são tão fundas é por cair o trilho de passageiros e veículos sobre duras piçarras; mas estas mesmas lá as têm os calipolenses gastas a mais de um metro de profundidade... Não foram decerto os portugueses que puseram todas estas estradas em tamanha fundura! O entroncamento, pois, delas no sítio da Fonte do Alandroal é prova bastante, e sobeja até, da existência ali da primitiva aldeia romana. Eu disso estou intimamente convencido. Não é preciso argumentar com a existência do templo de Proserpina para fazer remontar até àquela idade a fundação da antiga Vila Viçosa. Quando esse templo foi edificado já o nascente da Fonte do Alandroal tinha quem lhe fizesse vizinhança. Assim o creio firmemente, e o abono com as vias antigas, cujos vestígios são bem patentes.

Continuarei com esta matéria no capítulo XV para orientar bem os meus leitores. Aí lhes farei ver que esta povoação, embora não passasse de uma simples aldeia sem atingir as proporções de cidade, até por jazer em humilde, se bem que viçoso, vale, continuou a subsistir com vária fortuna até o tempo dos portugueses, que ali a encontraram já com os seus antigos poços. Chamaram -

-lhe Aldeia do Bugio por ser vivenda de mouros; e, como a vila moderna foi crescendo até ligar com a aldeia dos mouros, confundiu-se parte desta, ficando o nome de aldeia restringido somente ao bairro extremo do sul do Rossio.

Também provarei a seu tempo que essa aldeia esteve separada longos anos da moderna Vila Viçosa, chamando os nossos avós Arrabalde do Alandroal ao sítio da fonte do mesmo nome por ficar da parte daquela vila, cuja estrada antiga era por ali. Por isso mesmo que o arrabalde se chamava do Alandroal, e não por nenhum azeite lançado na fonte da mesma vila e vindo ter à nossa (o que é pura fábula), teve a fonte do baixo Rossio a denominação de Fonte do Alandroal.

E bastará por ora o que fica dito.

4.

Agora citarei dois monumentos, cuja força probativa (depois dos monumentos do templo de Proserpina e suas vizinhanças, já arquivados) é decisão terminante em favor da antiga origem desta vila.

Numa viela que está entre a Cerca de D. Dinis e o muro de um quintal, cuja casa tem a porta para a rua de Estremoz, bem conhecida por ser a que conduz à antiga porta deste nome, está metida no muro do referido quintal uma estátua de pedra a que o povo chama a antiga Vila Viçosa, creio que por ser uma relíquia da sua povoação romana. Costumam as mulheres do bairro do Castelo caiá-la de branco e pintar-lhe com barro vermelho a boca, nariz e olhos, os quais parece ter. Ora, bem analisada esta estátua pela frente, visto que não pode sê-lo por detrás, conhecemos que é uma esfinge, monstro fabuloso da mitologia grega e romana, que o figurava de peito e rosto de mulher com a parte inferior de cão. Pergunto agora como existe ali aquele monstro do paganismo, se no mesmo lugar ou cerca dele não existira uma povoação gentílica ? Se fora descoberto em sítios distantes, não o iam pôr ali, nem lhe chamavam a antiga Vila Viçosa.

Sendo eu muito jovem (aí por 1844), mandou meu pai plantar algumas mantas de bacelo num quarteirão de vinha que possuimos no sítio das Cortes, chamado hoje também - da Borrega. O dito quarteirão está já no termo de Borba, ficando porém as marcas divisórias dos alfozes das duas vilas apenas uns cem metros para o sul; e duas veredas flanqueiam o mesmo quarteirão por este lado e pelo oriente. Ao abrir das surribas, toparam os trabalhadores com pedras de mármore talhado; e, movidos pela curiosidade, aprofundaram mais as surri-

bas e descobriram algumas sepulturas com campas de faces pouco regulares, a melhor das quais foi levada para as nossas casas do Rossio de S. Paulo e aproveitada para um poial de cântaros que está na cozinha dos altos. Não tinham estas campas epitáfio algum; e quanto a ossos, apenas se encontraram alguns tornozelos grossos, que facilmente se desfizeram quando lhes tocaram com as enxadas.

O mais notável desta descoberta foi acharem-se em duas sepulturas ampulas ou redomas à cabeceira de cada finado, sendo uma de vidro e outra de barro, chamadas pelos arqueólogos - lacrimatórios, e ambas com sinais de terem contido um líquido vermelho, bem conhecido na de vidro. Espalhada esta notícia, e chegando ao conhecimento do médico João Vicente da Silva, pediu este a meu pai que lhe cedesse a redoma de vidro que tinha um buraco feito por um gavião das enxadas; porém, nada disse a respeito destes vestígios de antiguidade.

Vou eu ver agora se posso dizer alguma coisa aos meus leitores. Os que são versados no estudo da arqueologia cristã sabem que as ditas redomas se punham com sangue nas sepulturas dos mártires, para que desta sorte em todo o tempo constasse que deles eram aqueles restos mortais. É tão corrente esta doutrina que em 1860 e tantos declarou a Sagrada Congregação dos Ritos serem aqueles vestígios sinais certos de martírio; não tenho, porém, o gosto de citar a data certa desta decisão porque, depois de várias diligências empreendidas com o fim de a descobrir nos jornais, ainda o não consegui, apesar de ter a certeza de a ter lido. No entanto não fica sem prova o meu acerto porque Fleury diz isso mesmo nos seus Costumes dos Cristãos. Ora, esta explicação serve só na hipótese de serem cristãs as sepulturas; não sendo cristãs, mas de gentios, então os vasos eram lacrimatórios ou depósitos de lágrimas dos parentes e amigos dos finados, para testemunho de quanto estes eram estremecidos por aqueles.

Em seguida adiantarei outra explicação a respeito das sepulturas pagãs dos romanos para conhecimento dos seus descobridores. Em Bencatel (e noutras partes), como direi no lugar competente, encontram-se a cada passo nas sepulturas romanas umas tigelas ou urnas de barro, tapadas com pedra ou laje, postas igualmente à cabeceira dos defuntos; e, segundo o que leio nos autores que trataram destas antiguidades, serviam tais urnas para conterem uma cédula com o nome do finado, para conhecimento dos que revolvessem as ditas sepulturas.

Temos pois aqui já uma demonstração histórica de que a fertilíssima veiga

das Cortes, Vale do Bispo, Pomar de Filipe e outras contíguas até à Portela, foram exploradas pelos romanos, e não faça dúvida o estar o dito quarteirão de vinha já no termo de Borba porque este chega quase às portas de Vila Viçosa, da mesma sorte que o desta chega também quase às do Alandroal. Entre as Cortes, situadas a noroeste da nossa vila, e esta, apenas se mete de permeio o outeiro de Alcarrache, nome de origem árabe que significa plano, igual, moderado, etc.

Mais. Aquele sítio era antigamente uma aldeia romana que chegou a ser conhecida ainda no século XIII com o nome de Corte do Pretor, como verão os leitores quando lhes apresentar o primeiro foral de Vila Viçosa, outorgado pelo rei Bolonhês. Se hoje lhe chamamos Cortes (no plural), é porque estando aquela planície plantada de vinhedo e achando-se dividida em dois distritos policiais chamados Cortes Baixas e Altas, insensivelmente passou a usar-se o plural. Não deixarei também sem reparo que Vila Viçosa tem para aquela banda uma rua com o nome das Cortes, dando-nos com isso a entender que por ela se transitava com frequência para aquela aldeola romana.

Dava-se, no princípio da nossa monarquia, o nome de Corte a uma reunião de casais campestres, isto é, a um vilar ou aldeola; e tanto assim que Fernão Lopes designa a nossa estrada, que descia da Porta do Sol para Olivença, por estrada da Corte da Oliveira e que nós chamamos de Olivença, como há-de ver-se mais adiante; e abrindo os Anais do Município de Santiago de Cacém pelo Padre Macedo, encontro ali muitas Cortes na descrição que ele miudamente faz das freguesias do seu concelho. Só na de S. Francisco menciona seis Cortes.

Ainda vou dar mais notícias dos vestígios da Corte do Pretor. Em 2 de Abril de 1880, dirigi-me ao dito nosso quarteirão de vinha, não tanto para observar a sua cultura, como para esquadrinhar os terrenos circumvizinhos no tocante a vestígios de antiguidades romanas. A ocasião era propícia, tanto por estarem as vinhas sem parras, como porque achei replantado outro quarteirão situado ao sul do nosso, isto é, para a parte de Vila Viçosa, e vi postos em cordão ao redor do bacelo não só muita pedra solta, mas grande número de adobes de meio metro de comprimento sobre um quarto de largura e seis centímetros de grossura. Isto me fez lembrar o exame de outro bacelo que fica ao oriente do que precede, mediando entre ambos o sesmo da Cruz do Anão e que estava aberto em cordão por ser ainda o terceiro ano do seu plantio. Em redor deste achei da mesma sorte muita pedra solta que se havia tirado na postura do bacelo com bastantes fragmentos de tijolos e telhões romanos. Pas -

sando em seguida às courelas de vinha, situadas mais ao oriente, vi outros fragmentos em redor dos muros da azinhaga que corre de Este a Oeste, e principalmente num grande marouço que ali está numa vinha, precisamente na linha divisória dos termos das duas vilas. Esse marouço não é mais que um depósito de pedregulho, que se extraíu das courelas para ficar o terreno limpo e mais produtivo. Aquele sítio chamam já Vale de Bispo, cuja guardaria de vinha pertence a Vila Viçosa.

Notei que os adobes são mais escarlates que os de Bencatel e Pardais, mostrando com isso que foram fabricados com argila do vale de Vila Viçosa, e que o terreno, ocupado por esses vestígios, mede mais de cem ares.

Fiquei, por conseguinte, formando este juízo acerca da Corte do Pretor. Um pretor romano ou governador da comarca de Vila Viçosa (com a sua sede em Bencatel), fundou ali ou aumentou notavelmente uma quinta (vila); e em torno daquela casa de campo foram levantadas outras casas para caseiros da mesma, como sucedeu no Forte de Ferragudo que, no princípio deste século, chegou a ter alguns quarenta moradores ou vizinhos, quando ali assistiam os Condes de Bobadela.

Mais. Ao sul das Cortes e poente do Outeiro de Alcarrache, toma aquela veiga o nome de Sítio de Pomar de Filipe. Ora, este nome é também recordativo de tempos anteriores à monarquia portuguesa. Não há, nem houve ali modernamente quinta alguma que pudesse ter aquele título, pois todo o terreno está dividido em pequenas e até pequeníssimas glebas de não comportarem mais que um alqueire de trigo em semeadura, e todas com sesmos e linhas regulares que acusam uma distribuição de terras feita na repovoação da moderna Vila Viçosa. Aquele Filipe, dono de um pomar em tal sítio, era romano, sem dúvida.

Não reputo a Corte do Pretor por uma povoação antiga de grande nota: mas o grupo de casais onde se encontram as ruínas mencionadas podia, decerto, conter uns quinze ou vinte fogos reunidos.

Tudo isto quer dizer também que, se eu tivera a minha residência em Vila Viçosa, poderia ter resenhado muitos mais vestígios de antiguidades romanas.

Verificou-se completamente o que eu previa em Bencatel; e vejo-me obrigado a escrever aqui mais um parágrafo para confirmar tudo quanto deixo escrito sobre a existência de um vico romano no próprio assento da moderna Vila Viçosa. Ouçam os leitores.

Em 18 de Março de 1888, quando voltava por S. Domingos, duma excursão ao meu colmeal do Paraíso, entrei casualmente no farragial (hoje tapado) que se chama o chão da Ordem, o qual toca os muros do baixo Rossio, junto à fonte

do poço do Alandroal pelo norte, e na aldeia dos bugios pelo poente. Olho para o chão lavrado e com imenso júbilo começo a ver muita pedra miúda alastrando o solo com muitos fragmentos de barro cozido, porque felizmente achava-se alquevado para sementeira ou legumes; começo a analisar os pedaços de barro e recolho logo quatro de feição notoriamente romana de telhões, ladrilhos e faiança, que trouxe alegremente na mão para minha casa, dizendo a sós comigo: cá aparecem os ossos do vico romano de Vila Viçosa! Já posso mostrá-los a quem pretenda pôr em dúvida o que deixo aqui escrito.

Ver e crer. Todo o farragial, desde a Horta do Cano até à aldeia, contem aqueles vestígios, como sucede nos vilares de Bencatel e Pardais, salva a diferença de ser o barro mais vermelho.

E é provável que o recanto do mesmo Chão, convertido em horta há um século, contenha os mesmos vestígios; e, se não estiverem lá, é por terem ido limpando a terra como de horta que é muito cultivada e com muito esmero.

Poucas horas depois, assaltava-me este pensamento: seria Alandroal também o nome daquele vico, pois a fonte sempre se tem chamado Fonte do Poço do Alandroal? - Nada mais fácil.

O que se diz por tradição de ter a fonte aquele nome por vir ali ter azeite lançado no algar da fonte da próxima vila do Alandroal, não passa de uma fábula inverosímil porque Vila Viçosa está mais alta do que aquela vila e as suas águas subterrâneas, sim, correm de cá para lá, e não de lá para cá. Disto falaremos noutra ocasião mais oportuna.

II

1.

Depois de ter escrito a maior parte do que precede, estudei seriamente os antigos geógrafos e seus comentadores, a fim de melhor poder escrever a história de nossos priscos tempos; e suposto que os frutos desse estudo não foram tão lisonjeiros como eu desejava, entendi, contudo, que muito serviriam para esclarecer o estado primitivo da população do nosso território, bem como das comarcas circumvizinhas. Vou por isso discorrer um pouco a tal respeito, na certeza de que pouparei trabalhos aos que depois de mim tentarem escrever sobre antiguidades da nossa vila ou das mais deste canto do Alentejo. Em todo o caso, os homens de letras hão-de apreciar algum tanto este meu esforço.

A colonização dos territórios de Vila Viçosa, Borba, Estremoz e Elvas (de que agora trato em geral) não principiou antes do dilúvio, nem logo depois da dispersão dos filhos e netos de Noé: foi feita mais modernamente. Discursemos.

Não há dúvida em que os descendentes de Jafet, filho de Noé, passaram ao Ocidente e povoaram a Europa, ficando os de seu irmão Sem na Asia (berço da espécie humana), e estendendo-se pela Africa os de Cham, terceiro filho do mesmo Noé.(1) Também é certo que os descendentes de Jafet passaram à Europa pelo canal de Constantinopla e pelo Estreito dos Dardanelos, por serem as vias que se lhes antolhavam mais fáceis de emigrarem para aqui, visto acharem-se atrasados na arte de navegar por mares extensos; e, por isso mesmo, é igualmente indubitável que o nosso país - último da Europa - devia, por esta guisa, também ser o último a povoar pelos filhos de Jafet. Quando estes porém cá chegaram, já os de Cham lhes haviam tomado a dianteira, como logo veremos.

Pouco a pouco, vieram os descendentes de Jafet estendendo cidades e aldeias em busca de melhores campos e melhores climas, partindo sempre do conhecido para o desconhecido, para não ficarem desterrados os primeiros povoadores, mas antes em relações com seus irmãos dos lugares já conhecidos e habitados. Era isto uma espécie de formigueiro que se ia estendendo.

E por onde? Pelas costas marítimas, pois era mais fácil o acesso às terras do litoral, descobertas por meio de curtas navegações ou de viagens por terra ao longo das praias, como ainda hoje nos acontece na Africa e na Oceânia. No interior, ou sertão, obstavam gravíssimas dificuldades e perigos como bosques e matagais espessos, feras, rios e serras alcantiladas, sem uma estrada ou atalho que servisse de directriz aos primeiros exploradores destas incógnitas regiões.

Assentemos, portanto, já em duas coisas: 1ª - que a Europa começou, como todos os mais países (com excepção da Asia), a ser habitada pelas costas ou à beira-mar; 2ª - que, por esta forma, era impossível chegar a Portugal em sua vida um filho de Jafet, isto é, Tubal, como sonharam alguns antiquários nossos tão somente por haver entre nós uma terra agora chamada Setúbal(2).

Agora resta-nos indagar se a Península Hispânica foi povoada também pe-

---

(1) Gen. cap. 10 e 11.

(2) Frei Bernardo de Brito no Tom. 1 da Monarquia Lusit. com outros inumeráveis, como o Portug. Rest. na Intr., etc., etc..

los descendentes de Jafet, posto que vindos lentamente pelas costas da França. Houve com efeito quem assim o cresse, pondo Iberos junto do rio Ebro, e associando a estes em seguida os Celtas, igualmente vindos daquela região, de cuja mistura resultaram os Celtiberos[1]; mas isto por ignorarem que os primitivos colonos da Espanha entraram nela pelo sul e não pelo norte. Quando cá chegaram os descendentes de Jafet, já cá estavam os de Cham.

Eu sempre assim o acreditei, considerando quanto é antiga a povoação do Egipto, e quanto é fácil a transmigração dali para a nossa península pela costa boreal da África, restando no fim de tudo somente o obstáculo da passagem do Estreito de Gibraltar. Por isso li com muito gosto e aprovação um trabalho do nosso Padre António Pereira de Figueiredo (sócio efectivo da Academia Real das Ciências) que é a primeira das suas Dissertações impressas no Tomo IX da Primeira Série das Memórias da referida Academia. Estranha ele que Florian del Campo, Morales, Rezende, Brito e os mais antiquários espanhóis e portugueses não conhecessem que os Fenícios tinham vindo para esta nossa península muito mais remotamente do que eles pensavam. Sustenta que os Fenícios eram aqueles mesmos Cananeus que Moisés principiou e Josué acabou de expulsar da terra de Canaan ou Palestina, para ali se estabelecerem os Hebreus no seu regresso do Egipto, sendo no ano de 1451 antes de Cristo que o dito Josué começou a sua campanha contra ele. Lançados, pois, fora de seus pátrios lares, os Cananeus, descendentes de Canaan, filho de Cham, passaram para a África e vieram pouco a pouco estendendo-se pela costa de Tunes, Argel e Marrocos, donde logo avistaram a Andaluzia e para aqui passaram em breve; de sorte que o advento dos Fenícios vem a remontar a cerca de mil e quatrocentos anos antes da vinda de Cristo ou pouco menos[2].

O sábio Oratoriano prova isto com testemunhos claríssimos de Procópio e Santo Agostinho que asseveram ser aqueles africanos os próprios Cananeus, que em todas as suas gerações vinham amaldiçoando a memória de Josué, que os expulsara da terra de seus antepassados. Segundo ele, a primeira cidade em forma que fundaram nesta península os já chamados Fenícios foi Cadiz, à qual por isso dá o nome de Metrópole da Espanha ou mãe de todas as suas po

---

(1) O Padre Flores na Esp. Sagr. e A. Herculano - Hist. de Port. etc. A verdade, porém, parece estar em que os Celtiberos eram assim chamados por serem Celtas estabelecidos na Ibéria ou Espanha, e para se distinguirem dos Celtas da Gália, como já tenho notado. A mistura sempre se dá nos povos que habitam um mesmo país. - Romey, Hist. d' Espagne, App. I ao T. I.

(2) On peut donc placer avec toute vraisemblance entre 1450 et 1400 avant notre ère le premier établissement des Phéniciens en Espagne - Romey - Hist. d'Espagne, L.1, cap. 1, pág. 67 da ed. de 1858.

voações; e acode à objecção da passagem do Estreito, recordando uns versos de Tibulo, em que este poeta chama aos mesmos Fenícios - os inventores da arte de navegar. Sendo pois mais curto o caminho trazido pelos descendentes de Cham, é também mais crível, que só depois deles começassem a chegar ao norte da Península os descendentes de Jafet. Ora Cades ou Cadix foi fundada pelo ano 1116 antes de J.C.[1] e portanto podemos concluir que os Fenícios cerca de 1200 anos antes de J.C., já tinham na Espanha povoações em forma ou regulares.

Continua dizendo o referido P.e Pereira, que os Gregos vieram para cá posteriormente à Guerra de Troia (1270), e que houveram dos Fenícios o conhecimento da Espanha, provando isso com o testemunho de Strabão. Ora, como os Tirios eram procedentes dos Fenícios, e os Cartagineses dos Tirios, eis o motivo, porque vieram depois emigrando para aqui, e procriaram os povos do sul da Espanha e da costa do Algarve, conhecidos pelo nome de Turdetanos ou Béticos[2].

2.

Continuarei agora as anteriores reflexões acrescentando que, depois de se estabelecerem pelas costas marítimas os primeiros povoadores do nosso país, começaram pouco a pouco a explorar o seu interior, buscando sempre boas terras jacentes no estado nullius, situadas em clima benigno e fartas de águas excelentes, principalmente águas nativas, com que regassem as suas culturas. Deste modo, se deixavam o torrão que os vira nascer, adquiriam a posse doutro, que só lhe custava o incómodo de se expatriarem. Não davam dinheiro por ele; o que aliás não sucedia com os terrenos já ocupados. Por esta causa faziam-se as emigrações de curta distância mais facilmente, do que alguns pensaram.

Esta segunda exploração para o interior do país fez-se (como se faz ainda hoje em Angola, Moçambique, etc.) ao longo dos rios, para que estes, em

---

(1) *Veja-se o App. IV ao Tom. 4 da Hist. d'Esp. por Romey. Cadix é mais antiga do que Utica, e Cartago de África, fundadas, aquela em 1104 e esta em 833 antes de J.C.*

(2) *É digna de ler-se a dita Dissertação, cujo lugar deixei acima bem indicado. Brito punha a vinda dos Fenícios no ano 752 antes de Cr. (Monarq. Lusit. Tom.1, pág. 108), isto é, muito depois de terem chegado os Celtas, sendo estes por isso mesmo havidos geralmente por avós da Lusa gente; mas Strabão (a pág.158) põe até os Celtas vindos depois dos Tirios e seguidos pelos Gregos.*

1º lugar servissem de guias no regresso das expedições da caravana exploradora; e em 2º lugar os livrassem de encontrar barreiras insuperáveis na travessia dos mesmos rios e ribeiras confluentes.

Posto que feitas por argumento de paridade, estas reflexões não deixam por isso de ser totalmente verdadeiras. Foi assim a nossa primitiva colonização, porque não podia ser de outro modo.

Exprimirei já aqui o meu sentir a respeito dessa primitiva colonização no interior do Alentejo, declarando ser minha opinião, que ele não foi povoado muito antes do ano 2800 da Criação do Homem, isto é: muito mais de mil e duzentos anos antes do Nascimento de Cristo[1]; e a razão, em que me fundo, é crer que os povos não se adiantavam tão aceleradamente pela superfície da terra, que ficassem incomunicáveis uns com os outros, porque a isso opunham-se tanto as conveniências da vida social, como as afeições do coração humano às pessoas e às cousas do nosso berço.

Segue-se agora o sondarmos, quem fossem os primeiros povoadores do nosso Alto Alentejo, e como eles passaram das costas marítimas para aqui.

As memórias a este respeito são escassíssimas hoje, mas essas mesmas poucas existentes, juntas com o conhecimento local dos territórios (conhecimento utilíssimo, guia indispensável), podem fornecer-nos alguma luz. Ensaiemo-lo.

Todos os antiquários são concordes em afirmar, que estes nossos territórios do Alto Alentejo foram principalmente povoados pelos Celtas ou Celticos; e são concordes, porque Strabão, escritor contemporâneo de Nosso Senhor J.C., Ptolomeu e Plínio (ambos do século II) assim o dizem; e podiam dizê-lo, porque eram mais chegados a esses tempos e tinham memórias escritas, que hoje não existem ou quase. Houve Celtiberos nas costas orientais da Espanha, chamados assim para se distinguirem dos Celtas da Gália: eram os Celtas da Ibéria ou da Espanha citerior; e houve também Célticos além do Guadiana (ou na sua margem esquerda), mas aqui no Alentejo, ou entre o Te-

---

(1) *Brito põe a vinda de Gerião para as Baleares no ano do Mundo 2168, quando era tão difícil cruzar o Mediterrâneo!; põe a de Gardoris no ano de 2806, e o governo de Habidis em 2883: isto segundo antiquários, a quem cita (Monarq. Lusit. Tom. I). Nas Histórias de Justino Lib. 44, o primeiro Rei Espanhol nomeado é Gargoris, avô de Habidis, que teve muitos sucessores, de que ele todavia não faz especial menção. Depois vieram os Tirios, os Celtas, os Gregos e os Cartagineses, que foram bem recebidos pelos nossos avós por serem, os últimos, da sua mesma raça, como provei com o P.e A. Pereira de Figueiredo. Não sucedeu já o mesmo com os Romanos, que eram doutra raça.*

jo e o Guadiana, era o país clássico de tais gentes. Pode ver-se a este respeito na Espanha Sagrada[1], o que escreve o P.e Flores, apoiado nos referidos geógrafos, - bem como o nosso Fr. André de Resende nas Antiguidades da Lusitânia[2], Fr. Bernardo de Brito na Geografia da Lusitânia antiga[3], João Vaseu, Ambrósio de Morales, etc. Para mais claro conhecimento destes povos acrescentarei, que eles eram oriundos da Gália (França) entre os rios Garona e Sequana[4]; ficando-lhes porém mui longe as costas do nosso Alentejo, deviam chegar aqui ao tempo de acharem já ocupadas pelos Fenícios as costas marítimas do oriente e sul da Península, e quando a arte de navegar estava já com algum desenvolvimento.

Brito diz, que os Celtas emigraram para o nosso Alentejo (segundo Antiquários que alega) no ano do Dilúvio 1353, do Mundo 3009, ou antes de Cristo 953[5]: como porém este facto é de tão alta antiguidade, tomemos uma conta em globo, e assentemos em que os nossos territórios do interior do Alentejo começaram a ser colonizados pelos Celtas, uns novecentos a mil anos, pouco mais ou menos, antes do Nascimento do Salvador.

3.

Referindo-se ao advento dos mesmos Celtas, observa o citado Brito, que eles vieram pelo Mediterrâneo ao Estreito de Gibraltar, e que subiram até os nossos sítios pelo Guadiana (visto acharem-se já povoadas as costas percorridas); o que julgo bastante verosímil, quanto às nossas comarcas de Vila Viçosa, Elvas, etc., devendo os mais territórios ser explorados ao longo da margem esquerda do Tejo e do Sado em direcção a Evora e às serras do Algarve.

Subindo assim os Celtas de Mértola para cima pelo Guadiana em busca de boas terras desocupadas, acharam para a sua margem esquerda o país, que os Turdetanos exploravam há séculos; e só para a margem direita ou mão esquerda topavam com terrenos sem dono e sem povoadores na sua maior parte. Encontrando aqui o Odigebe, o Lucifece, o Pardais, a Asseca, o Mures e o

---

(1) *Tom. 13, pág. 23.*

(2) *Lib. 1.*

(3) *Impressa no fim do Tom. 1 da Monarq. Lusit.*

(4) *Monarq. Lusit. Tom. 1, pág. 102. Isto é ali abonado com os testemunhos de Ptolomeu, Júlio César e Glariano.*

(5) *Monarq. Lusit. Tom. 1, pág. 102.*

Caia, confluentes do Guadiana pela sua margem direita, por eles vieram fazendo escolha, até Elvas, dos territórios, que se lhes afiguravam mais férteis e saudáveis[1].

O advento destes primeiros povoadores do nosso Alto Alentejo pelo itinerário exposto, encerra todos os sinais de credibilidade, pois - em 1º lugar a metrópole das Espanhas era o sul desta península; e por ali, como parte bem conhecida, deviam os emigrantes fazer a sua carreira; e em 2º lugar, vir de Evora a Estremoz ou Vila Viçosa era então dificílimo por se meter de permeio a grande serra d'Ossa, que não tinha estrada nem carreira; além de que - eu reputo Evora fundada em tempos mais modernos, como indica a sua posição de vigilância no meio de extensas campinas: o que revela a época das Guerras Púnicas, datando o seu engrandecimento apenas do tempo de Sertório. Vieram com certeza os Celtas de baixo ao longo do Guadiana.

Entre estes Celtas menciona o mesmo Fr. Bernardo de Brito os Helvios, palavra contraída, segundo parece, de Helvecios, ramo dos mesmos Celtas, bem conhecido entre os Gauleses.

E tão natural a mania de emigrarem os povos do norte para o sul, que o fizeram depois no século V da nossa Era numa abundância incalculável, e o fazem ainda hoje em menor número, buscando sempre este nosso clima temperado.

E contudo (observo de passagem) a cidade de Elvas não está mencionada em geógrafo algum antigo dos conhecidos hoje. Basta-lhe porém o seu próprio nome de origem peregrina, para se lhe reconhecer a sua muita antiguidade, assim como basta à Terrugem, aldeia contígua ao termo de Vila Viçosa, o seu, que no foral de Vila Viçosa é designado por Thuringia e recorda um país da Germânia. Esta análise de nomes antigos vale muito para as investigações históricas da sua origem. Prossigamos.

Assim pois os Celtas, subindo pelas margens do Lucifece, do Pardais e da Asseca, ao acharem as suas embocaduras no Ana (Guadiana), vieram às nossas planícies de Bencatel, uns novecentos anos antes do Nascimento de Cristo, como dito é. A época certa desta vinda só Deus a sabe; e portanto escuse-

---

(1) *"Foram-se pouco a pouco metendo pela terra, acostados ao rio Guadiana, até darem onde agora vemos a cidade de Elvas, a qual sente André de Resende em suas Antiguidades Lusitanas ser obra e povoação destes Franceses Celtas, derivando-lhe o nome de Elvas, de alguns Franceses Helvecios, que vinham em companhia destes." - Monarq. Lusit. Tom. 1, pág. 103.*

mos o pesquisá-la; mas que vieram para aqui é cousa até certíssima. O que eu desejava também saber, é: se os Fenícios, estabelecidos na Andaluzia trezentos anos antes, tinham já cá chegado...O nome do rio Ana (Guadiana) é Fenício[1]; Endovélico ou Endobólico rescende a Fenício, como veremos, etc.: e portanto ninguém se admire de pormos colónias Célticas em o nosso território, quando já era tempo de terem cá chegado as colónias dos Fenícios ou Turdetanos, e chegaram de facto, ainda que fosse ao mesmo tempo ou pouco depois.

Subindo os Celtas, como deixo observado, até a nossa comarca, descobriram igualmente o vale, que desde a Fonte do Soeiro e São Marcos se estende por Vila Viçosa até Borba, e os plainos, ainda mais extensos, que desde o Alandroal sobem por Bencatel até Montes Claros, e ainda até Estremoz. Assentaram guarida primeiramente em Bencatel, onde acharam torrentes de água nativa e potável a deslizarem-se pelas campinas em busca do Lucifece, e uma imensa planície, em que não vivessem, por assim dizer encovados, mas desafrontados, podendo alargar as vistas pelos distantes horizontes, ficando-lhe ao poente, não longe, a serra d'Ossa, como panorama encantador, por ser um trono de azuladas montanhas sobrepostas, e ao norte a pequena, mas donairosa, serra da Vigária, como baluarte ou atalaia da planície viridente.

E onde está a prova disso (perguntará qualquer)?... Resposta. Está primeiramente no ídolo e templo célebre de Endovélico, situado légua e meia a baixo ou ao sul de Bencatel, donde foram levadas as aras e outros monumentos da célebre divindade gentílica: o que será posto em relevo, quando tratarmos deste ídolo tão afamado.

Está em segundo lugar nas achas dos Celtas, que aqui se encontram a cada passo no meio das ruínas da populosa cidade, por eles fundada; e por isso darei já notícia das ditas achas.

4.

Depois de me estabelecer nesta aldeia em 1858, ouvi nomear com mais frequência as pedras de raio, em que me falava o povo, inculcando que a matéria das faíscas eléctricas, espetando-se na terra, deixava aqueles resíduos, que vinham a petrificar-se com o tempo; o que eu nem acreditava nem

---

(1) *Flores - Esp. Sagr. Tom. 13 no princ.*

deixava de acreditar, porque já em Vila Viçosa ouvira fazer menção de uma, achada por uma velha na fontinha do Rossio... aquela, a que Fr. Manuel Calado chama Fonte dos Cunhados, e de que a seu tempo darei notícia[1]. Mas depois vi as tais achas no Museu de Évora e ouvi algumas explicações várias a seu respeito; em 1875 fui rogado pelo meu amigo A.F.Barata, residente na mesma cidade e arqueólogo notável, para lhe alcançar algumas, que ele pudesse mandar para Coimbra ao seu amigo Doutor Augusto Filipe Simões, Lente Catedrático de Medicina, a quem eu conhecera em Évora, sendo Professor de Introdução à História Natural, e a quem a mesma cidade tanto deve os melhoramentos do seu museu e biblioteca. Deitando inculcas, pude, num mês ou pouco mais, arranjar cinco em Bencatel e uma em Rio de Moinhos, que lhe fica ao noroeste em Montes Claros, cedida pelo seu Pároco Joaquim António de Almeida Seguro, que possuia duas. Remeti cinco para Évora em 31 de Maio. Soube posteriormente que estas achas ou machados foram por ele oferecidos ao Museu Arqueológico do Instituto de Coimbra, onde se conservam com outros mais descobertos no distrito de Évora. Assim consta do Catálogo dos objectos existentes no Museu Arqueológico do Instituto mencionado. E deixei ficar uma sobre a mesa dos meus papéis a fim de me servir de specimen, que mostrasse aos curiosos.

Estas achas serviam, conforme creio, tanto de armas ofensivas, como de instrumentos ou ferramentas de pedra, à falta de metais, principalmente de ferro, por não estarem ainda exploradas as suas minas, ou não ser conhecido o meio de o apurar, como era natural que acontecesse em povos de arribação ou adventícios[2].

Das seis achas que tive em meu poder (afora outras que em tempo desprezei por lhes não conhecer o seu valor histórico) só uma tinha notável diferença. Era esta a mais pequena; similhava o pente de um pequeno machado, e estava amolada, como amolamos estes nossos instrumentos de ferro, enquanto que as mais tinham todas o volume de maçaroca de milho com ponta aguda de um lado, e corte semicircular do outro. No volume porém distinguiam-se muito, porque umas eram duplicadamente maiores ou menores, que as outras.

A pedra destas achas é de cor parda vermelha, ou escura, de grã mui fi-

---

(1) *Valeroso Lucideno - Descri. de V.Viç. a pág. 94 e seg.*

(2) *Em 1883 recebi uma acha tão pequena e chata, que não podia servir como arma ofensiva; e sendo aliás muito bem amolada com gume direito, entendo que servia como instrumento cortante para usos domésticos. Pouco depois trouxeram-me outra do mesmo formato, que posso também mostrar a quem o deseje.*

na, e portanto apta para ser amolada. O mais notável é não se acharem aqui nas minas de nossas pedreiras pedras de igual qualidade; pois não me parecem conformes as que há em parte da serra de Vila Viçosa, chamadas pelo povo - pedras moares, e que sendo mui rijas, não as julgo tanto assim, como o material das achas Célticas. Parecem de porfido e basalto.

Não me parece também razoável, que tais achas, - armas e instrumentos de uso doméstico, fossem talhadas e afeiçoadas só com o atrito das pedras de amolar, que se encontram na Serra d'Ossa; e opino que elas foram desbastadas com instrumentos de ferro. De facto, conjecturo que os Celtas trouxeram consigo alguns instrumentos metálicos; e não achando cá facilmente pedaços desses minerais, recorreram ao uso dos instrumentos de pedra e de pau, como os Israelitas na passagem do Jordão para a Palestina, depois de estanciarem quarenta anos pelo deserto da Arábia e conhecendo aliás o uso dos metais, se serviram de facas ou canivetes de pedra para circuncidarem os nascidos no mesmo deserto[1]. O uso das ferramentas de metal remonta aos tempos antediluvianos, como nos diz o Pentateuco de Moisés, incontestavelmente o mais antigo livro de história, referindo que Tubal-Cain, quinto neto de Caim e sexto de Adão, se dedicara ao ofício de ferreiro e caldeireiro[2]; e depois do dilúvio faz menção das arrecadas, braceletes e vasos de ouro e prata, que o servo de Abraão levou de prenda à noiva de Isaac[3]; menciona o muito ouro e prata, que o mesmo Patriarca possuia[4]; e que o campo adquirido para sepultar sua mulher Sara, fora estimado em quatrocentos siclos de prata[5], etc.: o que prova cunhar-se já então dinheiro (bem ou mal) em metal sonante, sendo isto numa época anterior muitos séculos à colonização do nosso Alto Alentejo. - Estas reflexões ficam aqui de passagem para responder a alguns, que sonham com tempos, chamados por eles pré-históricos, em que dizem terem os homens começado a usar primeiramente de utensílios de pedra, depois de osso, e depois de metal: o que não passa de mera fábula, contradita pelas antigas histórias; e que só serão tempos pré-históricos em não se achar miudamente escrita a história dos usos e costumes de tais tempos, a que aliás chegam as notícias de muitos livros ainda

---

(1) *Josué, V, 2.*

(2) *Tubal-Cain, qui fuit malleator, et faberin cuncta opera aerés et ferri. - Gen. IV, 22.*

(3) *Ibid. XXIV, 30, 53.*

(4) *Ibid. 35.*

(5) *Ibid. XXIII, 16.*

subsistentes. E de mais, estando hoje provado, que os Fenícios foram os primeiros povoadores da Península Hispânica, provado está igualmente, que esses povoadores conheciam o uso dos metais, e tanto que até fabricavam de prata âncoras para os seus navios[1]. Se eles nalgum tempo, ou os Celtas, que eram mais modernos, usaram armas de pedra, foi enquanto não exploraram as minas do país. - José Anastácio de Nazaré, morador nesta Aldeia de Bencatel, tem uma acha de cobre em forma de cunha, que encontrou espetada numa pedreira da Galharda, parecendo servir no tempo da sua confecção para arrancar pedras; e a ele serve agora de cunha para rachar madeiros[2].

5.

Continuemos com a notícia dos Celtas, reputados primeiros povoadores da nossa Transtagânia.

Convém assinalar também a forma da colonização dos nossos territórios por esses adventícios da Gália ou França. Não fundaram eles grandes cidades, como fizeram os Turdetanos da outra margem do Guadiana, onde hoje está a Andaluzia e a Estremadura Espanhola; mas a razão disso é já bem conhecida: estes haviam-se estabelecido ali há mais tempo. Os Celtas viviam na sua maior parte em pequenas aldeias, casais, arrabaldes ou vilares (o que queiram chamar-lhes), como quem se não propusera fundar populosas cidades, mas antes viver cada família, onde achasse terras mais capazes de a sustentarem pela agricultura. - Isto prova-se com o testemunho de Políbio, referido por Strabão na sua geografia.

Com efeito, Políbio, nascido na Grécia 204 anos antes de Cristo e feito prisioneiro pelos Romanos, veio militar com eles para a Espanha na terceira Guerra Púnica (ou contra os Cartagineses), que começou logo depois da

---

(1) *Geografia Orbis Descriç. de J.Fournier, pág. 335.*

(2) *Está mais que provado usarem os povos de armas de pedra ou doutra matéria, depois de as terem usado de ferro, por motivo de lhas tirarem os vencedores. Exemplos: em tempo de Saul, ele só e Jonathas seu filho, tinham armas de ferro, por lhas haverem tomado os Filisteus seus dominadores (1 Reg. XIII, 19). Ciro tira as armas aos Lidos, depois de os vencer (Justino, L.I, cap. 7). César faz outro tanto aos Aduatucos (De Bello Gallico, L.2, cap. 32, etc., etc.). Como fabrico de armas de ferro não era fácil naquele tempo, a necessidade obrigava os povos a servirem-se da pedra, da madeira, dos chifres, etc. Ainda os Cafres da Baía de Lourenço Marques em 1553 no tempo do naufrágio de Sepúlveda não usavam pregos de ferro, e eram eles a melhor fazenda de que o náufrago se servia para resgatar mantimentos, como escreveu Canto na Dec. 6, L.9, cap. últ.*

fundação do templo de Proserpina ou época certa do princípio da antiga Vila Viçosa; e como quem discorreu por muitos anos em nossas terras, pôde informar, como elas eram cento e cinquenta anos antes de Cristo[1]. Na versão latina de Strabão lê-se assim: Turdetanis ad felicitatem regionis, vitae etiam civilitas et mansuetudo accedit: quod et Celticis ob vicinitatem et cognationem contingere Polybius ait: minus tamen his, CUM FERE VICATIM HABITENT[2]. Em português: Além de possuirem um rico país, acresce também aos Turdetanos o serem civilizados e pacíficos: o que Políbio diz acontecer da mesma sorte aos Célticos por causa das relações de vizinhança e parentesco, havidas com os mesmos Turdetanos: mas isso em menor grau que estes, por motivo de HABITAREM OS CELTICOS ORDINARIAMENTE EM VICOS (aldeias).

Fixem bem os leitores na sua memória esta notícia de Políbio, transmitida por Strabão, escritor Grego do tempo de Cristo; porque ela é de todo o ponto verdadeira, e além de esclarecer a primitiva colonização do Alentejo, confirma, que os Celtas vieram para aqui de seu motu próprio, e não trazidos por outrém para fundarem colónias, como as fundavam os Romanos, traçando povoações grandes e com formas regulares; mas que cada família ou tribo se estabeleceu, onde achou terras sem dono e que resultado melhor lhe prometiam para a exploração agrícola. Quando se estudar bem o solo de toda esta nossa província, achar-se-á que as veigas de terrenos férteis, e principalmente aquelas por onde se deslizam arroios de águas nativas, foram habitadas já desde as mais remotas eras.

Pelo que respeita ao nosso território de Vila Viçosa, tenho feito esse estudo e colhido os seguintes vestígios. Comecemos por Bencatel. Aqui se encontram vestígios de povoação Romana desde o nascente da Lagoa até as herdades da Galharda e de Santa Ana e ainda para o sul até o Gavião, sendo estes campos regados pela mesma Lagoa. Este é o maior de todos os vilares (como chamam por aqui a estes assentos de povoações antigas). - Logo mais acima ou norte, junto das Ermidas de São Pedro e Nossa Senhora das Mercês, e nas hortas de El-Rei e da Alfava, estava outro vilar mui grande e só inferior ao antecedente, o qual fora fundado para aproveitar as águas dos óptimos nascentes, chamados Trincarlos, que são dois: um dentro e outro fora da Horta de El-Rei. - Mais adiante, ao noroeste de Bencatel, estava outro junto das hortas das Nogueiras, cujo nascente é também perene e resistiu até à seca de 1876. - Mais abaixo, ao oeste, junto à horta do Álamo, cujo

---

(1) *Elem. de Liter. Clas. de B.Figueiredo, pág. 72.*

(2) *Pág. 151.*

nascente é melhor ainda que o das Nogueiras, estava outro vilar; e todos eles vieram por fim a constituir uma cidade, por se desenvolverem e chegarem a fundir-se numa grande povoação. - Os dois últimos ficam sobre os limites da Freguesia de Santiago de Rio de Moinhos; e dos vestígios de todos me ocuparei particularmente no capítulo IX, para não confundir aqui assuntos.

Na Fonte das Freiras, desde o nascente até cerca da vila do Alandroal, estava outro vilar, onde aparecem vestígios de telhões, mármores e moedas Romanas. Este fica sobre os limites do nosso termo; e é provável que as águas da grande fonte daquela vila fossem igualmente aproveitadas pelo mesmo vico, prolongado assim mais para o sul até se juntarem estas águas com aquelas. - Agora saibam os leitores que este vilar é o único, de que achei notícia em letra redonda[1] entre os mencionados e por mencionar ainda. Em Terena a Velha havia outro, de que me não ocuparei por ser já lá fora do actual termo de Vila Viçosa.

Na planície de Pardais, que desce o outeiro da Torre até a Fonte do Soeiro, e principalmente na herdade da Fonte da Moura, há também vestígios de povoação Romana e bastante notáveis. Segundo o testemunho de um antigo lavrador, apareceu na dita herdade da Fonte da Moura, cerca de 1824, uma campa, cujo epitáfio terminava pelo usual Romano S.T.T.L. - Ninguém tem feito cabedal destas ruínas; e só agora tenho eu recomendado aos meus fregueses, que me deem parte de qualquer vestígio, que se vá descobrindo. Entretanto pouco a pouco tenho eu mesmo investigado mais o seguinte.

Na eminência da mesma Pardais, situada ao poente do bairro chamado - Aldeia - e da planície da Fonte da Moura, ou ao sul da moderna Igreja Paroquial, esteve outro vilar, cujas ruínas são bem conhecíveis e ocupam uma área de não menos de quinhentos metros em quadro, estendendo-se mais para o oriente e sul em direcção à herdade, que tem o nome de Santa Helena ou Misericórdia.

Deste vilar ou do precedente era um capitel de ordem coríntia, que se acha encaliçado à porta de umas casas do bairro das Casas Novas.

Mas o da Fonte da Moura e São Marcos é mais extenso e mais abundante, que o outro da margem direita da ribeira. Disse-me Eduardo António Palma, que ele descobrira há poucos anos dois capiteis bem lavrados em uma tapada sua do mesmo terreno, que se intitula Monte da Estrada. A porta da casa deste montinho acha-se em guisa de poial uma grande pedra lavrada, e na re

---

(1) *Mapa breve da Lusitânia antiga pelo P.e F.do N.Silveira.*

ferida tapada ainda está outra jacente e desaproveitada no meio de terra de semear. Ali, e não menos por toda aquela veiga, são tantos os ladrilhos e telhões Romanos, que formam camadas de uns sobre outros, indicando serem relíquia de sumptuosos edifícios. Todo o terreno ocupado por eles não mede menos de um quilómetro quadrado. Enquanto a moedas, consta-me terem aparecido muitas em diversas ocasiões, mas eu ainda não vi nenhuma[1]. Junte-se a isto, que ao oriente desta povoação extinta ficam em contacto os altos das Ferrarias com muitos poços de exploração de minas de cobre do tempo dos Romanos; e para o poente está o outeiro da Almagreira com a sua mina de ferro manganés, tendo mais perto de si o vilar mais pequeno. Em resumo: há dois vilares em Pardais.

Existiu outro no reguengo de Fatalão, onde o nosso termo confina com o de Juromenha: reguengo fertilíssimo, regado pela ribeira de Mures. Dizem-me que a courela da Mesquita é a que mais abunda nesses vestígios da civilização Romana. Regra certa e infalível: os nossos melhores terrenos foram todos explorados já durante o domínio de Roma.

Houve outro vilar no sítio das Cortes entre Vila Viçosa e Borba, como já referi atrás; e outro finalmente em Vila Viçosa, onde estava o templo de Proserpina e principalmente à fonte do Alandroal, como também já fica notado.

Tenho portanto investigado a existência de sete vicos, dentro ou tocando no alfoz da nossa vila; e isto contando os de Bencatel por um só, quando julgo constar primitivamente de quatro.

Aqui veem já os leitores, qual seja o meu parecer a respeito da primitiva colonização do território de Vila Viçosa e seus limítrofes. Cerca de novecentos anos antes da Era Vulgar vieram para aqui os Celtas; e fixo o seu primeiro pouso em Bencatel e Pardais, crendo que, um pouco mais tarde, quando os primeiros povoadores geraram filhos e netos, andaram estes investigando as boas veigas da circunvizinhança, para nelas talharem à sua vontade novos prédios rústicos em campos virgens, que lhes não custassem mais do que desbravar e arrotear. Daqui a origem de tantos vicos ou aldeias Célticas só em redor de nós.

6.

Dizer portanto com certeza o ano, em que passou a viver gente no vale de

---

(1) *Em 1885 é que vi uma primeira - um triens de Graciano, que foi dado pelo seu achador Joaquim de S.Ana Moreira, meu freguês.*

Vila Viçosa, só Deus o pode. Estou muito seguro, de que pelos anos de 350, antes de Cristo, quando Maarbal veio visitar a comarca de Elvas e deu princípio ao célebre templo de Endovélico, já o vale desta vila tinha moradores em quintas e hortas, regadas pelas suas fontes, constituindo um vico, ainda que de magra população, dependente do centro, que estava em Bencatel, como dependeriam Borba, Alandroal e Terena.

Estes vicos tinham necessariamente nomes próprios, que hoje desconhecemos, como o tinha Andes, pátria de Virgílio, pertencente à cidade de Mantua; contudo reconheço, que Borba e Terena são ainda (salvo alguma corrupção) os destas aldeias Célticas; pois não sendo tais palavras, nem Portuguesas, nem Arabes, nem Latinas, indicam nomenclaturas anteriores ao domínio dos Romanos.

Tenho por cousa certa e assentada, que naquelas épocas não se curava de organizar cidades e pôr-lhes logo um nome próprio; e tanto assim é, que grandíssimo número (e até a maior parte) das cidades Romanas são designadas no plural por uma agregação de muitos vicos ou aldeias. Assim o vemos, por exemplo, em Plínio, que, mencionando até dezoito cidades tributárias das trinta e seis, que ele numerara na Lusitânia, diz assim: Augustobrigenses, Ammienses, Aranditani, Arabricenses, etc.; e assim os demais, memorando no singular só os municípios de Olyssipo (Lisboa, de cidadãos Romanos), de Evora, Mértola e Salacia (Alcácer), todas três cidades do direito do Lacio antigo; e as colónias de Mérida, Medelhim, Beja, Norba Cesária (com Castra Julia e Castra Cecília anexas) e Scalabis (Santarém): ao todo cinco[1].

Chegou porém o domínio dos Cartagineses, o primeiro de que há notícias claras e explícitas, e que remonta ao ano de 547 antes de Cristo[2]; começaram então a organizar-se os municípios em forma com certas dependências do governo da república de Cartago; no fim da primeira Guerra Púnica ficaram dominando ainda sobre os nossos municípios aquém do Ebro com excepção de Sagunto; e acabada a segunda, tiveram os Romanos o domínio exclusivo de todo este belo país (ano 204 antes de Cristo), não sem muitas e aturadas guerras, como já se viu na breve notícia das campanhas de Cesaron e pode ver-se nas histórias a respeito de Viriato e Sertório. O triunfo de Lucio Mumio sobre os Lusitanos é colocado pelo P.e Fr. Henrique Flores no ano 601 da fundação de Roma ou 153 antes de Cristo (pequena diferença das cronolo-

---

(1) *Natural hist. lib. 4, cap. 23.*

(2) *Epit. da Hist.Portug. por D.Joaquim de Azevedo, pág.89. - Brito na Monarq.Lusit., Tom.1, pág.134, diz, que foi isto no Ano do Mundo 3 453, e antes de Cr. 509.*

gias)[1]. Seguiu-se logo a terceira Guerra Púnica; e assim no ano 146, igualmente antes de Cristo, foi destruída a cidade Corte de Cartago depois de ter subsistido por espaço de sete séculos[2].

Com os Cartagineses fraternizavam os habitantes desta península; e porquê? Porque eram da mesma raça, e bastante ajuda lhes deram contra os Romanos: a estes porém somente obedeceram depois de submetidos à força de armas.

Na administração dos Romanos convém aqui observar duas cousas: primeira - a organização dos pequenos povos em cidades com um nome comum a todo o conjunto deles, compreendido no seu termo, distinguido por marcos de pedra, como ainda hoje nós praticamos; e daqui vem a origem de certos nomes, que são mistos de Céltico e Latim, como Augustobriga, Caesarobriga, etc.: segunda - que as antigas cidades ou povos, que aqui existiam já, e não se sujeitaram ao domínio dos Romanos senão depois de vencidos em guerra aberta com eles, ficaram sendo cidades tributárias; isto é, pagavam uma contribuição anual para o tesouro de Roma, além dos impostos necessários para o custeamento das despesas da sua administração interna. Por isso não tinham o nome de municípios, e sim de cidades estipendiárias ou tributárias.

A nossa de Bencatel era destas. E como se ficou ela chamando no tempo dos Romanos?... Logo veremos no capítulo IX, o que pode apurar-se a este respeito. Há quem diga ser a primeira, que Ptolomeu pôs nas Tábuas da Lusitânia, quando mencionou as povoações dos Celtas (Lacobriga).

7.

Ainda me resta (por ora) fazer outra observação a respeito da forma das povoações dos Celtas, que no tempo de Políbio (150 anos antes de Cr.) eram ordinariamente pequenas aldeias: é, que desde o ano 150 antes de Cristo até os princípios do século V da Era Vulgar, em que sucedeu a invasão dos bárbaros do Norte, mediaram quase seis séculos e não é crível, que tais aldeias se conservassem estacionárias, quanto ao movimento da sua população, vivendo estes povos quase sempre em doce paz sob o paternal regimen da República de Roma. Cresceram e muito, embora só Bencatel chegasse (e talvez Pardais) a ser uma verdadeira cidade.

Finalmente, porque este meu livro, sendo escrito para um povo, irá ter

---

(1) *Es. Sagr. Tom. 13 no princ.*

(2) *Eutropio, L.4, cap. 5.*

às mãos de muitas pessoas, que nenhum conhecimento possuem da nossa história em tempo dos Romanos, direi por complemento deste capítulo, que aqueles nossos dominadores no fim da segunda Guerra Púnica (204 anos antes de Cr.) dividiram a península em duas províncias, chamadas Citerior e Ulterior, como já adverti noutro lugar, entrando na última a nossa Lusitânia; e que esta Lusitânia compreendia então o país, que está do Tejo para o norte, incluindo a Galiza e as províncias, que ali temos hoje, com pouca diferença. Reinando porém o Imperador Augusto, a 13 de Janeiro do ano 26 antes de Cristo, passou a península da Espanha a constituir mais províncias, ficando a Ulterior dividida em duas: Bética e Lusitânia, separadas pelo rio Guadiana; e assim a Lusitânia, que acabava no Tejo, estendeu-se até o mar do Algarve, começando porém somente do rio Douro para cá. A Lusitânia pois representava agora, pouco mais ou menos, o moderno Portugal, visto que, se hoje tem de menos uma facha de terra pela raia Castelhana da Estremadura e do Reino de Leão, tem de mais ao norte as províncias do Minho e Trás-os-Montes, que ficaram pertencendo à província da Galiza. Depois houve outras divisões de províncias, mas a Lusitânia continuou, como desde o tempo de Augusto[1].

Tal província teve o nome de Lusitânia por serem os Lusitanos os povos mais célebres e porventura os mais numerosos nesta circunscrição territorial; e desde então passaram muitos Lusitanos a estabelecer-se aquém do Tejo (quero dizer - no Alentejo). Strabão assim o diz: Quam (esta província) majore ex parte Celtae incolunt, et Lusitani a Romanis e regione trans Tagum sita, e ò translati[2]: donde se conclui ser o Alentejo país originariamente colonizado por Celtas, como observa o doutíssimo P.e Flores [3]; e Ptolomeu, que vivia século e meio depois de Strabão, põe efectivamente Lusitanos em Évora, Amméa, Geraca, etc., não querendo com isto dizer (me parece), que não tivera ali havido Celtas antes de chegarem os Lusitanos. Sempre a mania de virem os povos do norte a aquecer-se ao sol do Alentejo!

Agora ficam já esclarecidas as notícias, que se podem obter acerca da origem ou princípio da antiga Vila Viçosa, e aberto o caminho para entrar noutras, que ainda tenho a dar, penetrando por entre as densas trevas da

---

(1) *Flores - Esp. Sagr. Tom. 13, pág. 4.*

(2) *Pág. 139.*

(3) *Esp. Sagr. - Tom. 13, pág. 24. - Hist. d'Hisp. por Romey, App. VII ao Tom. 4. - E eram Celtiberos, pois Appiano Alexandr. descrevendo a Espanha, diz: ejus partem, quae ad auroram est incolunt Celtae, qui Galatae et Galli nominantur: quae occasum spectat, Celtiberi. Ed. de 1592, pág. 255.*

da alta história[1].

---

(1) *Aos curiosos destas velharias de Celtas e outros povos da mais remota antiguidade recomendo a grande obra de Mr. Jules Gailhabaud com estampas - Monuments anciens et modernes. - 1865 - Tom I.*

CAPITULO VII

Explicação do nome Calípole, dado a Vila Viçosa - Quem foi o seu autor; quando começou a ser usado vulgarmente, e como deve escrever-se.

> Villa Vizosa uno nomine latine dici non potest, nisi Callipolin graece confingamus, audaci fortassis exemplo; sed lectoribus, postquam ea vox assiduitate percrebuerit, minime displicituro.
>
> *(A. Resende - De Antiquit. Lusit.)*

I

Para os menos versados na história antiga desta vila está resolvida a questão do nome que ela tinha no domínio dos romanos: chamava-se Calípole, dizem eles; mas enganam-se porque tal vocábulo, de origem grega, só modernamente foi aplicado a esta povoação.

O nome Calípole e o adjectivo pátrio - Calipolenses não tem ainda duzentos anos de uso vulgar; e provo-o com dois arcos triunfais levantados pelo Município em 1603, durante as festas do casamento do Duque D. Teodósio II. Nos seus dísticos latinos, que darei a seu tempo, lê-se a palavra - - Vila Viçosa - alatinisada, e não o vocábulo Callipolis. Provo isto, outrossim, com a tipografia de Manuel de Carvalho, a qual funcionava nesta vila pelos anos de 1634 - 40, e em cujas impressões latinas punha o mencionado tipógrafo: Villa Viçosae, etc. e não Callipoli, como pode ver-se nos exemplares que ainda existirem ou na Biblioteca Lusitana do Abade Barbosa Machado, quando faz a resenha das obras do nosso patrício André António de Castro, editadas naquele prelo.

De mais: do tempo dos romanos só há memória de uma Calípole na Trácia (estreito dos Dardanelos), conhecida hoje por Gallipoli, e descrita pelo antigo geógrafo Pomponio Mela[1]; e de outra que Plínio, também antigo, situa na ilha de Naxos (Grécia)[2]; e, finalmente, de uma terceira em Espa-

---

(1) Lib. 2, cap. 4
(2) Lib. 4, cap. 12

nha, na costa da Catalunha, mencionada por Avieno[1]: todas de origem grega.

Quem, pois, introduziu na nossa vila este nome peregrino?

Felizmente posso resolver esta questão.

II

André de Resende nas suas Antiguidades da Lusitânia, escritas em latim na segunda metade do século XVI, chegando a falar das coisas de Vila Viçosa exprime-se logo no princípio do artigo em termos que eu traduzo assim: Não pode esta vila nomear-se em latim com uma só palavra, a não ser que compo - nhamos em grego o vocábulo Callipole, com exemplo talvez atrevido, mas que aos leitores talvez não desagradará por certo, depois que pelo uso frequente esta palavra se torne vulgar[2]. Assim veio a acontecer, não sendo hoje estranho para ninguém nesta vila que se lhe chame Calípole, e aos seus moradores Calipolenses.

A lembrança de Resende em aplicar a Vila Viçosa este nome greco - latino, foi boa, e por isso mesmo bem recebida; pois não somente a designa com uma só palavra, mas também declina as dificuldades que há em verter para o latim o seu nome próprio. E se não, veja-se. Ele, Resende, querendo alatinizar os termos portugueses - Vila Viçosa, escreveu Vizosa, para não ter de empregar o "ç", letra nunca usada na língua latina, mas dando ao "z" a articulação castelhana, que é igual à do "ç" português, quando neste idioma tem o "z" outra inflexão ou articulação. Por outra parte, os que nesta vila, como já fica notado, alatinizaram o nome ou nomes Vila Viçosa conservando-lhe o "ç" português, procederam igualmente mal porque empregaram uma letra que muitos povos da Europa não conhecem, nem é latina; e andariam muito melhor substituindo o "ç" por "ss", como estão hoje fazendo os latinistas modernos em casos idênticos, e fez nomeadamente António Rodrigues da Costa no seu livro da Vida e acções de D.º Nuno Álvares Pereira, escrito em latim no ano de 1723 e onde a nossa terra é designada por Villavissosa[3]. Esta é a pri-

---

(1) *App. VI o Tom. 4 da Hist. d'Hispanha por Romey.*

(2) *Lib. 4. O texto latino está por epígrafe neste capítulo. Vasconcelos comentando-o, exprime-se assim: Quod si ob amoenitatem et situs pulchritudinem, tam speciosum nomen oppida et urbes sortiri queunt, merito noster. Rezendius Vizosam Amoenam seu Callipolin nominavit. - Scholia.*

(3) *De vita et rebus gestis N. Alv. Per., pág. 7, etc.*

meira razão porque taxo de plausível a lembrança de André de Resende.

E ainda o uso do vocábulo Calípole tem outra vantagem. Para empregarmos um adjectivo pátrio que designasse os habitantes desta vila, teríamos de dizer: os Vilaviçosenses, termo não fácil de pronunciar, ou Vilaviçosanos, que além disso tem um som pouco agradável[1].

Agora note-se que, sendo o adjectivo viçoso, viçosa, uma palavra puramente portuguesa, não é fácil achar-lhe termos equivalentes, quer no latim, quer no grego. Assim, a palavra Calípole não é uma versão muito à letra do nome Vila Viçosa porque o substantivo πόλις (polis) significa também cidade, como por exemplo em Constantinopolis, que quer dizer cidade de Constantino; e o adjectivo καλός (kálos) tem várias significações, como formoso, belo, ameno. Por conseguinte, a palavra Calípole pode ser aplicada igualmente a Vila Formosa, Vila Bela, Vila Amena; e temos nisto mais um exemplo de que a linguagem falada ou escrita é quase toda puramente convencional e, além disso, não tem a perfeição de poder exprimir todas as nossas ideias e concepções.

III

Mas quem propagaria nesta vila o uso da palavra Calípole, significando Vila Viçosa? Ou: quem concorreria mais eficazmente para o vulgarizar entre nós?

Parece-me que posso decidir também esta questão. Já vimos que até 1640 (pelo menos) o uso de tal palavra não tinha ainda aparecido nesta vila, apesar de ter sido já impresso há meio século o livro em que Resende a inventara e lembrara a sua adopção. Por isso, tenho para mim (e com profunda convicção) que a pessoa que mais eficazmente concorreu para a vulgarizar foi o Jesuíta Padre Bento Pereira, natural da próxima vila de Borba que, lendo tal termo nas Antiguidades da Lusitânia, lembrou-se de lhe dar a significação de Vila Viçosa, conforme a ideia de Resende, na sua Prosódia Latina, publicada em 1634. Essa Prosódia andou nas mãos dos estudantes até se coordenarem os novos dicionários em tempo de El-Rei D. José; e ainda assim não deixou de ser usada até este século XIX nas escolas de alguns conventos e outras particulares. Sendo, pois, este livro de um uso mais frequente que as Antiguidades de Resende, não admira que Bento Pereira fosse o propagador da invenção do mesmo Resende, acrescendo a isto que os outros lexicógrafos não atri

---

(1) Villavissosanos em latim escreveu Rodrigues da Costa, ibid. pág. 76, 78, etc.

buiram tal significado à palavra Callipolis.

Esta vulgarização, a meu ver, só veio a consumar-se já no século XVIII. Com efeito, o exemplo mais antigo que tenho encontrado está numas Conclusões defendidas no Convento de S. Paulo em 1744. Nos seus impressos lê-se: in Conventu Callipolis[1].

Hoje, bem como há um século, não se nomeia Vila Viçosa em estilo grandíloquo ou em inscrições de festas populares se não por Calípole, e os seus habitantes por Calipolenses. Do púlpito abaixo clamam os pregadores em festas gerais: Calipolenses! Sociedade Filarmónica Calipolense é o título da banda de música mais antiga; União Calipolense é o nome da sociedade recreativa fundada em 1879 na Rua dos Fidalgos, etc.

IV

Advertirei por fim aos meus patrícios que não escrevam esta palavra com y grego, mas sim com i latino, como a escreveu Resende e a exibe a Prosódia de Bento Pereira precedendo-o de dois ll's, pois o adjectivo kálos na composição dobra o lambda (l grego) e toma o iota (i) e não o ipsilon (y), como se vê nas palavras: Calligraphia, Calliope, etc. A ortografia mais etimológica seria escrever Kallipole, por ser o nosso k equivalente ao cappa grego ou uma naturalização dele na nossa língua, mas isso não está em uso.

Não fecharei este capítulo sem dar notícia de que Lúcio Marineu Sículo, geógrafo moderno do século XVI, fazendo em latim uma descrição do nosso Portugal e chegando a nomear a nossa vila, traduziu Vila Viçosa por Vila Deliciosa[2]. Não teve má lembrança...

---

(1) Veja-se o cap. 62 da 2ª Parte destas Memórias (Tom. 3)

(2) Oppidum Stremotium, Borba, Villa Deliciosa, etc. Lib. 2, f.7

CAPITULO VIII

O deus Endovélico e o seu templo. Quando e por quem foi fundado. Opiniões sobre o nome e natureza desta divindade gentílica. Resenha das lápides que lhe dizem respeito com a interpretação dos seus letreiros. Diversas notícias sobre o seu culto. Resolução definitiva das dúvidas sobre o lugar em que esteve o célebre templo. Viagem do autor a Terena e cópia de novas inscrições ainda inéditas. Destino que tiveram os restos da arquitectura do mesmo templo. Outras notícias correlativas.

> En la misma Villaviciosa existen las famosas Inscripciones del dios Endovellico, puestas en la fachada del Convento de mi Orden, pero no halladas alli, sino trahidas de un logar comarcano, que llamam hoy Terena.
>
> *(Flores - Esp. Sagr.)*

I

Já os leitores têm ouvido falar por mais de uma vez no famoso templo de Endovélico e, tanto por isso como principalmente por existirem ainda hoje cinco aras ou lápides votivas deste deus na parede lateral do meio-dia da Igreja de Santo Agostinho, não é meter a foice em seara alheia o dar agora notícia deste ídolo dos primitivos habitadores do Alentejo, tão célebre que Vilhena Barbosa chama ao seu templo "um dos principais monumentos romanos da Lusitânia"[1]: por ter sido Vila Viçosa quem salvou a memória deste deus gentílico, está hoje a história dele unida à nossa.

Dizem uns autores que este famoso templo era situado em Terena-a-Velha, onde hoje existe apenas a vetusta Igreja - castelo de Nossa Senhora da Boa Nova com as casas do Ermitão[2]; e outros, em menor número, como Novais[3]

---

(1) Est. hist. e archeol. Tom. 2, pág. 311.

(2) D. Luis C. de Lima; Fr. B.de Brito, já citados no cap. 4, com Faria e Sousa e a maior parte dos que têm escrito sobre esta matéria.

(3) Relação do Bispado de Elvas - Alandroal.

e Frei Martinho de S. Paulo numa carta publicada por Damasio na Thebaída Portuguesa[1], que ele existira no cimo de um elevadíssimo outeiro do termo do Alandroal, porém mais próximo de Terena que desta vila, onde se vê a Ermida de S. Miguel Arcanjo. A razão destas divergências está em se não ter precisado bem o lugar donde o Duque D. Teodósio I mandou trazer algumas aras, dizendo-se vagamente que foi de Terena ou dos campos de Terena onde ele costumava ir caçar. No entanto eu farei ver adiante qual das duas opiniões é a mais provável e até absolutamente verdadeira.

II

A história da fundação do templo de Endovélico acha-se na Monarquia Lusitânia donde extrairei a maior parte das notícias que vou dar[2].

Quando os cartagineses dominavam nas Espanhas e mandavam para aqui governadores seus, veio um chamado Maharbal, cerca de 350 anos antes de Cristo. Era este homem um cidadão de muita nobreza e mais afeiçoado à gente da Lusitânia e Transtagânia que quantos até ali haviam entrado nesta península; e trouxe o louvável propósito de engrandecer as colónias cartaginesas e célticas já existentes, e de fundar outras de novo. Desembarcando no cais, que teve o nome de Porto de Aníbal (hoje Vila Nova de Portimão), no Algarve, sucedeu aportar ali uma nau de gregos, com quem os cartagineses andavam em guerra; e, sendo logo a nau acometida e entrada por força, não obstante abraçarem-se os gregos com os ídolos de Vénus e de Cupido que consigo traziam como protectores da sua pátria, prenderam-lhes como cativas as mulheres e dos homens fizeram escravos para trabalharem nos campos, deixando apenas livres umas sacerdotisas da deusa Vénus em reverência da sua dignidade sacerdotal; e isto com tanta superstição (é Brito quem fala) que o próprio Maharbal aliviou muito o cativeiro dos gregos em seu respeito e atenção.

Alguns meses depois se meteu o capitão cartaginês pelo interior do país com grande número de gente, a fim de visitar as nossas comarcas; e, tendo notícia da cidade de Elvas, que já então era povoação notável, tomou para

---

(1) *Tom. 1, pág. 2, nota b.*

(2) *Tom. 1, pág. 182. Mascarenhas no Viriato Trágico, canto V, est.89 e seguintes, reproduziu em verso o que Brito escreveu em prosa, e juntou-lhe uma descrição fantástica do templo, que é digna de ter-se por bem imaginada. Omito-a simplesmente por se tratar aqui de história verdadeira.*

lá caminho. Vista a cidade e assentada a paz com os seus moradores, passou a visitar outros lugares vizinhos onde lhe sobreveio uma doença tão perigosa que esteve às portas da morte[1]; e, consultados os agoureiros, deram-lhe em resposta: que o deus Cupido estava muito irado contra ele e que convinha edificar-lhe um templo para reparar o desacato que lhe fizera; e bem assim restituir aos gregos, seus protegidos, a liberdade e os haveres, de que tinham sido privados.

Com medo da morte, deu aos gregos liberdade o capitão Maharbal e fez logo principiar a fundação do templo naquele mesmo ano de 347 antes de Cristo, ficando acabado inteiramente antes de ele se retirar, e já posta no altar a imagem de Cupido que era de prata finíssima e, segundo Aládio, não tinha olhos, mas via-se-lhe um coração na boca e asas nos pés.

Diz-se que Pedro Aládio escrevera em latim um livro dos sacrifícios dos Lusitanos, do qual existia uma cópia na Biblioteca do Convento de Alcobaça, mas essa cópia não existe há muito e até o livro é reputado por apócrifo (veja-se a Biblioteca Lusitana do Abade Barbosa); no entanto, Pedro Dinis cita este escritor lusitano, a pág. 233 das Ordens Religiosas em Portugal.

Um templo edificado assim tão ligeiramente não podia ser magnífico e sumptuoso, mas é natural que depois recebesse melhoramentos importantíssimos, porquanto passou a ser frequentado por gentes que de muito longe ali iam oferecer sacrifícios e cumprir romagens, como acrescenta o citado Brito; e, como essas gentes falavam as línguas fenícia e céltica, deram ao ídolo o nome de Endovélico.

---

(1) Desceu provavelmente a Juromenha e daqui passou a Terena, ambas insalubres de verão, onde apanhou alguma camada de sezões ou crescimentos; pois é provável que esta jornada fosse feita no estio. Brito escreve esta história, copiando-a das Antiguidades Lusitânicas de Laymundo, escritor godo, nunca impressas e das quais, por isso, tenho ouvido chasquear em desabono de Brito, mas eu não sei que fundamento haja para se chasquear o cisterciense que nenhum interesse tinha em fingir estas narrações. - Gaspar Estaço também menciona a Laymundo nas suas Várias Antiguidades de Portugal. Braz Garcia, no Viriato Trágico, canto V, est. 40 e 41, repreende acremente os censores de Brito e dos dois Brandões, escrevendo entre outras coisas:

Suas obras .....
..... quando censuradas
Ficaram com mais crédito e mais dita.

III

Continuemos agora com o resto das notícias, que Brito e outros dão, respeitantes ao templo e culto do célebre deus.

Havia no templo sacerdotisas, a que chamavam Flâminas, para o trazerem asseado; e estas eram moças gentis e nobres que obedeciam a um sacerdote, sob cuja direcção estavam todos os mais ministros(1).

Os dons oferecidos a este deus eram um cordeiro branco. Para o sacrificar, despia o sarcedote os seus vestidos usuais; e depois envergava uma vestidura branca ou alva como as cristãs que lhe dava pelo peito do pé com tal arte que o braço e espádua esquerda ficavam desnudados e tudo o mais vestido. Tomando assim o cordeiro vivo, abria-lhe o peito com a mão direita, e com a esquerda arrancava-lhe o coração para o lançar num fogareiro de brasas vivas. Dizem que a razão por que o sacerdote conservava descoberta a parte do coração era "para que não parecesse ter o coração coberto quem tinha por ofício oferecê-los a deus descobertos..."

Voltemos à fundação do templo. Maharbal, concluído este, passou a Lacóbriga... Qual? Na Lusitânia houve três cidades com este nome, como hei-de provar mais adiante! Brito disse que era a do Algarve, e assim o têm repetido os seus copistas; eu, porém, tenho nisso toda a dúvida porque reputo existir já então outra Lacóbriga apenas légua e meia para o norte do templo em questão. Diz Brito (continuando a sua narrativa) que Maharbal se retirou de Terena para Lacóbriga, no Algarve, e embarcando ali, foi visitar a Turdetânia ou Andaluzia. Não foi pequena a volta, podendo ir logo daqui por caminho mais curto!...

Resta-me dizer ainda que os gregos por ele postos em liberdade, como dito é, pediram-lhe um lugar onde se estabelecessem; e ele deu-lhes terras em que fundaram uma colónia que teve o nome de Meróbriga e é hoje Santiago do Cacém(2).

Continuando os cartagineses com as suas expedições à Espanha, mandaram, entre outros capitães-governadores, a Amílcar Barcino, pai do grande Aníbal, o qual era homem de muito valor para a guerra e de muita piedade para deuses; do que deu testemunho visitando aqui o templo de Endovélico e oferecendo-lhe riquíssimos dons, entre os quais se contam um arco, aljava e setas

---

(1) Fr. Martinho de S. Paulo, supracit. - Brito na Monarq. Lusit., Tom. 1, pág. 184. - Faria e Sousa na Europa Port., Tom. 1, pág. 98, etc.

(2) Brito, ibid.

de ouro puríssimo.

Quando mais tarde Júlio César veio às Espanhas, também visitou o templo deste ídolo; porém, os seus soldados, mostrando-se menos religiosos, roubaram as alfaias que nele havia, não escapando o arco, aljava e setas de ouro que Amílcar dera ao ídolo e que ele tinha a uso. Causou este procedimento sacrílego imenso escândalo nos povos da Transtagânia, escândalo agravado ainda com o furto da imagem de Vénus, que também era de prata, e recebia culto num templo situado no cimo da serra d'Ossa, onde hoje está a Ermida de S. Gens; mas o tão celebrado capitão romano fez restituir todos estes objectos, mandando até desagravar os dois deuses com muitos sacrifícios. Depois, marchou para a serra de Marvão (Hermínio menor) a fazer uma campanha contra os povos Hermínios, que se não conformavam ainda em obedecer aos romanos[1].

Novais, na sua Relação do Bispado de Elvas, refere mais o seguinte: conta Aládio (Lib. 4, cap. 2 e 29) "uma cousa muito notável; e é, que na noite em que nasceu Nosso Senhor Jesus Cristo, se achou nele (templo de Endovélico) a estátua de Cupido caída pelo chão e toda desfeita, e que o mandaram dizer para Roma por grande maravilha; mas que o Imperador, sem a ter na conta de tal, mandou recolher a prata do ídolo e fazer outro de metal dourado."

Em seguida, continua: "Depois de arruinado o templo, se levaram para diversas partes muitas pedras e letreiros dos romanos. O Duque de Bragança, D. Teodósio I, mandou levar muitos a Vila Viçosa e pôr no frontespício da Igreja de Santo Agostinho. Na Igreja de Nossa Senhora de Terena estão outros; e poucos anos há[2], andavam pelo chão neste sítio da Ermida de S. Miguel (de que está falando) alguns meios vultos de pedra mármore de homens e mulheres; e na parede que está à porta da ermida, onde agora se fez uma sacristia, está um como de frade, da mesma pedra mármore, por alicerce[3].

Este Padre António Gonçalves Novais sustentava que o templo do célebre Deus existira naquele monte de S. Miguel, tendo por seu único antecessor

---

(1) Monarq. Lusit. Tom. 1, pág. 196. Daqui copiaram esta notícia o Santuário Mar. Tom. 6 no Tit. da Igr. da B. Nova de Terena, a Academia dos Humildes e Ignorantes, etc. Julguei ser aquela expedição dirigida ao Hermínio menor e não ao maior (Serra da Estrela) porque, aliás, não tinha geito o vir por aqui Júlio César.

(2) Escrevia em 1632.

(3) Ermida de S. Miguel do Alandroal na Relação do Bispado de Elvas.

(que me conste) o fundador do Convento do Amparo de Vila Viçosa, o venerável Frei Martinho de S. Paulo, como disse de princípio, e sendo aliás os mais escritores inclinados a crer que fora fundado em Terena-a-Velha, onde se vê ainda a Igreja da Senhora da Boa Nova.

Até aqui as notícias que achei escritas.

IV

Direi já o que vários autores têm pensado acerca do nome e natureza desta divindade.

Resende confessa ignorar totalmente a etimologia da palavra "Endovélico", supondo apenas que ela fosse porventura um nome derivado da cidade mais vizinha que poderia chamar-se Endovélia; mas os geógrafos antigos não dão notícia de tal cidade, como observa o seu escoliador Diogo Mendes de Vasconcelos[1]. Este dá-lhe mais duas interpratações, puramente cerebrinas, imaginando que aquele nome seja derivado da dicção grega Balos ou Valos, para designar o deus Término dos romanos? ou que a palavra Endovélico proviesse do verbo latino Vellere (arrancar), como se este deus tivesse por virtude própria arrancar dos corpos objectos estranhos, neles espetados[2]. Faria e Sousa na sua Europa Portuguesa é de parecer que Endus significa o mesmo que Marte ó la Naturaleza en esta estación (a primavera)[3]. Por fim, já neste século, sai-se António da Visitação Freire, sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa, com as suas Observações sobre a divindade, que os Lusitanos conheceram debaixo da denominação de Endovélico, as quais foram impressas nas Memórias da mesma Academia[4]. Visitação Freire deu, segundo creio, uma interpretação exacta da palavra Endovélico, mas perdeu-se, em minha opinião, encostando-se ao sentido de Fa-

---

(1) *De Antiquitat. Lusit. Lib. 4, pág. 236. Não seria interpretação puramente cerebrina, porém, o dizer-se que Endovellicus era o End ou Deus dos Belos, porquanto ficou provado no cap. V ser aqui o país ou comarca dos Celtiberos cognominados Belos, segundo Apiano Marcelino. Quanto ao cognome Belos, pode atribuir-se a mesma origem fenícia, sem obstáculo algum; e nesse caso os Celtiberos - Belos seriam uma mistura daqueles com fenícios.*

(2) *Jacobi Men. Vasc. Schol. in Resende.*

(3) *Pág. 98 da Ed. de 1675.*

(4) *2ª Série, Tom. 1, Parte 1ª, pág. 81.*

ria e Sousa, e desprezando aliás a narração de Frei Bernardo de Brito, abraçada comumente pelos autores, e que afirma ser Endovélico o deus Cupido e não Marte ou o Sol equinocial.

A interpretação da palavra Endovellico ou Endovollico ou Enobolico (todas estas variações se acham nos seus letreiros) é dada assim por Visitação. Diz que é composta do céltico End, que quer dizer Ente, Aquele que é; e de Bel, Belo, Bal ou Baal, que em fenício significava Senhor ou Deus. A estas duas dicções - End - Bel - juntou a língua dos romanos uma terminação ou sufixo próprio do seu carácter, formando a palavra Endovellicus - céltico-fenício-latina que, segundo a interpretação dada, não era rigorosamente o nome próprio de uma divindade especial, mas antes um nome comum que podia convir a outros deuses de primeira ordem, como Júpiter, Apolo, etc. Endovélico, pois, significa o Senhor Deus; o que não admite dúvidas, porquanto a interpretação de António da Visitação Freire está em harmonia com o que têm escrito os conhecedores daqueles idiomas. (Problemas Históricos no Bem Público, ano de 1874, pág. 73).

Lembrarei mais neste lugar que esta divindade tão célebre pelos notáveis monumentos, que ainda no-la recordam, tem de mais disso a qualidade importantíssima de nos certificar a existência de colonos nas nossas comarcas anteriormente ao domínio dos cartagineses. O nome Endovélico assim o está dizendo; e não sei se na Lusitânia consta haver outro ídolo de tanta antiguidade.

V

As primeiras lápides recolhidas com inscrições relativas a este ídolo foram as sete que o Duque de Bragança, D. Teodósio I, descobriu durante as suas caçadas pelos campos àquem de Terena e teve o cuidado de fazer transportar para a sua Vila-Côrte, como amigo que era das boas letras. Chegadas aqui as lápides, foram logo encaliçadas pelas paredes interiores do alpendre que precedia o pórtico da Igreja do Mosteiro de Santo Agostinho[1], onde André de Resende foi ver e copiar as ditas inscrições para as levar ao conhecimento dos antiquários nacionais e estrangeiros, estampando-as nas suas Antiguidades da Lusitânia[2]. Isto foi uma grande novidade para a nossa história pátria porque a lápide, igualmente relativa a Endovélico, metida numa torre do castelo do Alandroal desde a sua construção nos fins do

---

(1) Descrição de Vila Viçosa, por A. de O. Cadornega, ms.

(2) Lib. 4, art. V. Viçosa.

século XIII, também só nesta ocasião começou a ser conhecida pelos literatos (supõe-se que está encoberta com edificações modernas de oficinas da Matriz, porquanto não me foi possível ainda vê-la). Vê-se, pois, claramente quanto o Duque referido bem mereceu das pátrias letras pelo seu zelo em conservar tão preciosos monumentos: o que reconhece e muito agradece o referido Visitação Freire nas suas Observações, já citadas; mas houve outro escritor, nosso contemporâneo, que em vez de lhe tributar louvores por este feito, ingratamente o vitupera e censura sem piedade, como direi para o fim deste capítulo...

Vejamos as consequências daquela acção do Duque D. Teodósio I. Os estudiosos, dando o devido apreço a tão importante descoberta, começaram a estudar este assunto; e eis aí logo Frei Bernardo de Brito a escrever a história da fundação do templo de Endovélico e a dar várias notícias sobre o seu culto na Primeira Parte da Monarquia Lusitana. Os Frades Gracianos, por sua parte, orgulhosos de possuirem aquela riquíssima colecção de monumentos de tanta antiguidade, cuidaram em aumentá-la, segundo creio fazendo encaliçar no mesmo alpendre outras lápides que, com o tempo, se foram descobrindo. Assim, pois, é já hoje impossível o perder-se a memória do célebre deus, venerado entre nós por celtas, fenícios, cartagineses e romanos. As inscrições estão copiadas em muitíssimos livros. Se Brito na Monarquia Lusitana traz só seis, para exemplo, dizendo que havia mais em Vila Viçosa e em outras partes em redor[1]; se Faria e Sousa traz só duas "por desempeño de todas"[2]; e assim parcialmente vários, como o autor da História Genealógica da Real Casa Portuguesa[3] - outros, como o cronista do Mosteiro Frei António da Purificação[4], a Academia dos Humildes e Ignorantes[5], Flores[6], Grutero[7] e Visitação[8], trazem todas as que vou transcrever, começando pelas que viu Resende e que foram as primícias desta colecção.

---

(1) *Tomo 1, pág. 180.*
(2) *Europa Port., pág. 97.*
(3) *Tomo 5 - D. Theodosio primeiro.*
(4) *Crón. da mui ant. ord. dos Er. Calç. de S. Ag. - Tomo 2, pág. 185.*
(5) *Vol. 2, Conf. 25, pág. 193.*
(6) *Esp. Sagr., Tomo 14.*
(7) *Corpus Inscript., Tomo 1, págs 87 e 88.*
(8) *Observações, etc., já citadas.*

1ª

DEO ENDOVEL
LICO PRAESTAN
TISSIMI ET PRAESEN
TISSIMI NVMINIS
SEXTVS COCCEIVS
CRATERVS HONORI
NVS EQVES ROMA
NVS EX VOTO

Nesta inscrição há um solecismo nas linhas 2ª e 3ª, onde, em vez do genitivo que lá está, devia ler-se o dativo - praestantissimo et praesentissimo numini. Traduz-se assim: Sexto Coccejo Cratéro Honorino, cavaleiro romano, dedicou esta ara por voto feito ao deus Endovélico, divindade mui alta e propícia.

2ª

ENDOVELLICO
ALBIA
IANVARIA

Diz Resende que esta pedra estava partida, pois só apresenta a parte superior; mas isso basta para sabermos que memorava ter sido posta em honra do deus Endovélico por Albia Januária.

3ª

ENDOVELLICO
SACRVM MAR
CVS IVLIVS
PROCVLVS
ANIMO LI
BENS VOTVM
SOLVIT

Tradução: Dom consagrado ao deus Endovélico. Marco Júlio Próculo de boa mente cumpriu o seu voto.

4ª

DEO ENDOVELLICO SAC
RVM LV. ELIANA VOTO SVCCE.
ELVIA YBAS MATER FILIE
SVE VOTVM SVCCEPTUM
ANIMO LIBENS POSVIT

Isto é: Dom consagrado ao deus Endovélico. Tendo feito um voto Lúcia Eliana, a mãe desta - Elvia Ybas, cumpriu de boa vontade o voto da dita sua filha.

5ª

D. ENDOVELLICO SA.
AD RELICTITIVM EX
T. NVMINI ARRIVS BA
DIOLVS A.L.F.

Em português: Dom consagrado ao deus Endovélico para aqui ficar. Arrio Badiolo o fez de boa vontade por disposição testamentária em honra deste deus.

6ª

Q. SEVIVS Q. F.
PAP. FIRMANVS
VOTVM DEO
ENDOVELLICO
S. L. M.

Quer dizer: Quinto Sevio Firmano, filho de Quinto Papínio, cumpriu de boa mente o voto feito ao deus Endovélico.

7ª

ENDOVELLICO
CRITONIA
MAXVMA
EX VOTO PRO
CRITONIA C.F.

Traduz-se assim: Critónia Máxima fez por esta ara a Endovélico por voto respeitante a Critónia.

8ª

C. IVLIVS NOVATVS
ENDOVELLICO
PRO SALVTE
VIVENNIAE
VENVSTAE
MANILIAE SVAE
VOTVM SOLVIT

Quer dizer: Caio Júlio Novato cumpriu o seu voto feito a Endovélico pela saúde de sua mulher Vivénia Venusta Manília.

As lápides, cujos letreiros passo a copiar, foram trazidas posteriormente para o alpendre de Santo Agostinho e conservadas ali pelos seus Frades. São mais sete.

9ª

DIO ENDOVEL
LICO SACRVM
BIANDVS .....
..... RVFINAE
SERVVS
A. L. V. S.

Traduzo: Dom consagrado ao deus Endovélico. Biando ... ... escravo de Rufina cumpriu de boa vontade o seu voto.

10ª

ENOBÓLICO
TVSCA
OLIA
TAVRI F.
PRO QVINTO
STATÓRIO
TAVRO
V. A. L. S.

Em português: Tusca Olia, filha de Tauro, satisfez de boa mente o voto feito a Enobólico em favor de Quinto Statório Tauro.

11ª

ENDOVELLI
CO SACRVM
EX RELIGIONE
IVSSVNVMINIS
POMPONIA
MARCELLA
A. L. P.

Isto é: Dom consagrado a Endovélico por espírito religioso e determinação desta divindade. Pompónia Marcela o pôs de boa vontade.

As três lápides, nºs 9, 10 e 11, são a primeira, segunda e quarta das cinco existentes na actualidade. A terceira e a quinta são as que Resende copiou em quarto e em primeiro lugar (nºs 4 e 1).

Existiram também as seguintes:

12ª

ENDOVELLICO SACRVM
ANTONIA L. MANLIOLA
E.V. SIGNVM ARGENTEVM

Quer dizer: Antónia Lúcia Manliola dedicou a Endovélico uma oferta de prata por voto que lhe fizera.

Depois de copiar este letreiro, acrescenta o Padre Flores na España Sagrada[1] provar ele que este ídolo era venerado num templo, e não a descoberto pelas alturas, como sucedia frequentemente na gentilidade. Sem um templo que se fechasse, a oferta de alfaias de prata seria perdida, porquanto "amigos do alheio" nunca faltaram...

13ª

DEO SANCTO ENDO
VELLICO M. V. M.
ANIMO LIBENS
VOTVM SOLVIT

Isto é: Marco Verano Máximo cumpriu de boa vontade o voto feito ao santo deus Endovélico.

14ª

ENDOVELLICO SANCTO
HICAVRELIVS . . . .
VIR . . . . . NOBI . . .

É um fragmento que indica certo dom posto ali ao santo Endovélico por Aurélio ... ...

Outro fragmento deixava ler claramente só a palavra CORINTIO, conforme dizem; e por isso não é certo que fosse pertença de ara consagrada a Endovélico.

A história destas catorze pedras com as cinco mais transcritas no capítulo V, fica já exarada no mesmo capítulo. Desapareceram durante a reedificação da actual Igreja de Santo Agostinho, principiada em 1635 e só concluída em 1677 por causa da Guerra da Restauração da Monarquia; e desta

---

(1) Tomo 14.

forma, apenas podem hoje ser examinadas pelos curiosos as cinco já designadas que ainda escaparam e se acham patentes ao público no lado meridional ou da Epístola da referida Igreja pela parte de fora.

Por conseguinte, não vale a esperteza do espanhol José Cornide que, copiando-as ali em 1798, atreveu-se na sua relação, editada por Visitação Freire[1], a dar remoques em Resende e no seu compatriota Padre Flores, corrigindo-os em dizerem que as pedras estavam no frontespício da Igreja quando estão "en el costado". Estão agora aqui as cinco restantes; mas a totalidade esteve no alpendre e testeira da Igreja. Prossigamos.

O dito Cornide foi visitar a Igreja de Nossa Senhora da Boa Nova de Terena e lá copiou o letreiro de outra ara de Endovélico, metida na parede interior do templo, à direita do altar-mor, que é a de Sitonia. A seu respeito, diz Emílio Hübner (prussiano): "Cornide transcreveu inexactamente a seguinte inscrição; mas nem ele, nem o seu editor (Visitação) a entenderam. Melhor algum tanto é a cópia de Frei Manuel dos Santos Nolasco, extraída de Cenáculo:

15ª

SITNIA Q. F.
VICTORINA
EX VISV Q. ST
TNI T. F. QVIR SER a
ni PATRIS SVIDEO EN
DOVELLICO P. C.

As variantes são pouco essenciais[2]."

E são porque, em todo o caso, deixam ver que "Sitónia Vitorina, filha de Quinto, por motivo de ter recuperado a vista seu pai Quinto Sitónio ...., mandou pôr esta ara ao deus Endovélico"; mas o conteúdo nas linhas 4ª e 5ª é o tropeço de todos os visitantes literatos daquela Igreja, como adiante mostrarei.

Cornide viu fora, à esquina primeira do meio-dia, o seguinte fragmento, que eu vi também, posto na altura dos peitos de um homem e com as letras de

---

(1) *Em apêndice às suas Observações, etc., já citadas.*

(2) *Not. Archeol. de Port., pág. 52.*

pernas para o ar:

16ª

ENDOVEL
LICO SACRVM
TERENTIA C.F.
...STATVA....

. . . . . .

Tradução minha: Terência, filha de Caio, mandou pôr esta ara sagrada a Endovélico, adornando-a com uma estátua ... ... (faltam palavras).

Com esta se ultima a cópia das aras, conhecidas pelos arqueólogos por se acharem todas publicadas pela imprensa; mas adiante acharão os leitores algumas ainda inéditas.

VI

Em 3 de Junho de 1874, passou por Bencatel e veio a minha casa Luis Vermell, natural de Barcelona, excelente pintor e estatuário, conhecido pelo nome de Peregrino Espanhol. Voltava ele de uma excursão a Terena, empreendida com o fim de tirar cópias de antiguidades, principalmente inéditas, e bem assim desenhar os monumentos importantes, ainda que relativamente modernos, como já fizera em Vila Viçosa, Evora Monte e outras terras da província, etc. Esses desenhos e fac-similes com moedas antigas forneceram-lhe matéria suficiente para uma pequena exposição que teve lugar em Lisboa numa sala de teatro. Entre os objectos curiosos que fez favor de me mostrar figurava uma ara de Endovélico existente numa herdada situada perto de Terena, e que aos lados tinha em relevo a imagem de Cupido, servindo-lhe esta descoberta para afirmar que o deus Endovélico era efectivamente o mesmo deus alado, como dissera Brito e a maior parte dos nossos arqueólogos. Indicando-lhe eu desejos de tomar uma cópia desta inscrição, não se prestou ele a isso; e foi bom porque, estando eu já resolvido a ir um dia excursar por aqueles campos, agora mais decididamente reformara e confirmara a mesma resolução.

Cinco anos depois, fazia-me também visita o meu colega Padre Cláudio José Nicolau, Pároco da Matriz do Alandroal, e que fora Pároco da Matriz de Terena, quando Vermell discorrera pelos seus arredores. Como falássemos

sobre as descobertas do Peregrino Espanhol, o meu colega deu-me todas as explicações do que sabia, inculcando-me além disto que a ara de Endovélico por mim apetecida estava na Ermida de S. Miguel, próximo de Terena, mas pertencente à Matriz do Alandroal, e concluindo por se me oferecer para guia e companheiro de viagem quando eu houvesse de realizar a minha excursão literária. Agradeci e aceitei logo o seu generoso oferecimento, de sorte que um ano depois cavalgávamos por aquelas paragens em cata de antigualhas, como agora vou referir.

VII

A 3 de Junho de 1880, por oito horas e meia da manhã, tomávamos do Alandroal o caminho da Ermida de S. Miguel, no qual gastámos duas horas por ser o terreno todo muito acidentado; se eu, porém, marchara lá direito de Bencatel, ficava-me a distância mais curta, pois é somente de légua e meia.

Chegados à cintura daquele alto monte, apeámo-nos e trepámos a pé por uma vereda que conduz à casa da herdade que tem o mesmo título da Ermida, indo eu logo notando alguns fragmentos de ladrilho ou telhões romanos que o trilho da mesma vereda punha patentes. Ao pararmos à porta da casa do monte ou herdade, vi ali um degrau de mármore branco de Montes Claros e por cima dele a soleira da dita porta com algumas letras. Eis a cópia delas:

17ª

Escusado me parece acrescentar que esta pedra não é mais do que um fragmento de ara, e bem gasto por cima com as contínuas entradas e saídas do monte (como chamamos aqui às moradias dos lavradores), visto ser esta a porta principal. Todavia, percebe-se bem que a dita ara fora dedicada a Endovélico por voto de Júlia (Prócula?)[1].

Daí subimos para o sul até ao cume da montanha que dista apenas uns cin-

---

(1) A inscrição nº 3 reza de um voto de Marco Júlio Próculo.

quenta metros para analisarmos as ruínas da Ermida de S. Miguel, já destelhada e profanada, servindo-nos de guia um tal José Pera, roupeiro do lavrador, e umas rapariguinhas, filhas do caseiro do mesmo. O Pera levou-nos ao sul da Ermida e seu lado esquerdo, onde nos mostrou uma pedra estirada no chão com o letreiro na face de cima e dois relevos aos lados com o deus Cupido, mais saliente e perceptível ainda à esquerda. Tem mais de um metro de altura sobre palmo e meio de largura e uns quarenta centímetros de profundidade; cornija e base, como quase todas as mais aras; e na parte superior vê-se-lhe uma cavidade por onde reconhecemos ter estado ali encavada uma cruz de pedra, e era a cruz do adro que marcava o giro das procissões - prática invariável em todas as nossas ermidas cristãs. Folguei de ver que era esta a lápide, cuja inscrição eu invejara a Vermell, e que logo transcrevi por esta forma:

18ª

M. L. N.
C ELLIO
DEO ENDO
VELLICO
SACRVM PR.
SALVTE M.
L. MARCIAN
FILIAE SVE
V. A. L. S.

Tradução: Marco Lúcio Nucélio cumpriu de boa mente o voto feito ao deus Endovélico pela saúde de sua filha Márcia Lúcia Marciana.

Entrando na Ermida, foram as rapariguinhas indicar-me uma pedra que estava numa casinha do sul, coberta ainda com abóbada. Eram duas aras mais: uma toda metida na parede e que só mostrava lisa ilharga, e outra deixando ver o seu letreiro, que copiei. É o seguinte:

19ª

ENDOVELLICO
ARAM
ANTVBELLICVS
PRISCVS IVSSV
IPSIVS LHIBENS
ANIMO PONENDVM
CVRAVIT

Quer dizer: Antubélico Prisco de boa vontade mandou pôr a Endovélico esta ara por determinação do mesmo deus.

A outra lá ficou entaipada por não termos que derrubar a parede.

Depois disto, andámos analisando os velhos muros da Ermida que, por lhes ter já caído o reboco de cal em grande parte, deixavam, de intervalo a intervalo, mostrar alguma pedra lavrada ou fragmento dela, brilhando entre as escuras piçarras das pedreiras daquele território. E eu dizia comigo: estas pedras foram trabalhadas em Bencatel, e foram os seus antigos moradores que para aqui as trouxeram! Basta olhar-se para elas e logo os olhos nos dizem: estes mármores são de Montes Claros! Em Bencatel e Rio de Moinhos estão as pedreiras donde foram cortados! Daqui se está vendo alvejar ao longe a aldeia, que já foi cidade, e mandou pôr aqui a maior parte destas lápides votivas no tempo dos romanos!

Continunando a examinar esses fragmentos dispersos e alguns já caídos no chão, topámos uma arazinha de um palmo de largura e palmo e meio de altura, sobre três dedos de profundidade, à qual faltava tão somente a parte inferior. Depois de limpa, li:

20ª

DEO ENDOVEL
LICO SACRVM
MNNIVS SAPIR
ANIMO LIBENS
VOTVM SOLVIT

Isto é: Dom consagrado ao deus Endovélico. Marco Junio Sapiro cumpriu de boa vontade o seu voto.

Em seguida a este, analisámos dois fragmentos que pareciam ser da mesma ara, contendo as suas duas partes - superior e inferior. Na superior, cuja grossura, abaixo da cornija, não é mais de vinte centímetros, viam-se aos lados umas cabecinhas com redondos e arregalados olhos, enfeitadas com dois erguidos chifres bem simétricos. Eis aqui dois petulantes Sátiros (disse eu logo)! Pena é que não pudéssemos vê-los inteiros!

No friso de cima lia-se, pela frente, em letras pequenas:

21ª

DEO ENDOVE . . . IVLIA M

e depois no cimo da tábua central, em caracteres maiores:

PRO IVL MAR
CELLA M. FILI

No outro fragmento, que reputei base do anterior, viam-se apenas metade das letras da última linha; o que, todavia, me não obstou a conhecer que era uma ara dedicada a Endovélico por certa pessoa em benefício de Júlia Marcela, filha de Marco .....

Ainda tomei nota de dois fragmentos pequenos porque ambos me revelavam o nome de Endovélico assim:

22ª

DOVE

23ª

ENDOV
IC

Estes pedaços ficaram todos junto ao altar de S. Miguel e a arazinha de Sapiro foi por mim posta na peanha do Arcanjo que presentemente se acha hospedado na Ermida de S. Bento, à vista de Pardais.

Feito isto, passámos ao norte onde está uma capelinha que foi da Senhora da Piedade; e aí, na parte exterior, perto de uma figueira, vimos uma grande pedra de Montes Claros que ocupava a superfície de um metro quadrado, sem deixar perceber letreiro algum. Junto dela, para o poente, estavam outras pequenas e, pedindo o meu colega do Alandroal ao nosso guia José Pera que arrancasse a mais pequena, ele prestou-se a isso; veio do monte um martelo de carpinteiro e por último uma picareta; e, assim, pudemos ter nas mãos uma estatueta de dois palmos, porém decapitada... Suponho que era vulto de menino porque tem um passarinho na mão esquerda. Depois desta, saíu parte de uma coluna pequena, toda escalavrada, e em seguida um busto ou meio corpo até o cinto da toga, mas sem cabeça nem ombro esquerdo. Era uma forma de lápides votivas, como eu ainda não tinha visto. Na peanha estavam quatro carreiras de letras pequenas, já muito apagadas, em que pude ler:

24ª

DEO ENDOVELLICO SACRVM
PRO SVO CVSIDIO V . . . . .
. . . . . .
V. S. A. L.

o que deu suficiente ideia de que certa mulher (talvez figurada no busto) cumprira de bom grado o voto feito ao deus Endovélico em benefício de seu marido Cusídio.

Pudemos então ver que a pedra grande tinha letras para o interior do muro, onde se fez o buraco para extrairmos as pequenas sobreditas. Esta face media meio metro de largo com um de alto, contendo todavia só meia inscrição em grandes caracteres, como vou mostrar:

25ª

ENDOVOLLICO
SACRVM
M♁VIBIVS BASSVS♁
ET♁M. VIBIVS AVITVS F

Tradução: Dom consagrado a Endovollico. Marco Víbio Basso e Marco Víbio Avito, filho de .....(1)

Este letreiro devia continuar noutra pedra igual, sobre as quais estaria talvez uma grande mesa como a que forma o altar de Nossa Senhora da Boa Nova, e por cima ainda o que Deus sabe. Era uma ara sem dúvida erigida por opulentos personagens.

Como a esse tempo já declinava da uma hora da tarde, resolvemos dar as nossas pesquisas por concluídas, a fim de irmos ver a Igreja de Nossa Senhora da Boa Nova em Terena-a-Velha, uma légua abaixo para sueste, e que era o ponto mais remoto da nossa projectada excursão. Descendo à cintura do Monte ou Serra de S. Miguel, montámos aí, para deixarmos de respirar uma brisa fresca e fagueira do noroeste que nos vinha de Estremoz, e irmo- nos engolfando numa atmosfera quente e abafadiça por aquelas fragas até atravessarmos o Lucifece, ao moinho da Loba, e começarmos a subir ao outeiro onde campeia Terena-a-Nova. Gastámos até ao Rossio desta uma hora certa; e ao cabo de mais um quarto estávamos em casa da Ermitoa de Nossa Senhora da Boa Nova ou dos Prazeres para tomarmos uma frugal refeição primeiro que entrássemos na Igreja a continuar as nossas investigações arqueológicas.

Entretanto fazia eu os seguintes juízos: 1º - Que as aras de Endovélico, principiadas a destruir seguramente há catorze séculos, não podiam deixar de ser computadas em centenares delas, visto as abundantes relíquias existentes ainda hoje; 2º - Que essas mesmas aras, fabricadas com vários tamanhos e feitios, conforme a grandeza dos oferentes e apresentando relevos aos lados com dorso alisado à escoda, indicavam terem sido colocadas - ou em avenida que conduzisse ao templo ou no átrio deste, ou enfim cerca dele, vendo-se dispersas pela coroa do monte, como hoje os mausoléus nos

---

(1) No Chronicon de Cassiodoro encontro duas vezes o nome Basso, feito Consul no século V; e quanto à família dos Avitos, basta saber-se que um chegou a ser Imperador no mesmo século, para os reputarmos grandes homens.

nossos modernos cemitérios, com alguma ordem e elegância, o que tornaria o célebre templo bem digno de ser visitado.

Suspendendo aqui a lembrança desses juízos, omitirei também uma descrição minuciosa que logo fiz da Real Igreja - Castelo da Boa Nova, a mais notável das vetustas igrejas que tenho visto, por não ser assunto obrigado a estas minhas Memórias, nem eu ter achado ali alguma lápide inédita, nem na desmoronada Ermida de S. Gens, que lhe fica ao norte àquem da ribeira.

O que não posso nem devo omitir é que os dois escudos, um com catorze e outro com quinze castelos, além das quinas, que ornam as sacadas postas sobre as portas do norte e poente (principal), assim como sobre a do meio-dia, para as defender fazendo cair grossas pedras (sobre os que pretendessem arrombar as mesmas portas) por entre os dentes que sustentam as ditas sacadas, são de mármore branco de Montes Claros, como igualmente os dentes referidos, postos em três ordens e a três dentes em cada uma, sendo mais salientes os superiores. Pelos dois buracos, formados entre elas, é que deviam ser arrojadas as pedras sobre os que chegassem a investir as portas da Igreja-Castelo. Vendo isto, disse eu: Além temos cantarias dos monumentos de Endovélico, pois notei que os mármores dos cunhais dos oito ângulos da cruz grega, em que se acha figurada a Igreja vetusta, são grosseiros e muito pardos, como os que há perto do Redondo (granito); e quem os mandava acarretar de duas léguas ou mais ao poente, mais depressa transportava as relíquias úteis das memórias de Endovélico, sem dúvida situado muito mais perto.

Depois de examinado o fragmento da ara de Terencia e constatada a exactidão da cópia que tirou Cornide, e eu já dei atrás, passámos a ver a de Sitónia dentro da Igreja. Coisa de um couvado acima do pavimento, está ela metida no topo da parede, sobressaindo-lhe o reboco dois dedos por uma graça especial dos construtores; pois assim pode ler-se e ali fica bem guardada ao pé do altar-mor da parte do Evangelho. Estas circunstâncias juntas com a de pouca luz e ter a lápide só um palmo de largura a descoberto e coisa de palmo e meio de altura, têm feito naufragar naquele escopo muitos copistas eruditos, como já inculquei. A isto acresce haver nela arcaísmos e serem as letras pequenas, de sorte que não pude logo decifrar a inscrição, como desejava. Examinando os caracteres com a minha curta vista e apolegando-os com os dedos, tomei a seguinte cópia, que reservei para em casa a examinar mais detidamente:

SITNIA Q. F.
VICTORINA
IIX·VISV Q. SIT
ONIII QVII SI RIS
PATRIS SVI EN
DOVELLICO P.C.

Na terceira linha está o arcaísmo IIX por EX; e na primeira deve ler-se o N por V e N, o que é gulgar e disso já ficam exemplos atrás. Quanto a ser a filha Sitúnia e o pai Sitónio, também não oferece dificuldade por trocarem frequentemente os romanos o O por V, assim como o I igualmente por V. Na quarta linha, pois, é que se encontra dificuldade verdadeira. Ali, ou deve ler-se EQVESTRIS (sc. ordinis com outros arcaísmos de dois II por um E), ou então EQVESIRIS, sobrenome de Sitónio. Traduzirei, pois: Sitónia Vitorina, filha de Quinto, mandou pôr esta ara a Endovélico por ter melhorado da vista seu pai Quinto Sitónio Equesir (ou da Ordem Equestre).

Comparem agora os leitores esta cópia com a que Hubner adopta por melhor; e concluam que somos nós, os moradores deste Reino, que havemos de estudar as nossas antiguidades, e não os estrangeiros que por aqui passam de corrida.

Eu fiz tenção de tornar segunda vez a estes sítios para esquadrinhar ainda melhor as suas antiqualhas. Por agora limitar-me-ei a dizer que cheguei ao Alandroal ao pôr do sol e só entrei para minha casa noite fechada. Isso porém não foi o pior porque tinha feito uma viagem frutuosa e sem notável incómodo; o pior chegou três dias depois, como hão-de saber os meus leitores para o fim deste capítulo.

VIII

Resta emitir o parecer em que fiquei depois disto relativamente ao local preciso do templo de Endovélico.

É certo que achei monumentos de Endovélico na Igreja da Boa Nova de Terena, como os achei na Ermida de S. Miguel; porém aqui em maior número. Por isso eu, que por informações dos livros tinha aquela igreja por assen-

to do templo em questão, conforme ajuizava Cornide e o publicara em 1801, mudei de parecer e fiquei na convicção de que o deus Endovélico recebeu culto no cimo do monte de S. Miguel e não em Terena-a-Velha como se tem dito mais comumente, unindo-me assim ao licenciado Novais e a Frei Martinho de S. Paulo que faleceu em 1614 e é, segundo creio, o primeiro que defendeu por escrito esse parecer.

Resende, contemporâneo do Duque D. Teodósio I e editor das aras que ele recolhera, apenas disse que as mandara trazer "de um templo antigo que está perto de Terena", sem declarar a invocação ou título dessa Igreja. Ora, lendo eu isto e vendo que a Igreja da Boa Nova está mais próxima de Terena-a-Nova do que a Ermida de S. Miguel, conclui logo ser aquela e não esta o local preciso do celebrado templo gentílico. Mas Frei Martinho de S. Paulo, que passou o último quartel da vida em Vila Viçosa (com certeza desde 1590), fora ainda contemporâneo de D. Teodósio I e conhecera pessoas do tempo do transporte das pedras, podia com certeza dar notícias mais explícitas do lugar donde foram trazidas.

A Ermida de S. Miguel está, com efeito, situada no termo do Alandroal, mas dista o dobro desta vila do que dista de Terena; pois, ao passo que o termo da última sobe pela margem direita do Lucifece até acima do Alandroal, o desta desce pela esquerda até abaixo de Terena-a-Velha. Portanto não admire que se chame campos de Terena ao monte de S. Miguel quando o alfoz dela lhe passa ao poente, subindo ainda até se ligar com os limites de Bencatel, hoje pertencentes a Vila Viçosa e outrora a Estremoz.

Do visto ao ouvido a distância é imensa e, portanto, depois que vi as ruinas da Ermida de S. Miguel fiquei logo inteiramente na convicção de que ali mesmo campeara o templo de Endovélico. As principais razões que para isso tive são as seguintes: 1ª - O monte de S. Miguel está seguramente na altura de duzentos metros acima do nível de Terena-a-Velha, onde se vê a Igreja da Boa Nova; e mais facilmente se acarretavam os monumentos de Endovélico de cima para baixo do que de baixo para cima. 2ª - Os que fizeram a Igreja da Boa Nova podiam ir buscar mármores a S. Miguel, mas isso não convinha aos construtores da Ermida do Santo Arcanjo, como vou explanar. Sendo o templo da Boa Nova uma obra realenga (de El-Rei D. Afonso IV, se os meus olhos me não enganam), foi necessário procurar cantarias perto do Redondo, na Serra d'Ossa, duas léguas ou mais para o ocidente. Logo, menos custava ir revolver as ruinas do templo de Endovélico, situado à sua vista na distância de uma légua somente. Convindo cortar algumas pedras em

Montes Claros para os escudos e dentes das sacadas que nomeei atrás, tinham de avançar duas léguas e meia para o norte: logo, encontrando-se em S. Miguel pedras aproveitáveis, era mais de meio caminho andado buscá-las ali.

Contemplemos agora a Ermida do Arcanjo, que reputo fabricada um século depois ou já no século XV. Aqui tudo foi construído com pobreza; pois nem para os portados se buscaram vergas de mármore! - Mas estão lá mármores... Como?... - Como estão as piçarras daquele território: emparedados como qualquer pedra sem merecimento! Isto quer dizer que os fabricadores da Ermida não as mandaram buscar a Terena-a-Velha: empregaram-nas porque as tinham ali à mão pelo cume daquela elevada serra. Pedras para envolver com cimento havia-as perto, e não careciam de ir buscá-las uma légua para o sueste e subir com elas a uma altura de duzentos ou trezentos metros! Só um louco iria carregar em Terena-a-Velha a pedra da ara de Basso e Avito, que tem o volume de meio metro cúbico e deve pesar quarenta arrôbas para... quê?... Para metê-la num muro com as letras para o interior dele!...

Mais: que as pedras monumentais (bustos, colunas e aras partidas, etc.) andavam às reboletas pelo cimo do outeiro em torno da Ermida, já em 1632, quando a descreveu Novais, é coisa que atrás fica enunciada nas formais palavras do mesmo. A Ermida, pois, estava feita e funcionava já. E porque se eoncontravam ainda ali aqueles mármores? - Porque eram mal ajeitados para a construção de paredes: não foram acarretados para ali por motivo de se construir a pobre Ermida, mas jaziam naquelas vizinhanças desde sécu-los.

Desculpem os leitores estas minhas impertinentes maçadas. Se uso delas é por não gostar de meias tintas, mas sim de pôr as coisas em pratos limpos, como diziam os nossos antepassados.

Concluindo este parágrafo, só lembrarei ainda o seguinte. A não ser por um motivo especial, os ídolos eram venerados sempre nas alturas, e a isso aludem os escritores sagrados referindo que Jeroboão edificara templos nos altos[1] para desviar os israelitas do Templo de Jerusalém; e que o piedoso Rei Josias profanara todos esses altos onde os sacerdotes sacrificavam[2], etc..

---

(1) Et fecit fana in excelsis. - 3 Reg. XII, 31.

(2) Ibid. 4 Reg. XXIII, 8, 13, 19, 20, etc..

Comparando o que se lê nas obras de Virgílio e nos Livros dos Reis e dos Paralipómenos, deduzo que podia haver aras (altares honoríficos) em diversos lugares, e altares (efectivos para sacrifícios) nas alturas, sem embargo de campear noutra parte o próprio templo de Endovélico; e assim se explica o acharem-se aras em sítios diversos. Mas o templo em questão estava indubitavelmente na serra de S. Miguel.

IX

Este capítulo não devia continuar ainda; mas vejo-me obrigado a isso por ter de refutar assertos de um nosso escritor contemporâneo, que são falsos e até cheios de ingratidão; e, por isso mesmo, quero obstar a que se propaguem.

E mais que provável que, no século IV, com o triunfo do Cristianismo padecesse ruína o ídolo Endovélico, seu templo e seus monumentos, como padeceram no tempo de Josias os levantados por Jeroboão na Samaria, sendo profanados ou destruídos os seus altares, a fim de se extirpar o culto nefando e aviltador do licencioso deus do Amor sensual e impuro; e se isto não bastara ainda, a invasão dos Bárbaros do Norte aí daria cabo de tudo quanto cheirasse a Romanismo. Depois, no século VIII, chegaram os Mouros que, com suas guerras intermináveis, fizeram ermas todas as nossas antigas povoações, com excepção de uma ou outra por acaso. Quando, por conseguinte, os portugueses no século XIII ficaram dominando pacificamente neste cantinho do Alentejo e fundaram as modernas povoações, não existiam do templo de Endovélico mais do que ruínas dispersas. Quem depois disso achava ali uma pedra aproveitável para qualquer edifício ou mister, pegava nela e levava-a. Assim fizeram os Freires de Aviz no fim do século XIII, conduzindo uma ou mais para o Castelo do Alandroal. Assim fizeram os fundadores do templo da Boa Nova no século XIV. Assim no século XV os que edificaram a Ermida de S. Miguel... fora o que se não sabe. Só no século XVI se propôs o Duque de Bragança D. Teodósio I formar um museu de antiguidades no mosteiro de Santo Agostinho de Vila Viçosa, onde queria fundar também uma Universidade; e, como primícias da colecção epigráfica, fez conduzir para ali sete aras de Endovélico achadas, segundo creio, em torno da Ermida de S. Miguel.

Querem ver agora os leitores como um contemporâneo apreciou esta resolução daquele Duque?... Abram o "Arquivo Pictoresco", e leiam: "Ao aceno

deste príncipe (o Cardeal D. Henrique) foi completamente demolido o magnífico templo de Cupido Endovélico, junto da vila de Terena... e dele foram levadas 96 colunas jónicas de mármore para o Colégio do Espírito Santo da cidade de Évora que o Cardeal Infante andava edificando para os jesuítas...

O exemplo de barbaridade aparecera em lugar muito alto para que deixasse de ser visto e imitado em todo o reino (!). Seguiram-no em breve os Duques de Bragança, acabando de destruir o templo romano (?) de Terena, e os arruinados templos de Júpiter Olímpico, a pouca distância da vila do Torrão, o de Proserpina em Vila Viçosa e o de Vénus no monte dos Pomares nas vizinhanças de Evora[1], para edificarem com os seus despojos vários conventos e igrejas de Vila Viçosa."[2]

Alguns anos depois de ter arquivado o trecho que precede, vi os "Estudos históricos e arqueológicos" do mesmo Vilhena Barbosa e renovada ali a mesma acusação por diversa forma. Agora já o dito Vilhena tinha considerado que o Cardeal Rei era mais novo do que o Duque D. Teodósio I e que este o precedera em mexer nos monumentos de Endovélico; e assim, contradizendo-se, escreveu na citada obra: " Começou a devastar essas preciosas relíquias da antiguidade o Duque de Bragança D. Teodósio I. Acabou a obra de assolação o Cardeal Infante D. Henrique, mandando tirar dali para o Colégio do Espírito Santo... de Evora mais de cem colunas[3] de mármore, perfeitamente conservadas, e grande quantidade de outras pedras lavradas. Oitenta e nove dessas colunas adornam o magnífico pátio ou claustro do edifício[4] presentemente ocupado pelo caridoso estabelecimento da Casa Pia."[5]

Em vista do que se acha escrito neste capítulo, poderia talvez excusar-me de acrescentar qualquer negativa a umas afirmações tão injuriosas e exibidas sem uma nota em que o acusador apontasse ao menos uma testemunha, que ateste a justiça da sua arguição.

Da acusação feita ao Cardeal Rei não me ocupo, visto não me pertencer a sua defesa; porém, quanto aos meus patrícios Duques de Bragança, atesto o

---

(1) Aliás na distância de 5 ou 6 léguas.

(2) Tom. 8, pág. 314.

(3) Atrás afirmava serem 96; agora acrescenta o número; e, se bem informado estou, não levou nenhuma de Terena. Parece que as colunas em questão eram de um arco triunfal de Sertório, levantado na mesma Évora.

(4) Pátio da Universidade outrora, hoje do Liceu. Estas colunas, segundo o que vejo nas "Règles d'Architecture" de Vignole, são dóricas e não jónicas...

(5) Tom. 2, pág. 311.

seguinte: não há memória de que outro bulisse nas ruínas de Endovélico, além do referido D. Teodósio I; e se ele assim não fizera, tal ídolo seria talvez hoje desconhecido no mundo literário, como reconhece Visitação Freire, que aliás elogia o procedimento do mesmo Duque.(1) Mais: essas pedras não foram trazidas para edificações, mas para serem cuidadosamente guardadas. Mais: não conheço em Vila Viçosa os despojos do templo gentílico, a não serem duas colunas de caneluras com seus pedestais e capitéis de ordem compósita que estão sustentando cruzes no Rossio de S. Paulo e no Terreiro de Santo Agostinho, para marcarem o trânsito das procissões ordinárias dos conventos próximos.

Vilhena Barbosa ou se iludiu a si mesmo ou se deixou enganar por algum insensato informador...

Que autoridade tinham os Duques de Bragança para irem a S. Gens, ao Torrão e a outras partes, a fazer demolições de "sumptuosos restos da antiga fábrica" desses templos do paganismo(2), se essas terras não eram da jurisdição do seu Ducado?

Enquanto ao templo de Proserpina, saibam os leitores que nem os Calipolenses que fundaram no século XIII a Ermida de Santiago acharam dele relíquias com que edificassem a mesma ermida para Matriz da nova povoação. O que dele chegou até aos séculos XVI e XVII foram unicamente as aras que Resende copiou. Ali não se vê hoje uma pedra lavrada em tempo dos romanos.

A asserção injuriosa do citado escritor contemporâneo foi, portanto, uma calúnia que se deve esquecer para sempre. Mas é mau transtornar a verdade: Carlos Ribeiro leu os escritos de Vilhena Barbosa e, tomando a sério aquela patranha, não hesitou em fazer dela uma nova edição abreviada no Boletim Arquitectónico e de Arqueologia nº 1, ano de 1874. Que eu saiba, foi o cronista dos Gracianos, Frei António da Purificação, que em 1642 estampou na Crónica da sua Ordem a notícia de ter o Duque mandado derrubar o templo de Endovélico - notícia, aliás, falsa e que ele conjecturou apenas fundado-se em ver que o Duque mandou recolher algumas relíquias do mesmo, que achou durante as suas caçadas, quando se começava a construir a Ermida de S. Miguel.

Resta-me somente dar conta, como prometi, dos desgostos que eu, e principalmente o meu colega do Alandroal, colhemos da investigação de monumentos de Endovélico, feita na Ermida de S. Miguel. Nisto não gastarei lar-

---

(1) Mem. da Acad. R. das Ciências, Tom. 1 da 2ª Série, pág. 81.
(2) Estudos etc. lugar cit.

go espaço, porquanto misérias não são dignas de figurarem amplamente num escrito sério como este meu; direi apenas que o dono da herdade de S. Miguel prestou-se a ser instrumento de uma vingança contra o Prior do Alandroal, anuindo a requerer um processo criminal contra o dito Prior perante o juízo da comarca do Redondo, a fim de terem os seus adversários políticos o gosto de o verem sentado no banquinho dos réus como autor de danificações feitas nas ruínas da Ermida e roubador da estatueta e busto atrás mencionados, e que ele fizera conduzir para o Alandroal com o destino de virem depois para meu poder... A mim fez-me o favor de me dar somente por testemunha de acusação...

Felizmente o Delegado e o Juiz da Comarca (Dr. José dos Santos Duarte Pimenta) não deram seguimento à causa, julgando-a improducente; e concluiu o juiz por mandar que se arquivassem os corpos de delito e se guardassem as pedras que andavam juntas aos autos, pagando o autor as custas do que se tinha feito. Ficou o processo no cartório do Escrivão Furtado, ofício nº 1.(1)

---

(1) Deste capítulo extraí uma Memória Histórica sobre o deus Endovélico, e fiz oferta dela a um amigo de Lisboa. Daí resultou ser publicada pela Sociedade de Geografia da mesma cidade em seus boletins nºs 4 e 5 da 3ª Série (Natal de 1882) com algumas alterações que não aprovei. O que aqui está é que vale.

CAPITULO IX

I

Vestígios da povoação romana dos campos de Bencatel. Lápides com inscrições, estátuas e moedas.

Só por tuas ruínas te medimos
A passada grandeza.
(Elp. Dur. - Ode a Lisboa)

1.

Chegou a vez de dar notícia minuciosa dos vestígios da povoação romana que floresceu nos campos de Bencatel, e distava apenas da actual Vila Viçosa quatro quilómetros para o poente. É verdade que este capítulo poderia ter ficado antes do precedente, mas nada se perde com isso: antes a história de Endovélico serve bastante para constatar a muito antiga colonização destes nossos territórios, e preparar assim os ânimos dos leitores para receberem com fácil assentimento notícias correlativas.

Os despojos da velha povoação de Bencatel mostram-se dentro da extensa área que vou circunscrever. Procure-se ao oriente na herdade que tem o título da Nora, o Outeiro Caiado; e, descendo para o sudoeste até o Gavião, vá tocar-se no Monte de Santa Ana. Volvendo agora aí com o rosto para o norte, caminhe-se direito ao Monte do Álamo, que é pertencente à Freguesia de Rio de Moinhos. Cortando para o nordeste, além das Nogueiras (que são da mesma freguesia), oblique-se à direita para ir dar ao Monte de El-Rei e hortas nele contidas, e vá fechar-se o círculo onde começámos a traçá-lo. Aqui está o centro da grande povoação romana, contendo seguramente uma área de dois quilómetros quadrados ou mais. Ainda para o norte, ficavam alguns arrabaldes pelas margens de Rio de Moinhos, que é o Lucifece ainda perto da sua nascença; e para o sul estavam os vilares do Alandroal, situados entre esta vila e a Fonte das Freiras, que é da nossa freguesia de Pardais. Dentro da área, que deixei circunscrita com clareza, acha-se agora esta aldeia de Bencatel, onde vivo há mais de vinte anos, podendo caber ainda nela mais três aldeias tão populosas como esta é.

Conquanto, porém, sejam tão vastos os terrenos em que aparecem pedaços de ladrilhos e telhões romanos, a fama da gente de Bencatel indica sempre os Vilares como a melgueira principal desses despojos; e depois deles, o sítio das Nogueiras. Ora, a razão disso está em serem mais abundantes nestes lugares as camadas de tijolo e telha antiga. Descrevamos, pois, o que em Bencatel entendem por Vilares. Dá-se este nome a uma porção de terra de lavoura pertencente à Herdade da Galharda, situada ao sul desta aldeia, e que confina com várias tapadas, com a Quinta de S. João Baptista (que lhe ficam ao norte) e com a Azenha das Freiras e outras (que lhe estão para o poente). Aqui as ruínas são mais abundantes do que nas hortas e cerrados vizinhos, cobrindo elas quase toda a superfície do solo; mas porquê? Porque, sendo terras de herdade, ninguém faz caso de limpar aquelas fertilíssimas veigas; o que, aliás, não tem sucedido nos pequenos prédios vizinhos, onde apenas restam magros bocados de tijolo. Nos Vilares, assim como na herdade das Nogueiras (fora das hortas), não só há ladrilhos e telhões com alguns mármores talhados, mas também muitíssima pedra miúda com alguma grossa. Esta é hoje rara porque a gente de Bencatel a tem aproveitado para a construção da sua aldeia.

Depois destes prévios esclarecimentos, vamos ver quais as relíquias por mim observadas ou de que tenho notícia pela informação oral de meus contemporâneos. É isto uma relação inteiramente nova, segundo creio, pois não me consta que alguém escrevesse ainda sobre os vestígios da povoação romana de Bencatel.

2.

Dentre as pedras soltas, ladrilhos e telhões que se encontram na herdade das Nogueiras, trouxe eu para minha casa parte de um pé de estátua pequena de côr avermelhada, e que não há nestes sítios. Em casa de José Anastácio de Nazaré, morador nesta aldeia, está um capitel de ordem jónica, achado no mesmo lugar e hoje guardado por ele como relíquia de um gral em que fora convertido para se pisar pimentão. Nas hortas, porém, da mesma herdade das Nogueiras estão outros muito maiores, ajeitados a servirem de pias para beberem as galinhas. Isto quer dizer que ali foram fabricados grandes e sumptuosos edifícios.

Próximo às Ermidas contíguas de S. Pedro e Nossa Senhora das Mercês, onde está o Monte de El-Rei, são abundantíssimos os fragmentos de obra de te

lheiro com muita pedra miúda em todo aquele cômoro.

Em todos os quintais e courelas da povoação de Bencatel aparecem vestígios de ladrilho romano; mas não em grande quantidade pela razão, já exposta, de se acharem expurgados os terrenos por indústria de seus donos, o que aliás não acontece nas herdades e courelas situadas fora da aldeia.

A porta de uma casa virada para nordeste, onde é o encruzamento da estrada de Vila Viçosa ao Redondo com a do Alandroal a Estremoz, estava deitado e encaliçado para servir de poial um cipo de meio metro de largura, mais de um de altura, e uns trinta centrímetros de profundidade; isto no centro, pois tem cornija e base e alguns relevos por cima, inculcando ainda erguer-se no meio deles alguma pirâmide. Fora trazido para ali por um rendeiro da herdade da Fonte da Estrada, onde já estivera fazendo o mesmo serviço de poial à porta do monte; mas não se sabe onde precisamente foi descoberto. Em 16 de Julho de 1878, mandando a Câmara Municipal de Vila Viçosa levantar aquele poial e mais outro ao pé dele, para se fazer um pedaço de calçada entre a estrada nova e aquela moradia, viu-se que o cipo, aliás considerado por mim como pedestal de coluna, tinha letreiro da parte de baixo; e, chegando isto ao meu conhecimento no mesmo dia, fui analisá-lo para tirar cópia da inscrição; mas infelizmente achei as letras muito apagadas por causa dos tombos que aquela pedra tem sofrido em cerca de vinte séculos. Eis a cópia imperfeita que pude tirar:

D. M. S.
....NIA T
VI....III DI
.....MATRI
...IENTISS...
H.S.E.S.T.T.L.

A linha vertical do primeiro D e a primeira do H não existem já por estar desfeita a quina junto da qual foram abertos. Quanto ao nome da defunta ou defunto, é já impossível reconhecê-lo. Parece-me ver um MI antes daquele NIA, e deve-se ler FLAMINIA; mas, como a quina está romba e até já não existem as primeiras letras, concluí nada poder interpretar com segurança. Na quarta regra lê-se claramente MATRI, com PIENTISSIMA provavelmente na quinta, assim como na última as abreviaturas usuais de todas as sepulturas romanas pagãs. Na base do cipo, onde assentava sobre a ur

na funerária, está:

ANTONI
ROM

que talvez indique o nome do canteiro que lavrou o cipo (António, Romano). É dona deste cipo uma viúva chamada Maria Inácia do Salvador, que me disse tencionar fazê-lo conduzir para a casa da sua residência no Terreiro e servir aí de base a um poste de parreira, formado com um vergalhão de ferro, encavado na parte superior do mesmo cipo: o que eu aprovei por me parecer aquele um modo fácil de conservar-se; mas por ora[1] conserva-se ainda posto num recanto à esquina da casa onde servia de poial de porta. (Este cipo, depois de me ser doado pelos herdeiros de Maria Inácia, foi por mim cedido em 8 de Fevereiro de 1891 ao Senhor Dr. J. Leite de Vasconcelos e levado por este Senhor para o Museu da Biblioteca Nacional de Lisboa).

Agora darei notícia dos vestígios descobertos nos Vilares. Em 1841 e anos seguintes, um carpinteiro chamado António José, e que ainda vive, extraía dali adobes em tanta quantidade que assoalhou a casa de fora da sua moradia no largo da Quinta de S. João Baptista, onde podem ver-se ainda. Em 1866, praticou outras escavações num cômoro junto à Azenha das Freiras e tirou daí não só adobes, mas também telhões inteiros e ladrilhos de arcadas pequenas: tudo isto observado por mim. Os adobes são quadrilongos, muito grossos, e feitos de barro bem joeirado, em que não aparece uma só pedrinha. Os telhões-canais têm base plana, bordos e encaixes nos extremos, para o de cima poder montar no de baixo; e sobre estes bordos unidos estavam as coberteiras; de sorte que, visto o telhado por dentro de casa, pareceria um tecto de tabique, segundo a ideia que faço. Os ladrilhos são modelados por tantas bitolas quantos os fins a que eram destinados. Para os arcos, havia-os mais largos ou mais estreitos, segundo era mister; e sempre no fecho do arco se tem achado uma cunha de barro para o rematar. Os ladrilhos dos vãos das portas eram logo feitos com a cavidade própria dos umbrais, assim como os de pilastras ou laçarias de abóbadas com os frisos que haviam de ter; de forma que até se encontram ladrilhos de dois palmos de comprimento e só quatro dedos de largura, semelhan

---

(1) Ano de 1880.

do as nossas cunhas de sabão duro, etc. Os fragmentos pequenos destes artefactos de barro hão-de existir por aqui sempre visto que, além de serem abundantes, igualam a dureza das pedras. Em 1866, extraíu o dito António José alguns mármores grossos, num dos quais se encontraram apenas três letras: M. R. R. exuladas,[1] que certamente eram resto dalguma comprida inscrição. Foram vistas por mim.

Em 1841 caíu uma barreira junto da fontinha dos Vilares e apareceu uma sereia e uma ara de Fontano e Fontana. A sereia, isto é, uma estátua de meio metro de comprimento com a parte inferior de peixe e a superior de mulher, tinha na cabeça um véu tomado para a nuca e as pontas pendentes para as costas; e a ara dizia assim:

FONTANO
ET FONTANAE
PRO SALVTE
ALBII FAVSTI
ALBIA PACINA
V. S. A. L.

Em português: Albia Pacina cumpriu de boa vontade o voto feito a Fontano e Fontana pela saúde de Albio Fausto.

Segue-se, pois, que Fontano e Fontana eram divindades ali mesmo veneradas. Bem pode ser até que fossem nomes de um Tritão e de uma Ninfa Náiade, cridos por habitadores da fontinha dos Vilares, e que a dita ninfa náiade estivesse ali representada pela sereia. Quem sabe?

Houve quem copiasse o letreiro da ara, sendo um desses copiadores o moleiro da Azenha das Freiras, já aqui nomeado - José Anastácio de Nazaré, de quem recebi o transunto que dei acima.

Estiveram aquelas pedras no mesmo lugar da sua casual descoberta durante alguns meses; e, por último, foram conduzidas para Lisboa e oferecidas ao Cardeal Patriarca D. Fr. Francisco de S. Luis, pois estando aqui vivendo na Quinta da Madre de Deus o Frade Paulista Fr. Francisco de S. Tomás Mendes, irmão de Fr. Joaquim de Santa Teresa Mendes, então Confessor das Freiras da Esperança de Lisboa, e conhecido ou amigo do Patriarca desde que este viera preso por Liberal para o Convento da Serra d'Ossa, che-

---

(1) Miles Reipublicae Romanae?

gou a notícia aos ouvidos de Fr. Joaquim; e, comunicada por ele ao Patriarca, este pediu-lhe as pedras que de cá foram remetidas por Fr. Francisco.

Outro tanto aconteceu com a cabeça de um capitão romano aparecida no mesmo sítio e ao mesmo tempo. Tinha ela barba comprida e uma leve contusão na ponta do nariz, segundo me informam os que a viram.

É por isso que Pinho Leal teve conhecimento da ara de Fontano e Fontana, registada agora no seu dicionário corográfico de Portugal;(1) e teve-o da mesma sorte o Prussiano Dr. Emílio Hubner que a transcreveu nas suas "Notícias Arqueológicas de Portugal", acrescentando a seguinte reflexão : "É singular a divisão da divindade em Fontanus e Fontana";(2) imaginando que se tratava ali do mesmo Endovélico, o que não abona muito a instrução mitólica do doutor estrangeiro que devia saber que os pagãos prestavam culto a infinitos deuses.

Pelo mesmo tempo descobriu-se uma grande pedra que hoje serve de peso à vara maior do lagar do cimo da rua de Evora, sendo preciso desbastá-la muito para não ser tão pesada; e também descoberto foi um poço estreito e redondo com um pequeno bocal de mármore, tapado com uma laje. O bocal foi arrancado e conduzido para o Monte da Torrinha, cujo lavrador, António José Torrinha Sénior, trazia então de renda a Galharda onde estão os Vilares; e lá se conserva ainda. Extraído o bocal, tiraram também uma porção de adobes que por baixo tinha até o muro de pedra solta; de sorte que ficou muito estragado. Ainda hei-de falar mais adiante neste poço.

Na quinta de S. João, limítrofe dos Vilares, procedeu-se nalgum tempo à expurgação do seu terreno, a fim de se tornar este mais lucrativo; mas esse facto, conquanto ocorresse há pouco mais de um século, não se acha já na memória dos meus contemporâneos. É certo, contudo, que ali se achou um belíssimo capitel de ordem coríntia, como eu não vi outro, ricamente lavrado e tão grande que não pesará menos de oito arrobas: o que nos dá ideia da grossa coluna em que montava. (Conserva-se no pátio). Também ali se descobriu uma pedra de dois palmos em quadro com sua moldura em redor, que comemorava os restos mortais de Júlia Avita, encerrados talvez em urna posta debaixo daquela pedra. É decerto a que teve melhor descobridor, por-

---

(1) Portugal ant. e mod. art. Bencatel no 1º Tomo.

(2) Pág. 53. Diz que a cópia da ara lhe fora dada pelo Padre Manuel da Gama Xaro, de Setúbal, o qual vira a mesma ara em poder do Cardeal Patriarca.

quanto foi encaliçada num quarto do andar alto da mesma quinta, onde copiei o seu letreiro que diz assim:

IVLIA AVITI F. AVITA
AN. XX H.S.E.S.T.T.L.
TVRRANIA MAXSV
MA MATER ET IVLIVS
MAXSVMVS FRATER
FACENDVM CVRA
VERVNT

Traduz-se assim: Aqui está sepultada Júlia Avita, filha de Avito, falecida com vinte anos de idade. A terra te seja leve. Sua mãe Turrania Máxima e seu irmão Júlio Máximo lhe mandaram pôr este monumento.

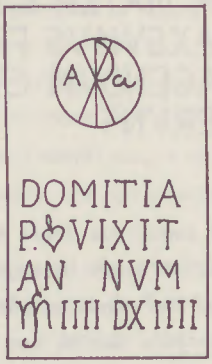
Observarei aqui o seguinte: 1º - Que na ara de Fontano se lê o nome de Albia e o de Albio; e que noutra de Endovélico está o de Albia Januária, revelando isto que se tratava de pessoas da mesma família. 2º - Que o nome de Máximo da sepultura de Júlia Avita, assim como este último se encontram igualmente nas ditas aras de Endovélico. 3º - Que se lê nas "Notícias Arqueológicas de Portugal", por E. Hubner, a cópia de uma inscrição encontrada em Juromenha (povoação pouco distante de Vila Viçosa, diz ele) e que foi comunicada a D. Fr. Manuel do Cenáculo, Bispo de Beja nos fins do século passado; ora, nessa inscrição reza-se de um voto cumprido por Caio Júlio Máximo, soldado da sétima Legião feliz, que parece o mesmo indivíduo.(1)

Em 14 de Maio de 1866, quando se lavrava uma porção de terra dos Vilares para ter ali lugar a sementeira de feijão, sucedeu, como por muitas outras vezes, prender-se um arado, sendo preciso tocar nos bois pela frente para o desencalhar; mas desta vez quiseram os ganhões investigar a causa do empeço e acham uma sepultura com epitáfio, além doutras sem ele. Tinha este monumento a forma de um pequeno ataúde ou caixãozinho de mármore azulado com tampa, fundo e lados de tábuas de pedra de dois dedos de grossura, sendo o seu comprimento de cinco palmos e a largura de dois ou pouco mais. Conduzido logo para casa do lavrador António José Torrinha Sé-

---

(1) Pág. 52.

nior, morador no Terreiro desta aldeia, mandou-me chamar para eu examinar o letreiro, conforme as recomendações que lhe fizera. Fui lá nessa mesma tarde e achei a campa fracturada em quatro pedaços, convergindo as rachas dos extremos a um ponto central; e o lavrador explicou-me a causa da fractura, dizendo-me que aquilo era efeito de algum pastor haver espetado (a maço) uma estaca do bardo sobre ela na ocasião de se estrumarem aquelas terras com a dejecção de ovelhas. Eis uma cópia do epitáfio tirada por mim:



O emblema significa - Cristo, Deus eterno, princípio e fim de todas as coisas - como vou explicar. As letras gregas X e P que estão enlaçadas (chi e ró) são as duas primeiras com que na língua grega se escreve a palavra Cristo; e tão distintamente foram usados entre nós estes emblemas que ainda não há um século que deixaram de escrever os nossos avós por esta forma a palavra Cristo - Xp^{to}. O círculo, em que aquelas duas letras estão metidas, era um dos hieróglifos do Egipto com que se designava a "eternidade"; e as letras gregas "alfa" e "ómega", que estão aos lados, significam o príncipio e o fim, por serem a primeira e a última do alfabeto grego. O dito emblema é, pois, uma representação simbólica de várias passagens da Escritura, e nomeadamente do verso 13 do capítulo XXII do Apocalipse, que diz assim: "Ego sum Alpha et Omega, primus et novissimus, principium et finis" (Eu sou o Alfa e o Omega, o primeiro e o último, o princípio e o fim). Foi desta maneira que o interpretei logo no mesmo dia da descoberta da campa, e isto porque já vira no "Arquivo Pitoresco" o mesmo emblema, só com a diferença de não ter o círculo. Depois vi outro, como este último, na cópia de um epitáfio de "Valéria", descoberto em Mérida, e que o Padre Flores traz na "Espanha Sagrada".(1)

---

(1) Tom. 13, pág. 168. São frequentes os exemplos.

Enquanto ao letreiro, não acertei logo na interpretação do P; e só depois de ver umas cópias de epitáfios cristãos das Catacumbas de Roma pude conhecer que aquela letra valia por I e P, devendo ler-se IN PACE com o verbo REQVIESCIT subentendido. O mais não oferece dificuldades para os versados nesta matéria. Traduzo-o, pois, assim: "Domícia em paz descansa neste lugar. Viveu um ano, quatro meses e catorze dias."

Esta inscrição já não é inédita porque, mandando eu uma cópia dela para Évora, chegou à notícia de A. F. Barata; e este publicou-a primeiramente nos "Esbocetos biográficos dos Arcebispos de Évora"(1), e depois na "Memória histórica sobre a fundação da Sé de Évora"(2).

Resta-me indicar o paradeiro da campa. Constando a sua descoberta ao meu patrício Dr. Francisco Augusto Nunes Pousão, no tempo Delegado do Procurador Régio em Elvas, mandou-me pedir uma cópia do epitáfio; e achando-o importante, dirigiu-se ao lavrador pedindo a própria campa. Esta foi logo entregue em Vila Viçosa a Manuel Maria Matroco, primo do antecedente, em cuja casa está depositada.

E visto que falámos em sepulturas, direi que em toda a Galharda, junto aos foros (tapadas foreiras), a cada lavoura, por assim dizer, se levanta alguma lousa, ordinariamente de lajem; e quanto a ossos, os que aparecem estão desfeitos, restando, quando muito, alguns tornozelos.

Mais. No estio de 1877, o lavrador de Santa Ana, Manuel Gomes Caeiro, mandando murar a horta da herdade e abrir um leito novo ao ribeiro para lhe não devastar a dita horta, achou muitas sepulturas com tigelas (disse ele) à cabeceira de cada uma: o que soube já um ano depois.

Antes de prosseguir, não devo deixar de pôr em relevo a grande importância do monumento da menina Domícia, que nos prova o seguinte. 1º - Ter a velha povoação dos campos de Bencatel presenciado a grande revolução moral e religiosa que Nosso Senhor Jesus Cristo veio trazer à terra. 2º - Que esta povoação ainda subsistia nos séculos VI e VII ou no tempo dos Godos, pois é sabido que nessa época lavrou nesta península a heresia do Arianismo, importada pelos mesmos Godos; e que os Católicos adoptaram aquele emblema, já usado há séculos pelos Cristãos de Roma, para seu distintivo dos Arianos.

Agora darei conta de outras escavações mais modernas que tiveram lugar

---

(1) A pág. 8.
(2) A pág. 9.

nos Vilares, ou melhor, no cômoro fronteiro à Azenha das Freiras, onde tantas descobertas se têm feito já. Foi isto em Janeiro e Fevereiro de 1879, sendo lavrador e dono da Galharda o meu patrício João de Sousa e Menezes; e essas escavações tinham dois fins: 1º - limpar o terreno de pedras e entulhos; 2º - atinar com o poço, de que já falei, e ficar ciente o dito lavrador de poder ou não fabricar nele uma nora com cuja água pudesse regar a hortinha da Galharda que fica próxima e em sítio mais baixo.

Indo eu observar os inventos das escavações referidas, vi (além de muitos telhões e ladrilhos de diversos tamanhos e feitios) o seguinte: 1º - - Uma grande pedra de doze palmos de comprimento com três de largura, a qual tinha no centro dos extremos uma cavidade como de rodízio ou couceira de porta, e junto dessa cavidade outra menor para gato de ferro. Era inquestionavelmente ali um grande pórtico. Foi levada esta pedra para Vila Viçosa e posta no portal de uma casa nova que o dito João de Sousa edificou no Carrascal, junto à Travessa do Arco da Lapa. 2º - Uma outra pedra, conhecidamente soleira de portado porque não só tinha cava de couceira para uma só porta, mas rebordo exterior. 3º - Uma outra com regueira ou cano estreito. 4º - Uma outra não apurada a cinzel ou escoda estava empinada e sobre ela tinham posto os trabalhadores um busto de mármore, cuja cabeça padecera a lesão de uma lasca tirada na face esquerda, compreendendo boca, nariz e olho direito. Esta lesão era já antiga, e talvez que procedesse de ter tido a estátua (de mulher, pois não tinha barbas) um diadema ou coisa semelhante na cabeça, conforme coligi de um furo existente na testa em que encontrei chumbo, opinando ter havido ali um espigo de ferro e outro do lado esquerdo que segurassem o tal diadema ou o que quer que fosse.

Em 8 de Fevereiro seguinte, fui segunda vez inspeccionar as escavações, e achei terem-se descoberto várias pedras grossas junto do pórtico referido e ao longo dos alicerces de uma capela ou templo, indicando serem bases sobre que se erguiam colunas ou grossas pilastras. Seria aqui algum templo de Fontano e Fontana?... Deus o sabe. Na traseira deste edifício apareceram alguns canos de chumbo em perfeita conservação. Eram aquedutos de pequena porção de água e, segundo parece, de umas termas ou banhos quentes, pois mais adiante estava um tanquinho ou banheira de argamassa duríssima, além de cinzeiros perto dos canos.

Em 15 do referido mês e último das escavações, tornando lá, vi que já tinha aparecido o poço cobiçado, e admirei novos mármores, inculcando serem alicerces de outros (alguns de mais de oitenta arrobas), tábuas de mármore alvíssimo talhado à serra, pedaços de cornija, florões de cimento (bem con

servados), ladrilhos em forma de trapézio, isto é, mais largos de uma parte do que da outra e com os ângulos cortados para lhe ficarem duplicados, etc.. Infelizmente não apareceu uma só inscrição. O terreno surribado nesta ocasião fica livre de pedras grossas porque o dono da herdade mandou tirá-las todas em padiolas, tanto por limpar o terreno, como por empregá-las em fazer um muro à hortinha da Galharda, conforme disse nesta ocasião. Aqueles trabalhos abrangeram somente uma pequenina parte dos Vilares; e lá estão ainda alguns mármores pesados junto da levada, para memória destas escavações.

Em Outubro de 1889 continuou João de Sousa as escavações e achou um grande eirado feito assim: por baixo um soalho de lajes pequenas e por cima uma argamassa com pedacinhos de tijolos nos intervalos. Aquilo era talvez algum átrio. Está num cabeço próximo.

Não devo omitir neste lugar que a parte povoada junto às Nogueiras, em que falei de princípio, era defendida por um reduto, a que chamam aqui "o Castelão", cujo ângulo do noroeste se acha ainda muito elevado e o parapeito bem saliente. O mais tem-se ido arrasando com as lavouras. Este castelão fica às lindas da herdade do Machado, pertencente à freguesia de Bencatel. Em Rio de Moinhos há outro ainda maior no sítio do Monte Franco perto da Fonte Ferrenha donde bebem os moradores do Arrabalde e Aldeia Nova daquela freguesia.

Aditamento: Em 1886 desenterrou Celestino Maria Cardoso na herdade da Vigária, próximo do Monte do Barrinho, grandes lajões de piçarra e de mármore de um jazigo redondo com cinco metros de diâmetro. Fui vê-lo a 8 de Março; e observei que no centro jaziam muitos crâneos, tíbias e tornozelos, cobertos de pedras grossas colocadas sem ordem, parecendo cadáveres mortos numa batalha. Mais abaixo estava um túmulo já arrombado. E por todo aquele cômoro que é atravessado pela linda do Barrinho para a Vigária (junto da courela que conduz às quintas de Santo André) notei muitas pedras postas de galga, indicando muitas paredes de sepulcros. As pedras desenterradas vieram para um prédio que o Sr. Celestino começava a edificar na rua de Vila Viçosa.

Observei mais no dia mencionado que entre o Monte do Barrinho e as Cabanas estão vestígios de um outro vilar romano, e que o dito Monte forma em cima uma planura artificial que serviu de fortificação.

Agora darei notícia das moedas romanas que tenho podido recolher, com alguns prévios esclarecimentos. Antes da minha vinda para Bencatel em 1858, era o meu patrício Dr. Pousão quem recebia todas as moedas romanas que achavam os criados de António José Torrinha Sénior, então lavrador da Galharda, ou ele descobria por aqui; e só alguns anos depois consegui acostumar esta gente a trazerem-mas, dando-lhe eu o seu valor, sendo de prata; o que tenho feito algumas vezes quando até me as trazem de cobre, para assim os fazer mais diligentes. Vamos, pois, ver o que tenho conseguido nesta matéria.

1º - Quanto a moedas de ouro, só encontrei notícia de ter Mariana Antónia, por alcunha a Toché, achado uma andando ela a esmondar uma seara: isto antes de 1858. Levando essa moeda a uma feira, deu-lhe um ourives por ela 1 200 réis.

2º - Quanto a moedas de prata, só duas tenho podido recolher. A primeira é um belo "denarius quadrigatus", achado num regato perto do Álamo por Caetano José do Carmo Coelho, carpinteiro, a quem o comprei por um tostão. Correu pouco, e por isso mesmo está como quando acabou de cunhar. No anverso tem a deusa Roma de capacete alado; vê-se-lhe detrás da nuca um X, marca do denário (dez asses); e por baixo uns animalejos que não distingo bem. No reverso está a deusa Vitória num carro tirado a quatro cavalos; por baixo das mãos destes, lê-se: "c. cass"; e por baixo de tudo, mediando uma linha horizontal, "Roma", para indicar onde foi cunhado. Ora, o consulado de Caio Cássio com Públio Licínio é do ano 585 da fundação de Roma, 168 anos antes do nascimento de Cristo, e 17 antes da fundação do templo de Proserpina em Vila Viçosa. Quarenta e oito anos depois houve outro Consul Caio Cássio, mas com o sobrenome de "Longino".

O outro denário tem menos peso e acha-se algum tanto safado. No anverso representa e efígie de um Imperador que, por estarem as letras apagadas em parte, não afirmo que seja "L. Comm." (Lúcio Cómmodo), que florescia no século II. No reverso está a "Abundância" com o letreiro "P. M. Tr. P. XV.." (Pontífice Máximo, quinze ou dezassete vezes com o poder tribunício).

3º - Moedas de cobre. Tenho até agora[1] recolhido 55; destas, porém, só umas vinte são legíveis. Para amostra, darei conhecimento das seguintes:

---

(1) 1880.

- Um asse (ou "as") de Alexandre Severo. Tem no anverso (além da efígie do Imperador) a inscrição: "Imp. Alexander Pius Aug."; e no reverso a "Paz" entre as letras "s. c." (sumptu communi) e à roda o letreiro: ----- "P. M. Tr. P. Xi. Cos. iii. P. P." (Pontífice Máximo, onze vezes com o poder tribunício, terceira vez Consul, Pai da Pátria). Ora, a terceira vez que Alexandre teve o Consulado foi com Dio no ano 229 da Era Vulgar.

- Outro do mesmo Imperador, algun tanto safado, tem: "Imp. Sev. Alexander Aug."; mas na inscrição do reverso leio claramente só o "Cos.iii".

- Outro de Maximino deixa ler no anverso: "Maximinus Pius Aug. Ce. P. M."; e no reverso apenas descubro: "...s August..."

- Outro de Filipe. No anverso está: "Imp. M. Jul. Phillipus Aug.". Do outro lado só distingo uma divindade alegórica no meio das usuais "S.C.".

- Um quadrante de Probo. Tem o Imperador laureado e mostrando uma loriga vestida, com a letra: "Imp. C. Probus P... (Pius?) Aug."; e no reverso: "... Tempor. felici."

Estes quatro são do século III.

- Um outro asse com uma efígie de mulher e a legenda: "Diva Augusta" ; e no reverso uma lua. Julgo ser de Placídia Augusta, mãe de Valentiniano III.

- Diversos quadrantes e trientes de Constâncio Cloro, Constantino Magno e Constâncio Patrício. Exemplos:

"Imp. Constanti...."; e no reverso, em torno da proa de um navio: "Optimo. Principi."

"Constantinus Pius" _____ "Soli invicto Comiti"

"Imp. Constantinus" _____ "Soli invicto Comiti"

"Constant... nob. cae."; e no reverso: "Caesarum nostrorum ..."

"Constantinus Aug." _____ "Providentia Aug."

"Constantius ..."; e no reverso por baixo da divindade alegórica "Comes" (Constâncio III ou Patrício).

Outros com "vot." no reverso dentro duma tarja e "x" por baixo de "vot".

- Três moedas de Teodósio Magno. No mais legível está: "... Theodosius P. R." (Populi Romani) "Aug."; e no reverso: "Reparatio ..." com uma figura alegórica, por baixo da qual está: "ASLS." (um sémis ou meio asse).

Do aparecimento destas moedas infere-se que a povoação romana de Bencatel florescia mais de um século antes de Cristo vir ao mundo; e continuava a figurar ainda nos fins do século IV da Era Cristã ou Vulgar. Supondo agora que padecesse muito nos vinte anos em que por aqui andaram os Vândalos no século V (409 a 429), não deixou de continuar ainda a existir, pois certifica-nos disso a campa de Domícia que é evidentemente do século

VII. Concluo, portanto, que esta povoação deixou de o ser só no século VIII ou nos seguintes com a invasão dos Mouros.

4.

Mas como se chamaria esta cidade (perguntará qualquer)?... Respondo: vamos ver o que de verdade se pode apurar a este respeito. Contudo saiba-se primeiramente que ninguém escreveu ainda (que eu o saiba) das antiqualhas de Bencatel; e só dos Vilares do Alandroal se lê no "Mapa breve da Lusitânia antiga" pelo Padre Francisco do Nascimento Silveira o seguinte: "Como João de Barros, ou quem o fingiu, põe em nossas terras duas Lacóbrigas, uma que é a sabida no Algarve, e outra em o Alentejo e Alandroal, não quis deixar passar esta espécie que os naturais desta ... vila podem melhor esquadrinhar... Sei do Dicionário Geográfico (Tom. 1, pág. 113) que no sítio dos Vilares há vestígios de povoação antiga, como são telhões, ladrilhos, etc. e em seu termo sinais certos de minas, e uma ermida de S. Miguel, que se crê foi templo gentílico. Se aqui foi a segunda Lacóbriga, eu o ignoro: somente o lembro por o trazer o Tomo IV das Colecções da Academia Real da História, nº XXX, Conferência de 2 de Novembro de 1724."

"Hoc opus, hic labor est." Temos diante de nós uma grande questão.

Neste lugar observarei já o seguinte. Os Vilares do Alandroal, situados nos olivais entre a Fonte das Freiras e aquela vila, eram apenas um "vico" da cidade que floresceu em Bencatel (assim como os Vilares de Pardais), pois lhe ficam muito inferiores em extensão e abundância de vestígios antigos; e saiba-se além disto que, no tempo dos romanos, eram os territórios das cidades muito vastos e não como os pequeninos alfozes das nossas modernas vilas.

Mais. Ainda não ouvi memorar inscrições achadas nos Vilares do Alandroal (não querendo, todavia, negar que tenham aparecido: o que pode ser).

De minas antigas do Alandroal e seu termo não tenho conhecimento, porquanto a do Bugalho ou Ferrarias é situada na freguesia de S. Brás dos Matos, pertencente ao termo de Juromenha, e só agora, há poucos anos, do concelho do Alandroal por lhe ter sido agregado o termo de Juromenha. Nesta mina se encontraram em 1867 (pouco mais ou menos) algumas ferramentas e um entivado feito com paus de sobro ainda com cortiça; e o nome de "Ferrarias", dado à herdade vizinha do Bugalho, vem-lhe (como em casos idênticos) das camadas de escumalho que se encontram no solo, pois os romanos

tinham em todas as suas minas os fornos precisos para derreterem e apurarem logo ali os metais, como resulta da inspecção de tais minas.

Mais perto do Alandroal está a da Almagreira, que é de manganés, e com bem conhecidas camadas de escumalho do mineral derretido e apurado ali mesmo; esta, porém, é situada em Pardais e no termo de Vila Viçosa, bem perto dos Vilares da dita freguesia de Pardais, já nomeados no capítulo VI; e ao oriente daqueles estão as minas dos Cobres e Ferrarias com muitos poços (alguns ainda abertos), que se dilatam pelos coutos de Vila Viçosa. Em Bencatel, junto da estrada do Alandroal, na faia de cá, quase às lindas da Torrinha, estão minas de ferro antigas também.

Nenhuma destas minas é do termo do Alandroal, posto que lhe fiquem chegadas; e perto, e mais perto delas, há vestígios doutros Vilares, como os do Alandroal.

Que havemos, pois, de conjecturar senão que todos estes vilares constituíam o território e população de uma cidade única? - Isto é claríssimo. Portanto a dificultade só estaria em decidir qual desses vilares era o centro da povoação ou cabeça do Concelho, como hoje dizemos. Ora, nisto não há para mim dificuldade alguma porque, vendo que os vestígios da povoação de Bencatel são cinco ou seis vezes mais extensos e abundantes que os dos Vilares circunvizinhos, tenho-a por cidade ou cabeça de Concelho.

Mas... chamava-se esta "Lacóbriga"?

Procedamos a um estudo profundo e vejamos o que tenho podido investigar sobre esta matéria.

II

Dissertação sobre as Lacóbrigas da Lusitânia, onde se prova que eram três, e uma delas situada no Alentejo e em Bencatel. Via militar dos romanos de Évora a Mérida.

O conhecimento das cidades romanas ao sul de Portugal está ainda muito atrasado.
(Hubner - Not. Arqueol. de Portugal)

1.

A importância do assunto deste capítulo persuadiu-me a envidar todos os esforços ao meu alcance para derramar alguma luz sobre ele, pois a notícia da povoação romana de Bencatel não foi até agora publicada pela imprensa; e quando a minha relação dos seus vestígios antigos, e tão importantes, chegar ao conhecimento dos amadores da arqueologia da nossa província, hão-de por certo cismar, como eu tenho cismado, em saber o nome da cidade que aqui floresceu. Vou por isso acrescentar, e longamente, este capítulo para dar conta dos trabalhos por mim empreendidos para descobrir o nome da cidade romana de que a nossa antiga Vila Viçosa foi sem dúvida um vico ou aldeia contribuinte.

Bem sei que no meu lidar incessante não tenho sido tão feliz como desejava, pois não logrei saber com absoluta certeza o nome ambicionado; e hoje estou já intimamente convencido de que só com a descoberta de inscrições lapidares de carácter geográfico se poderá adquirir aquela certeza. Fiquem, pois, de sobreaviso os meus patrícios e vizinhos, não descurando tais pesquisas, como até agora têm feito... Sou eu talvez o único destes sítios, entre antigos e modernos, a ocupar-me destas investigações.

No entanto, darei conta dos meus estudos sobre esta importante matéria, olhando a que sempre há-de resultar deles algum fruto para a história das antiguidades transtaganas.

2.

Dito fica já na primeira parte deste capítulo pelo Padre Francisco do Nascimento Silveira, autor do "Mapa breve da Lusitânia antiga", que João de Barros, ou Gaspar Barreiros que isto fingiu em nome daquele, afirmara no século XVI ter havido no Alentejo e Alandroal uma Lacóbriga dos Túrdulos; e a isto logo eu ajuntei que no Alandroal não podia ser, ponderando que, se os vilares das nossas vizinhanças deviam forçosamente constituir uma só comarca ou cidade visto acharem-se tão perto uns dos outros, o centro deles ou a cidade propriamente dita não devia ser atribuída senão a Bencatel, cujos vestígios de antiguidade são cinco ou seis vezes mais extensos e abundantes do que os dos outros vilares romanos circunvizinhos.

Viu-se mais que o dito Padre Silveira, como que entregando aos seus leitores um fio de Ariadne, por meio do qual sondassem uma saída para a dúvida que propusera, citou o "Tomo IV das Colecções da Academia Real da História Portuguesa, nº XXX, Conferência de 2 de Novembro de 1724". Pois bem. Pegando eu neste fio, procurei a acta da conferência referida e dela somente houve a notícia de que o Conde da Ericeira apresentara um manuscrito da livraria do Conde do Vimieiro, feito em nome de João de Barros, mas realmente obra de Gaspar Barreiros, no qual o seu autor afirmava ter havido uma outra Lacóbriga dos Túrdulos que é o Alandroal. E mais nada.

Mas que provas exibia o manuscrito?... Não o diz a acta da Conferência; e decerto o pseudo Barros havia de tê-las, salvo se imprudentemente quisermos admitir que um autor, estranho àquela vila, fizera uma afirmação puramente cerebrina. Eu não o entendo assim. Barreiros, que o afirmou, é porque alguma coisa viu; e se eu tenho dúvida em admitir que a Lacóbriga dos Túrdulos, ou antes dos Célticos, fosse no Alandroal, nenhuma encontro em reconhecer que o Alandroal fizesse parte dessa Lacóbriga.

Casualmente descobri no ano de 1883 o manuscrito de Gaspar Barreiros e soube as razões que ele teve para o seu asserto. Ora, como este meu trabalho é mais extenso e talvez bem acabado, não quis alterá-lo, reservando apenas para o fim dele o dar uma cópia do que diz o mesmo Barreiros a tal respeito. Ele não afirma absolutamente que a Lacóbriga era no Alandroal. Constata que era no Alentejo; e como então diziam e escreviam "Landroal", o "Lan" e nada mais, foi o que o moveu a aventar timidamente se esta vila seria o assento da "Lancóbriga".

Por isso, o fim da dissertação que vou encetar encaminha-se a fazer ver que a opinião de Barreiros "nada tem de inverosímil", porquanto é certo que "no Alentejo havia uma Lacóbriga, e ninguém provou até agora que ela estivesse situada fora destes sítios nossos."

3.

Saiba-se primeiro que tudo que este canto do Alentejo foi habitado pelos povos célticos desde remota antiguidade, conforme se lê na geografia de Strabão, e que estes célticos, ao contrário dos turdetanos, habitavam ordinariamente em lugares pequenos (vicatim habitent).(1) Ptolomeu e Plínio são concordes em assinar este pouso aos célticos; e, se o primeiro dos dois últimos, põe também turdetanos na costa do Algarve, foi singular nisso porque nenhum outro autor o fez, como nota o eruditíssimo Padre Flores.(2) Mas da parte de Mérida houve também colónias de "Túrdulos Novos", segundo Strabão (pois os Velhos estanciavam entre o Tejo e o Douro, como afirma Plínio e Pompónio Mela) e o mesmo Plínio parece conformar-se com o que diz Strabão,(3) ficando assim os Túrdulos Novos ao oriente dos Celtas ou Célticos. Por isso não me faço cargo de questionar se a Lacóbriga do Alentejo era colónia de Túrdulos Novos ou se de Celtas...

Conhecido, como disse atrás, o teor do escrito de Gaspar Barreiros, vê-se que o chamar a esta Lacóbriga colónia de Túrdulos foi um lapso ou desatenção dele, pondo Túrdulos em vez de Celtas, pois nenhuma razão tinha para assim escrever, mormente declarando que se apoiava em Ptolomeu que a coloca nos Célticos e não nos aludidos Túrdulos.

O que importa agora é reconhecer os Celtas por habitadores do Alentejo, embora houvesse entre eles boa mistura de Túrdulos e Turdetanos, como sucedia nas outras regiões. O Alentejo era o país clássico dos Celtas.(4)

Querer agora decidir pelas relações dos antigos geógrafos se esta nossa povoação romana de Bencatel se chamava "Lacóbriga" ou de outro modo era supor que eles tiveram um conhecimento perfeito da nossa antiga civiliza-

---

(1) Strabo - Desitu orbis, pág. 151. Já fica notado assim no cap. 6.
(2) España Sagr. - Tom. 13, pág. 31.
(3) Lib. 4, cap. 22 - Naturalis Historiae.
(4) Eram suas principais povoações Elvas, Estremoz, Vila Viçosa e Évora, diz dos Celtas o Padre Castro, apoiando-se em Brito - Map. de Port., Tom. 1, pág. 228 da 2ª ed.

ção, o que não é assim. A Viseu ninguém contesta ser uma cidade antiga, com Bispos em tempo dos Romanos; todavia nenhum geógrafo faz dela menção por forma que se saiba ser ela mesma; e quanto aos lugares de menor importância política, julgaram os mesmos geógrafos antigos não deverem ocupar-se deles.(1) Por outra parte, há muitas cidades que são conhecidas hoje somente pelo nome que tiveram, sem que se saiba o sítio em que pousaram.(2) Plínio faz menção de quarenta e cinco povoações na Lusitânia; o que é já muito comparado com Strabão e Pompónio Mela; porém Ptolomeu (também escritor do II século) traz cinquenta e seis; e ainda assim os Itinerários de Antonino Pio apontam nomes que aqueles não trazem, verificando-se deste modo que uns e outros, como pondera o Padre Flores, tiveram em vista só os nomes de mais fama (ou os que encontravam por diante), sem atender a que fossem populosos(3), ou, como eu entendo, porque muitas povoações pequenas formavam uma só cidade, concelho ou comarca, restringindo-se a nomear tão somente a cabeça ou centro político dessa comarca. Esta parece-me a mais razoável explicação da deficiência dos geógrafos antigos.

Nos "Comentários" de César De bello gallico, L. 1, cap. 5, lê-se que os Helvécios tinham 12 cidades com cerca de 400 pagos; o que dá a média de 33 pagos ou aldeias no alfoz de cada cidade!...

4.

O fruto das minhas investigações sobre os antigos geógrafos, que pude haver às mãos, foi este. Abrindo o livro de Strabão(4), nada achei que esclarecesse a particular situação dos povos deste canto alentejano, pois nem Évora, nem Elvas são ali expressadas (esta última em nenhum geógrafo). A Ebura, de que ali se fala, era na Bética.(5) Eis o que nos esclarece este contemporâneo de Nosso Senhor Jesus Cristo, em cujo ano 25 escreveu

---

(1) Estes (os geógrafos) solo hablaron de ciudades, ó pueblos ilustres, que á lo menos fuesen conocidos por estar en caminos reales. - Flores - Esp. Sagr, Tom. 13, pág. 300.

(2) Huvo pueblos de que no tenemos mais que una mencion. - Ibid., pág. 22.

(3) Ibid., pág. 72.

(4) De situ orbis.

(5) Lib. 3. - Et Ebura oppidum, etc.

ele a sua geografia! - Pompónio Mela (que dizem ser Espanhol) deixou-nos uma descrição da Lusitânia, toda litoral, e quase não se ocupou das povoações mediterrâneas, mencionando apenas "Emérita", sua capital![1] Por isso, não lhe escapou a "Lacóbriga" do Algarve: "In sacro (promontório) Lacóbriga, et portus Annibalis. In magno Ebora.[2] Sinus intersunt; et est in proximo Salacia, etc."[3], diz ele. - Caio Júlio Solino é nesta parte o mais lacónico de todos; e, portanto, não diz nada que nos esclareça.[4] - Plínio, o velho, descreve a Lusitânia com um capítulo de cinco linhas,[5] mas no seguinte, que se inscreve "Insulae in oceano" (que despropósito!), dá notícias mais desenvolvidas do nosso continente. Menciona Olysipo, Salacia, Ossonoba, Balsa e Myrtilis; diz que se dividia toda a província em três Conventos jurídicos ou Comarcas judiciais, a saber: Emeritense, Pacense e Scalabitano; acrescenta que a Lusitânia se compunha de quarenta e cinco povoações, das quais cinco eram Colónias de Cidadãos Romanos (Mérida, Medelhim, Beja, Norba Cesárea com Castra Júlia e Castra Cecília e Santarém); quatro eram Municípios, do direito latino, a saber: Lisboa, Município de Cidadãos Romanos, e Evora, Mértola e Alcácer, Municípios do direito do antigo Lácio; e trinta e seis cidades "tributárias", pertencentes a povos que, por se mostrarem rebeldes ao jugo dos romanos, haviam sido obrigadas a pagar-lhes tributo. Destas trinta e seis menciona só dezanove, deixando no tinteiro os nomes das restantes![6] Se nomeasse a todos estes povos tributários, lá apareceriam os "Lacobrigenses" ou "Lacóbritas" com os competentes distintivos, como acontece com outros de cidades homónimas. - Cláudio Ptolomeu (no mesmo século II) fez uma relação mais desenvolvida deste nosso país, citando em Tábuas Matemáticas maior número de cidades, e assinando-lhes até os graus de latitude boreal e de longitude pelo meridiano das Ilhas Fortunatas ou Canárias; mas... quantos erros não escreveu ele, e quantos mais não lhes ajuntaram os copistas até se inventar a tipografia no século XV! A cada passo o está notando Flores na "España Sagrada"; e, entre nós, Bezerra é um dos que fazem sentir

---

(1) De situ orbis - Lib. 2, cap. 6.
(2) Eburobritium ou Évora d'Alcobaça. Houve três Évoras na Lusitânia e duas na Bética. Ainda hoje há três Évoras em Portugal.
(3) Lib. 3, cap. 1 - Extima Hispaniae littora.
(4) Polyhistor., cap. 36.
(5) O cap. 22 do lib. 4 Naturalis Historiae.
(6) Caii Plinii Secundi Veronensis - Natural. Hist., Lib. 4, cap. 23.

a quase nenhuma confiança que nos merecem as suas informações.[1] Nessas tábuas aparecem muitas cidades, cuja situação ninguém hoje reconhece, como Catraleucos[2], Pyrgileuci, Arcóbriga, etc., porque, pela inexactidão das suas informações, não se pode precisar o seu próprio assento nos tempos em que existiram.

Pois este mesmo Ptolomeu é quem faz menção de uma "Lacóbriga" dos Celtas, sem que aliás mencione a dos Cúneos no Algarve; e dá-lhe esta altura geográfica:

Λ αγκόβριγα. ε. Η δ.μ. δ.- Langóbrica. 5.45 40.15[3]

Deste geógrafo é que nos havemos de ocupar principalmente nesta questão.

Por último, os "Itinerários" de Antonino Pio[4], que alguém diz terem sido compostos no século quarto[5], dão-nos também uma "Langóbrica" entre Coimbra e Cale (Gaia) no caminho real de Braga. Assim, depois de Coimbra menciona:

Eminium	M.P. X
Talábrica	M.P. XL
Langóbrica	M.P. XVIII
Calem	M.P. XIII
Bracara	M.P. XXXV

Temos já, pois, uma "Langóbrica" no Douro[6] e outra na costa do Algarve, afora a dos Celtas relacionada pelo geógrafo Ptolomeu.

Parece incrível que os nossos antiquários reduzissem três Lacóbrigas a duas somente, quando a Lacóbriga litoral de Mela no Algarve não pode ser a mediterrânea de Ptolomeu situada entre os Celtas ou no Alentejo!... E, todavia, confundiram-nas, como vou mostrar.

Mas antes disso note-se que a diferença entre "Lacóbriga", "Lancóbri -

---

(1) M.G. de Lima Bezerra - Os Estrangeiros no Lima, Tom. 1, págs. 101 e 103.

(2) Enquanto o Padre Costa diz na "Corografia Portuguesa" que Catra - lencos era nas Alcáçovas, o Padre Castro no "Mapa de Portugal" afirma que era no Crato!...

(3) Lib. 2, cap. 5 - Hispaniae Lusitaniae situs. Europae Tabula 2.

(4) Vetera Romanor. Itinera, sive Antonini Pii.

(5) Bezerra - Ibid. pág. 131.

(6) Aí para essas bandas existe ainda uma Langroiva, nome peregrino. Será ele, porventura, recordativo de alguma antiga Langóbrica?

ga" e "Langóbrica" é uma variante que se deve desprezar como a experiência mostra noutros, e até inúmeros, casos. Assim - Ebora, Ebura, AEbura, Ibura e Libura são a mesmíssima coisa[1]; Abila, Abula e Obila - e Olysipo, Olioshippon e Oliosipon, não indicam senão duas cidades lusitânicas, etc.. Estas variantes provêm das diversas pronúncias dos informadores dos geógrafos[2], de serem as obras de Strabão e Ptolomeu escritas em grego e as outras em latim, e finalmente de lapsos dos copistas.

5.

André de Resende, recordando as antiguidades famosas de Lacóbriga, diz que é a mesma a que o povo chama Lagos no Algarve; e lembra, em testemunho de sua prisca fama, uns versos latinos que decorara, sendo rapaz, dos "Agellarios" de Baptista Mantuano,[3] e que rezavam assim:

Dicitur Ardiburi posuisse Lacobriga septem
Victori toties statuas, toties que per illum (?)
Eruta Vandalicis, bello insurgente, procellis.

Quer dizer: que Lacóbriga levantara sete estátuas a Ardibures por lhe enxotar os Vândalos sete vezes e que, tornando eles sempre a invadi-la, a arruinaram.

Acrescenta Resende que não sabe donde esta notícia foi extraída pelo tal frade carmelita, remetendo para o livro dele os leitores que pretenderem saber o mais que diz respeito a Lacóbriga.[4] Vê-se, portanto, que o príncipe dos nossos antiquários deixou na escuridão este ponto das antiguidades lusitanas, pois, havendo mais de uma Lacóbriga entre nós, podia não ser a do Algarve a que levantou as estátuas a Ardibures! Não seria mais razoável atribuir estes factos à Lacóbriga do Alentejo, que ficava mais perto de Mérida - ponto em volta do qual andaram eles sempre girando? Mas Resende nunca pensou em ter havido uma Lacóbriga no Alentejo!...

---

(1) Flores - Esp. Sagr., Tom. 14, pág. 102.
(2) Disso temos exemplos contemporâneos: há quem diga "Estremôres" por Estremoz, "Alcácemas" por Alcáçovas, etc..
(3) Procurei estes "Agellarios" em Évora e Lisboa, mas não pude encontrá-los, embora tivesse nas mãos um volume que inculcava serem as suas obras completas.
(4) De Antiquitat. Lusit., Lib. 4, f. 186.

O Padre Silveira, autor do "Mapa breve da Lusitânia antiga" e ressuscitador da opinião de Gaspar Barreiros sobre haver uma Lacóbriga Transtagana, ressuscita igualmente o que atrás referi de Resende, por esta forma:

"Lacóbriga. As sete estátuas que seu Senado fez erigir a Ardiburo, sete vezes vencedor dos inimigos de Lacóbriga, bem mostram o seu agradecimento: assim como nos fazem ver a barbaridade dos Vândalos que as puseram por terra."(1)

Lembrem-se agora os meus leitores de uma cabeça de capitão romano que em 1841 apareceu nos Vilares de Bencatel, como deixei referido na primeira parte deste capítulo; e saibam mais o seguinte. Aquele Frade Paulista que, depois de 1834 ficou vivendo em Bencatel na Quinta da Madre de Deus, pertencente a uma prima sua de Vila Viçosa, e se chamava Frei Francisco de S. Tomás Mendes, natural de Estremoz, teve a dita cabeça de mármore por algum tempo na mesma quinta, posta sobre um poial da janela exterior de cima até que chegou a ocasião de ser remetida para Lisboa, como dito fica. A esse tempo frenquentava a quinta mencionada Miguel João Azambuja, filho da prima de Frei Francisco, e que lhe sucedeu na posse daquele prédio, conservando-se o Frade parente em parte da casa de campo até que em 1846 voltou de Lisboa seu irmão Frei Joaquim e foi morrer em sua companhia no Beco a que chamam da Cotovia, em 1849. Pois bem. O dito Miguel João Azambuja, meu amigo, tem-me afirmado repetidas vezes que o primo Frei Francisco possuia um livro pequeno em oitavo, escrito em português, no qual se dizia que, desde Estremoz até ao Alandroal, haviam sido levantadas sete estátuas em diversos pontos, asseverando o Frade que aquela cabeça era de uma das sobreditas sete. Mas infelizmente não me sabe dizer o título do livrinho, nem o nome do seu autor, de forma que ainda o não topei. Ele também o tem procurado em Estremoz em casa dos Nogueiras, sobrinhos daqueles Frades, onde pára a maior parte dos seus livros, mas não logrou ainda encontrá-lo. Continuemos.

O Padre João Baptista de Castro no seu "Mapa de Portugal" dá-nos a ler o seguinte sobre a cidade em questão: "Lacóbriga. Em tempo dos Romanos foi cidade muito famosa, e lembra-se dela Baptista Mantuano, quando diz que erigira o Senado desta povoação sete estátuas a Ardiboro, capitão insigne do Imperador Valentiniano, as quais prostaram os Vândalos quando a

---

(1) Pág. 296.

tomaram, etc." Em seguida opina que esta cidade é a Lagos do Algarve, lembrando juntamente que outros dizem ser já a vila da Feira, já Abrantes, Alvor, Santiago do Cacém, ou o Landroal, sem todavia nomear os que professaram tais opiniões, nem quais os motivos de credibilidade que elas têm.[1] Em vez, pois, de esclarecer, confunde, como fazem todos os que tratam as matérias resumidamente. Neste lugar direi aos meus leitores para sua melhor instrução que "Artábures" ou "Ardábures", a que os citados autores chamam Ardiburo, foi general de Constâncio III e Valentiniano III, e teve a dignidade consular com Hierio no ano 426, isto é, depois de voltar da expedição à Lusitânia contra os Vândalos que começou em 421. Houve outro Ardábures que foi cônsul com Calépio em 447. Tudo isto consta do "Chronicon" de Cassiodoro. Vamos continuando.

João Vaseu, historiador espanhol, escrevendo em latim acerca das dioceses de Espanha no tempo dos Romanos e dos Godos, diz (e eu traduzo): "Lacobricense. Encontro duas Lacóbrigas: uma no promontório Sacro, chamado agora Cabo de S. Vicente, da qual ainda existem ruínas e vestígios de edifícios antigos perto da cidade de Lagos, num lugar ou aldeia chamada hoje pelos portugueses "a Lagoa", e outra que Plínio põe nos Vacéus, e Antonino Pio a 45 milhas de Palencia na estrada por onde se vai de Astorga a Tarragona. Qual destas porém tivesse a dignidade episcopal, quem será capaz de o afirmar em coisa de tanta antiguidade?[2]

Temos, pois, aqui a Lacóbriga do Algarve e uma outra da província Tarraconense, que não nos diz respeito por ser lá fora da Lusitânia; mas em todo o caso advirta-se que já temos notícia de quatro Lacóbrigas. Quanto à circunstância de ser uma delas Cidade Episcopal, nega-o na "España Sagrada" o Padre Flores, dizendo que a assinatura de Servus-Dei, Bispo Lacobricense, no 4º Concílio de Toledo (ano de 633) foi errada pelos copistas porque o mesmo Servus-Dei aparece assinado no 5º Concílio da mesma Toledo (ano de 638) com o título de Arcobricense,[3] etc. Mas ele mesmo diz noutra parte: "Não é irregular que a um mesmo tempo haja em diversas Igre-

---

(1) Tom. 1, pág. 21.

(2) Chronici Rer. Memorabilium Hisp. - Tom. 1, cap. 20. O poeta Braz Garcia adoptou a opinião de Vaseu sobre a Lacóbriga do Algarve e assim escreveu no cant. X, est. 60 do seu Viriato Trag.:

A Lacóbriga vê, outra cidade,
Que hoje está feita outra pobre aldeia,
Dita Lagoa. A tanta adversidade
Chega a que mais soberba senhoreia!

(3) Tom. 14, pág. 48.

jas prelados com um mesmo nome."[1] Esta questão é por ora destituída de interesse, visto não se achar ainda bem elucidada a situação dessa Lacóbriga de tanta fama que até chegou a ter Bispo seu! No entanto, lembrarei que Lacóbrica e Arcóbrica são duas cidades que Ptolomeu pôs nos povos célticos, isto é, no Alentejo, como já se viu;[2] e nada mais fácil do que errarem os copistas escrevendo "Arcobricensis" em vez de "Lacobricensis", ou transferir-se a cadeira episcopal de uma para outra cidade pertencente ao mesmo Bispado.

O mesmo Padre Flores discorreu um pouco mais largamente e com melhor crítica, no meio do século passado, a respeito das nossas Lacóbrigas. Historiando as antiguidades do Bispado de Coimbra e cabendo-lhe falar da "Langóbrica" mencionada por Antonino Pio, diz simplesmente que os autores a reduzem à moderna vila da Feira, e remete logo os seus leitores para a notícia de Lacóbrica (a do Algarve) no Bispado Ossonobense,[3] o que mostra achar-se vacilante em suas resoluções. Chegando enfim a tratar da última, diz então o que sentia por esta forma:

"Lacóbriga, y Puerto de Aníbal.

Del nombre de Lacóbrica huvo algunos Pueblos en España: por ahora solo hacen al caso los que tocan à Lusitânia, en que hallamos dos:[4] uno en el Sacro Promontorio ...., otro mencionado por Ptolemeo al oriente de Lisboa. Del primero nos dió noticia Pomponio Mela (L. 3, cap. 1)."[5]

Depois de discorrer sobre a situação da Lacóbriga do Algarve, concorda em que fosse no povo da Lagoa, como propõe Vaseu, atrás citado. E continua dizendo:

"Lacóbriga... es nombre antiguo de los Españoles primitivos, segun muestra la voz Briga, frequentissima en lugares antiguos, que significa Vila, ó poblacion: y en vista de que la misma voz suele entrar à composicion con terminos latinos, como Augustobriga, Caesarobriga, etc., podemos reconocer en Lacobriga la etymologia de Lacus y Briga; de suerte que por algun lago vecino recibiese el nombre: y este fue commun à otros lugares por el mismo motivo."

Interrompendo agora aqui o Padre Flores, lembrarei que outro historia-

---

(1) Ibid. pág. 94.
(2) Cap. IV.
(3) Tom. 14, pág. 73.
(4) E en três.
(5) Tom. 14, pág. 218.

dor espanhol do século XVI, Ambrósio de Morales, menciona esta Lacóbriga dos Celtas, atribuindo a etimologia do seu nome a povos "Lacoos", vindos também com os Celtas, da mesma sorte que os Hélvios.[1] Isto, porém, não me soa bem por não ter conhecimento de tais Lacoos das Gálias. Se assim fora, talvez andasse melhor considerando-os Gregos (Lacones, Lacedemónios). Convenho, portanto, com o Padre Flores que continua, dizendo:

"Pero acerca del que algunas ediciones de Ptolemeo nombran en los Celticos Laccobrica, advierto que en el texto griego es Λαγγόβριγα[2] que se pronuncia Langobrica; y asi la nombra Antonino, junto à Cale, à la banda meridional del Duero. En Plutarco sobre Sertorio (al medio) leemos à los Λαγγόβριτας, que parecen ser los vecinos de Langobrica, pueblo que dice no tenia mas agua que la de un pozo;[3] y aun que esto pude convenir à los vecinos del Sacro Promontorio (que segun Strabon carecia de agua) me inclino mas à Langobrica de Antonino,[4] por el contexto del modo, con que Sertorio se vengó de Metello, combatiendo su gente por vanguardia y rectaguardia; lo que por el mucho numero de tropas favorece mas à ciudad mediterranea, que à una de la costa en tierra aspera."

Aqui oferecia-se a Flores uma dificuldade e era ter Ptolomeu posto a Lacóbriga dos Celtas ao oriente e não ao norte de Lisboa. Ouçam, pois, os leitores como ele desata a dita dificuldade:

"La Langobrica de Ptolemeo, aun que está alli oriental à Lisboa, tengo por sin duda que es la colocada por Antonino entre Coimbra y Cale ... pues ya hemos visto el mucho desorden de aquellas Tablas: y solo dando-nos otra junto al Duero, pudieramos conocer que no erró la situacion de la presente."[5]

Peço licença à ilustre memória do eruditíssimo Padre Fr. Henrique Flores, para lhe dizer que se tirou duma dificuldade grande para se meter noutra ainda maior, fazendo o que ninguém tinha feito ainda: atribuir à Langóbrica do Douro o que os mais haviam atribuído à Lacóbrica do Algarve.. Se o memorável crítico houvesse meditado em que a Langóbrica de Ptolomeu era de Celtas e que o país clássico destes povos era o Alentejo, co

---

(1) Chronica General de España, Lib. 3, f. 196.
(2) Lendo-se o "g" por "n".
(3) Mas isso era dentro dos muros da cidade; nos arrabaldes havia muita água, como veremos.
(4) Porque não advertiu ser antes no Alentejo a Lacóbrica dos Celtas.
(5) Tom. 14, págs. 220 e 221.

mo faz sentir o mesmo geógrafo, deveria solver antes a sua dificuldade exprimindo-se assim: "Terei que a Lacóbriga cercada por Metelo e defendida por Sertório é a de Antonino junto ao Douro, enquanto me não certificarem que houve outra no Alentejo ao oriente de Lisboa, isto é, no Alto Alentejo." E demais nota-se que os erros das Tábuas de Ptolomeu não são diminuindo os graus de latitude, mas sim aumentando-os, como hei-de fazer ver adiante.

Por agora tenho concluído a resenha das notícias dadas pelos antiquários acerca das Lacóbrigas da Lusitânia.

6.

Segue-se demonstrar por um modo terminante que na Lusitânia houve três Lacóbrigas e não duas somente, como até hoje têm dito os antiquários; e notarei já que isto não é efeito de esperteza minha, mas sim fruto de uma aplicação mais séria, mormente não sendo eu já o primeiro em afirmá-lo, visto que se memora um manuscrito de Barreiros com tal asserto.

Havia na Lusitânia, como dito é, três Lacóbrigas, a saber: uma na costa do Algarve, como refere Pompónio Mela, sendo acordes todos os antiquários em reconhecê-la fundada no lugar da Lagoa ou com pouca diferença porque Mela disse ficar no Promontório Sacro, o que é uma definição claríssima (se esta é a que fundou o cartaginês Bohodes, antecessor de Maharbal no governo da Espanha, pouco me importa[1]). Outra era situada no caminho real de Coimbra a Braga entre Talábrica e Cale, onde está a vila da Feira, como pretendem os autores; e a posição desta acha-se da mesma sorte restringida àquele território pelas milhas do Itinerário de Antonino. Resta-nos agora uma terceira Lacóbriga ou Langóbrica, mencionada por Ptolomeu entre os Celtas. Demonstrado, pois, que esta última é distinta daquelas duas, demonstrado fica serem três as Lacóbrigas da Lusitânia (ao menos).

Prova-se. A Langóbrica de Ptolomeu era de povos célticos. Ora, os Celtas, segundo o mesmo Ptolomeu, Strabão e Plínio, habitavam entre os rios Tejo e Guadiana, isto é, no Alentejo.[2] Logo, não pode ser a mesma

---

(1) Academ. dos Hum. e Ign., Tom. 2, pág. 191, etc.
(2) Flores - Esp. Sagr., Tom. 13, pág. 25.

cidade que Mela situou no Promontório Sacro do Algarve, nem a que Antonino fixou a poucas milhas àquem do Douro.

Explanação do argumento. A Lacóbriga de Ptolomeu não pode ser a do Douro porque ali estanciavam os Túrdulos Velhos, segundo Pompónio Mela e Plínio;[1] e no Algarve habitavam os Cúneos, também chamados Cinetes e Cinésios, como adverte Flores,[2] embora Ptolomeu pusesse também ali Turdetanos; e não só ali, mas pela costa do Alentejo até Cetobrix (Setúbal). O que nos cumpre registar é que ninguém pôs ali Celtas. Logo, a Lacóbriga dos Célticos ou Transtagana era outra.

Analisemos agora a altura geográfica dada à Lacóbriga de Ptolomeu. Segundo a edição de Ulma, que traz o Padre Flores no Tomo 14 da España Sagrada,[3] era ela de 40 graus e 15 minutos de latitude, e de 5 e 45 de longitude pelo meridiano das Ilhas Fortunatas. Como, porém, esta última altura é elástica por sua natureza, deixemo-la, discursando apenas àcerca da latitude boreal. Achamos aqui um exagero de grau e mais... Pergunto, porém: não se encontram essas mesmas diferenças cotejando várias cartas geográficas de há um século somente para cá?!

Ouçamos a Flores sobre as informações de Ptolomeu: "Son tantos los yerros de sus Tablas que per si solas no concilian autoridad, quando se halle alguna cosa en contra.[4] Tenemos experiencia de lo que se desfiguraron en aquellas Tablas los nombres de los pueblos y sus situaciones,[5] etc." E aqui a diferença é pequena relativamente a outras povoações.

Para mostrar ainda que os números de Ptolomeu antes exageram, que não diminuem os números das alturas geográficas, vejamos. Augusta Emérita, posta por ele a meio grau ou dez léguas ao norte do Guadiana, era (e é) banhada até por este rio, como afirmava Plínio;[6] Pax Júlia (Beja), posta junto à foz do Sado, ainda com maior diferença, é outro exemplo da discordância das informações de Ptolomeu com as dos geógrafos modernos; e Scalabis (Santarém), elevada por ele até o norte do Mondego, deixa ver que a diferença de 38 graus e 51 minutos (altura dada a Vila Viçosa pela "Co-

---

(1) *In coque flexu (entre o Tejo e o Douro) sunt Turduli veteres, Turdulorum que oppida (Mela, Lib. 3, cap. 1). - A Durio Lusitania incipit: Turduli veteres, etc. (Plínio, Lib. 4, cap. 22).*

(2) *Tom. 13, pág. 18 da Esp. Sagr.*

(3) *Em apêndice.*

(4) *Tom. 14, pág. 41.*

(5) *Ibid., pág. 32.*

(6) *Anae fluvio apposita - Lib. 4, cap. 22.*

rografia Portuguesa" do Padre Costa) a 40 graus e 15 minutos não é coisa que nos deixe desapontados. O que isto quer dizer é unicamente que a Lacóbriga dos Celtas estanciava no Alentejo ao oriente de Lisboa; e tanto isto assim é que Borba tem a mesma latitude boreal que aquela Corte; o que quer dizer que lhe fica rigorosamente a este ou levante do sol.

Mais. Confrontemos o texto de Ptolomeu; e fixada a posição das cidades conhecidas, teremos também a certeza do pouso desta incógnita. Eu traduzo da edição de Ulma:

"Ora, os que habitam perto do Promontório Sacro são os Turdetanos (de que já tinha falado), entre os quais há na Lusitânia estas cidades mediterrâneas:

Pax Julia (Beja)	5.20	39
Julia Myrtilis (Mértola)	5.15	38.45

(Além doutras povoações de Turdetanos, que deixou apontadas no Algarve e na costa do Alentejo a começar em Balsa e a acabar em Cetobrix (Setúbal); e prossegue:)

No interior destes habitam os Célticos, nos quais há na Lusitânia estas cidades:[1]

Langóbrica	5.45	40.15
Cepiana	5.20	40

etc."[2]

Está, pois, clarissimamente definida a situação dos povos Célticos. Não passavam de Mértola para o sul, isto é, não ocupavam o Algarve. Não pousavam na costa ocidental até Setúbal. Não passavam ao norte do Tejo, onde habitavam os Lusitanos.[3] Não passavam ao oriente do Guadiana porque aí era a província Bética, país clássico dos Turdetanos. Logo, todas as nove povoações dos Celtas, por ele mencionadas, estavam no círculo que vou assinalar, principiando em Mértola, subindo pela margem direita do Guadiana até Elvas, e daqui volvendo por Barbacena a Sousel, Evora, Alcáçovas, Torrão e Ourique.

Ainda observo mais o seguinte: Lacóbriga é a cidade céltica posta por Ptolomeu mais ao norte, ficando-lhe todas as outras para o sul em várias distâncias. Logo, se houvesse de ter mais altura boreal do que tem Estre

---

(1) Interiora horum habitant Celtici, in quibus hae in Lusitania urbes, etc. - Europae Tabula 2.

(2) Ibid.

(3) Quae vero super hos tenent Lusitani, etc. Ibid.

moz, onde viria a ser o seu assento?... Na charneca? Impossível! Ali não houve, não há, nem há-de haver nunca cidade populosa porque o não permite um terreno agreste que só nos manda bom carvão dos cepos e matos do seu solo, geralmente ingrato aos cuidados agrícolas! Não eram os Celtas que regavam aquelas terras com seus suores quando tinham ainda boas veigas para fazerem escolha à sua vontade!

Tenho sido prolixo nesta matéria porque nunca até hoje foi tratada por autor algum (que eu o saiba) com a devida madureza; e parece-me ter nisto feito serviço à história das nossas antiguidades romanas.

Duas coisas tentei provar aqui. É a primeira que na Lusitânia houve três, e não só duas Lacóbrigas, como têm escrito comumente os nossos antiquários. Isto fica levado à evidência; e espero que de futuro assim o tenham todos os nossos escritores de geografia antiga da Lusitânia. É a segunda que a Lacóbriga dos Celtas figurou em Bencatel, sendo partes integrantes da sua comarca ou alfoz todos os povos que estão desde Terena para o norte, incluindo o Alandroal, Vila Viçosa e Borba.

Desta segunda proposição estou eu intimamente convencido. Se, porém, algum crítico mais exigente se recusar a seguir esta minha opinião, que prove ter sido a Lacóbriga Céltica fora do distrito em que a principiou a figurar Barreiros, e eu completo... Penso que ninguém o fará.

7.

Aquilo que Plutarco refere de Sertório no cerco de Lacóbriga, posto pelo consul Quinto Cecílio Metelo Pio, não quadra bem figurando tal cerco na Lacóbriga do Algarve, como bem advertiu o Padre Flores, e já fica dito; e menos quadra ainda figurando-o na Lacóbriga do Douro, como imaginou o mesmo Flores.

Mas Frei Bernardo de Brito, escrevendo a história de tal cerco na "Monarquia Lusitana",(1) tolerou todas as dificuldades que fizeram vacilar a Flores, figurando tal cerco na Lacóbriga do Algarve. E porquê?... Porque nunca sonhou, nem pensou, que houvesse uma Lacóbriga no Alentejo!

O mesmo têm feito os copistas de Brito quando falam de Sertório.

Mas eu, que vivo em Bencatel e vejo qua a sua povoação romana estan -

---

(1) Tom. 1, pág. 361.

ciava numa vasta planície, oito léguas somente ao oriente de Evora, onde afirmam que Sertório tinha a sua corte,[1] sendo assim fácil saber ali do cerco repentino posto a esta povoação... Eu, que olho para meia altura da Serra d'Ossa e dou com a vista numa herdade chamada o Castelo Velho, da qual diz o autor da "Tebaída Portuguesa"[2] que houve este nome de um arraial ou fortaleza, fundada ali por Sertório para se defender dos romanos afirmando também que ele costumava refugiar-se na dita serra quando se via oprimido pelos exércitos de Roma... Quando considero estas condições e outras, que adiante serão patentes, digo sempre: Aqui tudo se combina perfeitamente!

Não me contentando com a leitura da história do cerco de Lacóbriga, como a traz Brito, lembrou-me consultar uma versão de Plutarco e ver como este biógrafo grego refere as acções de Sertório no cerco em questão. Em Evora topei uma em francês,[3] onde leio que os Langóbritas faziam muitos serviços e davam muito auxílio a Sertório; que a sua cidade era fácil de ser tomada por falta de água, em razão de não ter dentro senão um poço, e que enquanto aos regatos e fontes que estavam nos subúrbios e vizinhanças da cidade ("qui sont aux faubourgs et environ de la ville") seria de quem a sitiasse; que, esperando Metelo obrigá-la a render-se ao cabo de dois dias, levara mantimentos para cinco apenas; que, tendo Sertório disto aviso, fizera preparar dois mil odres de água, prometendo por cada odre introduzido na cidade grande soma de dinheiro; que muitos Espanhóis e Mauritanos robustos e destemidos se dispuseram a ganhar este prémio, conduzindo-os Sertório por um caminho montanhoso ("de montaigne"); que estes soldados, introduzindo os odres, fizeram sair da cidade a gente inútil para que a água durasse por mais tempo e ficassem apenas os homens precisos para a sua defesa; que, informado Metelo destes socorros, tivera mágoa não pequena; e porque se achavam quase consumidos os mantimentos que trouxera, mandou o seu Legado Aquino a forragear com seis mil homens, o que,

---

(1) Isto parece incontestável à vista das lápides que estão na praça daquela cidade, postas na parede da Casa da Câmara, e que o Dr. A.F. Simões arquivou no "Relatório do Museu Cenáculo", pág. 32 e seg. - Romey diz também ser Évora a residência habitual de Sertório - Tom. 1º, cap. 5, pág. 262 da ed. de 1858.

(2) Tom. 2, pág. 214.

(3) "Les vies des hommes illustres Grecs et Romains par Plutarque de Chaeronée, translatées par Mr. Jacques Amyot", edição de 1583, a pág. 376.

sendo sabido por Sertório, armou a este uma emboscada num vale coberto de arvoredo para o derrotar na sua volta ao acampamento, pondo ali três mil homens que lhe picassem a rectaguarda, enquanto ele mesmo o atacava de frente com o resto do seu exército, de sorte que lhe desbaratou a divisão de tropas custando muito a Aquino o salvar-se a pé e dirigir-se ao campo de Metelo, o qual, em consequência desta derrota, não teve outro remédio senão levantar o assédio com desar seu, pois que disso o escarneceram os Espanhóis. Passou imediatamente para a outra margem do Guadiana, e Sertório entrou ovante em Lacóbriga. Até aqui o resumo de Plutarco.

Tudo isto pareceu ao Padre Flores mal aplicado à Lacóbriga do Algarve; e com razão. Se ele tivera conhecimento doutra Lacóbriga no Alentejo, de certo seria o primeiro em atribuir-lhe este cerco.

A mim tudo me parece ajustado nesta narrativa, pondo a Lacóbriga dos Celtas em Bencatel; a Sertório em Evora, a um dia de jornada; os odres de água, introduzidos pela Serra d'Ossa; o mesmo Sertório, posto ali no Castelo Velho, a espreitar o acampamento de Metelo, a ver saír Aquino para o norte em direcção a Estremoz, e descer a Rio de Moinhos a cortar-lhe a retirada. Para Metelo se dirigir depois ao Guadiana e passar para a Bética ou país dos Turdetanos, só tinha a percorrer três léguas de caminho para o sul, enquanto que de Lagos ou da Lagoa do Algarve até ao mesmo rio a distância é imensamente maior.(1) Acresce ainda a isto o podermos fixar o centro da cidade nos Vilares de Bencatel, onde havia um poço defronte da Azenha das Freiras, como dito é, sem ser preciso figurar terrenos áridos, como pensou o Padre Flores, porque nos muitos subúrbios e cercanias estavam regatos e fontes, como declara Plutarco; e de facto assim acontece aqui.

E para não faltar até a congruência do nome de Lacóbriga com o sítio, que lhe assina Barreiros e eu individualizo melhor, temos aqui um famoso nascente, chamado Lagoa, com cuja água se rega uma extensão de terra de mais de cinco quilómetros até ao Lucifece, pondo também dezanove azenhas em movimento constante, como da mesma sorte sucede com outro do mesmo nome que há em Pardais, ao oriente de Bencatel e na distância de uns quatro

---

(1) Querendo, aliás, considerar o cerco de Metelo como posto a Pardais, sendo o socorro introduzido pelo outeiro da Torre, etc., etc., não me parece tão ajeitada a topografia, mas digo enfim: Transeat ... porque a conclusão para o meu propósito vem a ser igual.

quilómetros. Se hoje não são já lagoas propriamente ditas, mas nascentes pendurados, nada obsta a que o fossem nos primitivos tempos, ainda que em ponto pequeno. A lagoa de Pardais cobria maior porção de terra, como tenho examinado; e ambas elas para o terreno inferior em que transbordavam oferecem abundantíssimos sedimentos, a que alguns chamam "pedra-crôio", e muito bem, porque são efeito do calcário contido abundantemente nestas águas. Com as esterilidades têm ido os moleiros e hortelões escavando estes mananciais, a ponto de estarem já a varrer (como se diz vulgarmente). Não faltam ainda nesta zona do Alandroal a Estremoz numerosos e copiosíssimos nascentes, além dos dois aludidos, concorrendo tudo isto para justificar o nome de cidade ou vila das lagoas ou lagos. Só, porém, os dois primeiros são designados por lagoas.

Esta Lacóbriga, pois, situada numa planície, não podia resistir a guerras prolongadas, como aliás podiam outras elevadas sobre montes como Évora. Estas podem avistar os inimigos ao longe e premunir-se contra eles. A nossa Lacóbriga não tinha esta vantagem, nem se lhe conhecem mais fortificações do que os dois Castelos das Nogueiras e de Monte Franco em Rio de Moinhos. Por esta causa veio a ser totalmente destruída nas guerras dos Mouros, como dito é.

Enquanto a ser cidade Episcopal no século VII, as probabilidades são muito grandes, apesar do que escreveu Flores...

Pondo aqui remate a estes estudos, recordarei que assim já ficam esclarecidas as situações das modernas vilas de Estremoz, Borba, Vila Viçosa e Alandroal, que vinham a ser vicos desta cidade, principal devota de Endovélico e Proserpina, como indicam os mármores de Montes Claros de que são feitos os seus monumentos. Fica também elucidada a causa de tanta abundância de achas de Célticos e de outros povos aborígenes.

As outras vilas do interior do Alentejo pertence agora a investigação dos assentos das mais cidades célticas e lusitanas que por aqui floresceram até Meróbriga (Cacém); e quando o fizerem, acharão que todas elas eram de Estremoz[1] e Évora para a parte do sul ou Algarve.

---

(1) Romey opina que a aldeia dos Arcos, situada entre Borba e Estremoz, era a sede da antiga "Arcóbriga" (Hist. d'Hisp., Tom. 4, Ap. 7).

8.

Antes de fechar este capítulo e à falta de melhor ensejo, quero deixar consignados os frutos de um estudo que fiz sobre a via militar de Evora a Mérida com o fim de sondar se ela passava por Bencatel ou Vila Viçosa. Não passava decerto por aqui essa estrada real, conquanto houvesse outras vicinaes entre Bencatel e Estremoz, e entre esta mesma, Borba, Vila Viçosa, Juromenha e Elvas.

No entanto, mencionarei aqui os juízos críticos por mim formados a tal respeito, com o fim de auxiliar os que pretenderem escrever sobre esta matéria e evitar que estrangeiros, como o Dr. Emílio Hubner, hajam de lastimar-nos dizendo em tom de piedade "que está muito atrasado o conhecimento das cidadas romanas situadas ao sul de Portugal", acrescentando mais adiante: "Acerca dos lugares circunvizinhos de Evora, talvez se possam obter indícios mais claros se algum dia se investigar a direcção das estradas que daquela cidade partiam para Mérida."(1)

Não é tanto assim. Revolvidas já as terras por lavouras repetidas em seis séculos de dominação portuguesa, não é possível reconhecerem-se os aterros e desaterros das vias militares; e quanto às "vicinaes", que não tinham amanho algum, só pela fundura dos seus trilhos se poderão investigar de alguma sorte. O que eu proporia, se tivesse voz que chegasse às regiões do Governo Político da Nação, era que se desse um prémio de dois a cinco mil réis por cada lápide inscricionária que os seus descobridores denunciassem nas cabeças dos Concelhos; e veriam afluir documentos para a nossa história sem gravame do Tesouro Público. Eu sei por experiência própria quão grande número de lápides se têm descoberto em nossos tempos, sem delas fazerem cabedal os seus descobridores, e tornando por isso ao olvido, senão a emprego ou uso que as destrua inteiramente, o que aliás não sucederia se tais inventos rendessem alguns tostões.

Deixando estas reflexões, vamos investigar por alto o trajecto da via militar de Evora a Mérida.

Resende, pondo nas suas "Antiguidades da Lusitânia" o itinerário de Lisboa a Mérida por Evora, adverte que o exibia mais correcto do que vulgarmente corria impresso;(2) mas decerto "a emenda faz pior que o soneto", co

---

(1) Not. Arqueol. de Port., pág. 50.
(2) De Antiquit. Lusit., Lib. 3, f. 148.

mo diz um rifão popular. Ei-lo depois de Evora que é o que nos importa:

Ebora	.....	
Ad anam flumen	.....	mp. LX
Evandriana	.....	mp. XVII
Dipone	.....	mp. XII
Emerita	.....	mp. IX

o que dá 98 milhas romanas ou, pelo menos, 24 léguas e meia portuguesas de Evora até Mérida.(1)

No "Mapa breve da Lusitânia antiga", já citado neste capítulo, vem o seguinte com escólios de Vasconcelos, comentador de Resende:

Ebora	.....	
Ad Anam fl.	.....	MP. LX. Guadiana
Evandriana	.....	MP. XII. Garrovilha(2)
Emerita	.....	MP. XXXVI. Mérida

o que dá mais dez milhas, omitindo a estação de Dipone. Vejam por isso os leitores quanto estes estudos são difíceis para um homem ainda o mais infatigável!

Quanto à primeira estação, posta assim: "Ad anam flumen" ou Guadiana (que não podia deixar de ser em direcção a Juromenha), há evidentemente um erro, pois tinham as tropas romanas de andar uma jornada insuportável em tempo de paz: 60 milhas ou 15 léguas portuguesas!

Eu estou antes pela forma por que Hubner (e outros) apresenta este mesmo itinerário em apêndice às suas "Notícias Arqueológicas de Portugal", cotejando-o com diversas edições. Ei-lo:

Ebora	.....	
Adadrum flumen	.....	mpm. VIIII
Dipone	.....	mpm. XII
Evandriana	.....	mpm. XVII
Emerita	.....	mpm. VIIII

---

(1) Veja-se o folheto "Os Povos Balsenses" de Estácio da Veiga, no qual se dá conta da comparação das milhas romanas com as nossas léguas. Pág. 9.

(2) Olivença - diz o "Mapa de Portugal" no Tom. 1. Para que havia de passar a estrada o Guadiana se Mérida estava na sua margem direita e o caminho assim ficava mais longo? Para ter de se repassar à margem direita?! Valha-me Deus com estes comentadores!

o que dá só 47 milhas ou doze léguas menos um quarto; e isto, na verdade, é muito pouco: pois só de Evora a Elvas se contam doze léguas que, com outras doze daí a Mérida, são 24. Há, portanto, tanto erro na enumeração das milhas, que devem ser 96 pouco mais ou menos.

Aqui só quero verificar um ponto, que é: não ser a primeira estação Ad anam flumen, mas sim Ad adrum, ou antes, Ad atrum flumen, como se lê num códice notado por Hubner. Ora, este rio, em sua forma própria e sem o nome comum flumen, não podia deixar de ser nomeado Ater, na terminação masculina, concordando com fluvius; e, portanto, é evidentemente o rio ou ribeira de Ter, junto a Evora Monte, no caminho de Evora para Estremoz. Quadra-lhe bem o adjectivo qualificativo Ater por ser escuro ou nebuloso, ao contrário do Lucifer, Luciferus (Lucifece) que corre para o Guadiana, apesar de começarem ambos no mesmo ponto (o Meio Mundo) nas vertentes orientais da Serra d'Ossa, em frente de Montes Claros. De facto é nebuloso o Ter, e faz nebulosa e fria a vila de Estremoz, ao passo que o Lucifece raras vezes se enevoa.

Que esta primeira estação fica assim rectificada (salva a diferença do número de milhas, que deve ser maior), mostra-se com o testemunho do mesmo Resende que achou duas colunas ou marcos miliários desta estrada ainda no território de Estremoz, não longe de Borba-cena,[1] um dos quais tinha as letras quase todas gastas, mas o outro era legível e continha uma dedicatória ao Imperador Marco Aurélio Antonino, assinando no fim XXII milhas de distância de Evora; e, apesar de se não lerem já as duas primeiras letras da palavra EBORA, não pode pôr-se em dúvida que era este o nome ali escrito.

Logo, se a estrada militar se dirigia por Estremoz, Borba-cena e norte de Elvas, como depois acrescenta Resende citando outros vestígios, claro está que a sua primeira estação não podia ser ao rio Ana ou Guadiana porque, nesse caso, em vez de passar ao norte da Serra d'Ossa tinha de passar ao sul pelo Redondo e Alandroal até Juromenha, sendo o seu trajecto mais longo e cortado por mais ribeiras.

E aqui lamento que o marco descrito por Flores[2] e achado numa herdade a três léguas de Evora, marcando a distância de doze milhas, ficasse inútil para as nossas pesquisas por não se dizer onde ficava a dita herda

---

(1) De antiquit. Lusit., f. 153.
(2) Tom. 14, pág. 112.

de e qual o seu nome próprio.

Dipone é nome desconhecido entre os geógrafos e designava por certo algum vico ou aldeia; porém, de "Evandria" faz menção Ptolomeu, no caminho e já perto de Mérida. Talvez que Evandriana seja a mesma Evandria com o distintivo "Anae" (do Guadiana), em cujas proximidades ficava necessariamente, ou então outra, e em todo o caso a do Itinerário é "Evandria do Guadiana".

Notícias posteriores, se forem procuradas, confirmarão que esta via militar atravessava o Caia entre Elvas e Campo Maior, passando ao norte de Badajoz para subir até Mérida.

O mais fica à conta dos que empreenderem estudar este assunto. Quanto a mim, se arquivo aqui estas curtas observações, foi só com o fim de os auxiliar nessa pesquisa, e não ficarem no silêncio infrutífero coisas que se a mim não serviram para os meus intuitos podem servir para os de outrem.

INDICE
DAS
MATERIAS CONTIDAS NESTE SEGUNDO VOLUME

****

CAPITULO VI - Resenha de vários vestígios da antiga povoação de Vila Viçosa. - Notícia da Côrte do Pretor e do vico ou bairro da Aldeia dos búgios, que hoje se chama simplesmente - Aldeia..... 9

CAPITULO VII - Explicação do nome Calípole, dado a Vila Viçosa. - Quem foi o seu autor, quando começou a ser usado vulgarmente e como deve escrever-se..... 38

CAPITULO VIII - O Deus Endovélico e seu templo. - Quando e por quem foi fundado. - Opiniões sobre o nome e natureza desta divindade gentílica. - Resenha das lápides que lhe dizem respeito com a interpretação dos seus letreiros. - Diversas notícias sobre o seu culto. - Resolução definitiva das dúvidas sobre o lugar, em que esteve o célebre templo. - Viagem do autor a Terena e cópia de novas inscrições ainda inéditas. - Destino que tiveram os restos da arquitectura do mesmo templo. - Outras notícias correlativas..... 42

CAPITULO IX - Vestígios da povoação romana dos campos de Bencatel. - Lápides com inscrições, estátuas e moedas..... 71

O PRÓXIMO VOLUME SAIRÁ EM MAIO

IMPRESSO POR GRAFICA CALIPOLENSE
VILA VIÇOSA
TIRAGEM 1 500 EXEMPLARES

ABRIL 1983

MEMÓRIAS
de
VILA VIÇOSA

É uma extensa monografia elaborada no século XIX pelo Padre Joaquim José da Rocha Espanca cujo manuscrito se encontra arquivado na Biblioteca da Câmara Municipal de Vila Viçosa.

Investigação duma profundidade pouco comum, representa hoje um contributo importante para a divulgação principalmente da História e Etnografia da região.

Dada a extensão da obra cujo original é composto por cinco Tomos de quase mil páginas manuscritas cada, dividir-se-á cada Tomo em cinco volumes. Prevê-se ainda a publicação de outro trabalho do mesmo autor editado em 1894 sob o título "Estudo sobre as Antas e seus congéneres" de que foram impressos somente 200 exemplares.